

VIRGINIA WOOLF

Um teto todo seu

Tradução do Varginha Connect



VIRGINIA WOOLF

Um teto todo seu

A Room of One's Own · 1929

Tradução do Varginha Connect

CLÁSSICOS DO VARGINHA CONNECT · VOLUME 2



VARGINHA CONNECT

DADOS DA EDIÇÃO

Woolf, Virginia, 1882-1941

Um teto todo seu / Virginia Woolf ; tradução do Varginha Connect ; prefácio de Bento Fólio ; posfácio de J. Steinenberg. — Varginha : Varginha Connect, 2026.

161 p. ; A5 (148 × 210 mm)

(Clássicos do Varginha Connect ; v. 2)

Título original: *A Room of One's Own*. Londres, 1929.

Inclui nota da autora, nota do editor com 49 notas e sumário.

Edição digital (PDF e EPUB). Distribuição gratuita. Sem ISBN.

Ficha elaborada pela redação do Varginha Connect. Não é ficha CIP: esta edição não tem ISBN nem catalogação na publicação feita por biblioteca.

Sobre esta edição

Esta edição traduz *A Room of One's Own* (1929), de Virginia Woolf, a partir do original inglês, em domínio público no Brasil desde 1º de janeiro de 2012 (Lei 9.610/98, art. 41). O texto de partida é a transcrição do Project Gutenberg Australia.

O rascunho da tradução foi feito por um modelo de inteligência artificial, o Gemini, do Google, um capítulo por vez, seguindo um glossário do jornal. Cada capítulo foi revisado, parágrafo por parágrafo, contra o original inglês por outro modelo, o Claude Sonnet, da Anthropic, e cada correção proposta foi conferida de novo contra o original, também com o auxílio do Claude, antes de entrar no texto.

Antes da publicação, a tradução foi lida por inteiro pelo editor do Varginha Connect.

Bento Fólio, que assina o prefácio, e J. Steinenberg, que assina o posfácio, são personagens do Varginha Connect criados com inteligência artificial, como os demais colunistas do jornal. As citações que fazem foram tiradas desta tradução e conferidas contra ela.

Na nota de abertura de Woolf, dois erros de digitação da transcrição foram corrigidos (Newnham e ODTAA). As notas de rodapé da autora aparecem entre colchetes, no ponto em que ela as pôs.

A ilustração da capa foi criada para esta edição. Nenhuma capa, ilustração ou projeto gráfico de edição anterior foi reproduzido.

Prefácio

Um teto todo seu: convite ao leitor

Há uma frase que a autora solta quase em desculpa, no meio de uma longa hesitação sobre o que poderia dizer de definitivo a respeito da mulher e da ficção: “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se quiser escrever ficção”. É uma frase modesta, dita como quem reduz um problema imenso a uma questão de aluguel e salário. Gosto dela justamente por isso: troca a solenidade do assunto por um fato que qualquer leitor pode conferir na própria vida, e é dessa troca que nasce o livro inteiro.

Este texto que o leitor tem nas mãos começou como duas palestras, lidas em outubro de 1928 na Arts Society, em Newnham, e na ODTAA, em Girton. A própria autora avisa, logo na abertura, que eram longas demais para ser lidas por inteiro e que depois foram alteradas e ampliadas. Vale guardar esse dado: o livro tem a estrutura de uma conferência que se recusou a terminar no horário e continua pensando em voz alta muito além do tempo que lhe deram.

Mais adiante, ao ler o romance de Mary Carmichael, uma escritora do seu tempo, a narradora tropeça numa frase que a detém: “Chloe gostava de Olivia”. Ela mesma explica por que parou ali: era talvez a primeira vez, na literatura, que duas mulheres apareciam ligadas por algo que não fosse um homem. A observação é pequena, quase um comentário de rodapé, mas desmonta séculos de personagens femininas vistas de perfil,

sempre em relação a um marido ou a um amante. É desse tipo de reparo, feito de passagem, que o ensaio está cheio.

Há também um aviso que funciona como eixo do livro: “é fatal para quem escreve pensar em seu sexo”. Poderia soar como recuo, mas não é. A autora não está pedindo que se esqueça da condição de mulher, e sim que a mente de quem escreve use os dois lados de si mesma, sem se fechar em queixa nem em vaidade. É um ensaio, no fim das contas, e por isso pode se dar ao luxo de mudar de ideia, de duvidar da própria conclusão, de rir de si mesma no meio do argumento; não é um tratado, e ganha com isso.

Esta edição traduz *A Room of One's Own* diretamente do original inglês, hoje em domínio público. Vale lembrar de onde vem: de uma escritora que também assinou *Mrs Dalloway*, *To the Lighthouse* e *Orlando*, e que aqui trocou o romance pelo ensaio sem perder o ouvido para a frase bem construída.

No fim, depois de inventar uma irmã de Shakespeare e de lamentar tudo o que ela não pôde escrever, a autora arrisca uma aposta: “os grandes poetas não morrem; são presenças que continuam”. Trocando em miúdos: o que falta a uma pessoa para escrever raramente é talento, e quase sempre é tempo, dinheiro e uma porta que feche. Fica o convite para verificar, página a página, se a aposta se sustenta.

Bento Fólio

Varginha, 6 de outubro de 2026

Nota da autora

Este ensaio se baseia em duas palestras lidas na Arts Society, em Newnham, e na ODTAA, em Girton, em outubro de 1928. As palestras eram longas demais para ser lidas por inteiro e, desde então, foram alteradas e ampliadas.

Sumário

Prefácio	i
Nota da autora	iii
Capítulo 1	1
Capítulo 2	28
Capítulo 3	48
Capítulo 4	68
Capítulo 5	94
Capítulo 6	114
Sobre a autora	138
Posfácio	139
Nota do editor	143

Capítulo 1

Mas, vocês podem dizer, nós lhe pedimos para falar sobre as mulheres e a ficção — o que isso tem a ver com um teto todo seu? Vou tentar explicar. Quando vocês me pediram para falar sobre as mulheres e a ficção, sentei-me às margens de um rio e pus-me a pensar sobre o que aquelas palavras significavam. Poderiam significar simplesmente algumas observações sobre Fanny Burney¹²; um pouco mais sobre Jane Austen¹⁴; um tributo às irmãs Brontë e um esboço da casa paroquial de Haworth⁴⁷ sob a neve; algumas tiradas espirituosas, se possível, sobre Miss Mitford¹⁸; uma alusão respeitosa a George Eliot¹⁷; uma menção à Sra. Gaskell, e a tarefa estaria encerrada. Mas, à segunda vista, as palavras não pareciam tão simples. O título as mulheres e a ficção podia significar, e talvez fosse a intenção de vocês, as mulheres e como elas são; ou podia significar as mulheres e a ficção que escrevem; ou ainda as mulheres e a ficção que se escreve sobre elas; ou podia significar que, de alguma maneira, essas três coisas estão inextricavelmente entrelaçadas e vocês gostariam que eu as considerasse sob esse prisma. No entanto, quando comecei a considerar o tema deste último modo, que me parecia o mais interessante, logo vi que havia um entrave fatal. Eu nunca seria capaz de chegar a uma conclusão. Eu nunca seria capaz de cumprir o que compreendo ser o primeiro dever de um conferencista: entregar-lhes, após uma hora de palestra, uma

pepita de pura verdade para embrulhar entre as folhas de seus cadernos e guardar para sempre sobre a lareira. Tudo o que eu podia fazer era lhes oferecer uma opinião sobre um ponto menor: uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se quiser escrever ficção; e isso, como verão, deixa sem resposta o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. Esquivei-me do dever de chegar a uma conclusão sobre essas duas questões — as mulheres e a ficção continuam a ser, no que me diz respeito, problemas insolúveis. Mas, para me redimir de alguma forma, farei o que estiver ao meu alcance para lhes mostrar como cheguei a essa opinião a respeito do teto e do dinheiro. Vou desenvolver na presença de vocês, tão ampla e livremente quanto puder, o encadeamento de pensamentos que me levou a pensar assim. Talvez, se eu expuser abertamente as ideias e os preconceitos que estão por trás dessa afirmação, vocês percebam que eles têm alguma ligação com as mulheres e alguma com a ficção. De todo modo, quando um tema é altamente controverso — e qualquer questão relativa a sexo o é —, não se pode esperar dizer a verdade. Só se pode mostrar como se chegou a sustentar qualquer opinião que se sustente. Só se pode dar à plateia a oportunidade de tirar suas próprias conclusões ao observar as limitações, os preconceitos e as idiossincrasias da oradora. É provável que a ficção contenha aqui mais verdade do que o fato. Proponho-me, portanto, valendo-me de todas as liberdades e licenças concedidas a um romancista, a lhes contar a história dos dois dias que precederam minha vinda até aqui — como, curvada sob o peso do tema que vocês puseram sobre meus ombros, refleti sobre ele e deixei que entrasse e saísse

de minha vida diária. Não preciso dizer que o que estou prestes a descrever não existe de fato; Oxbridge³⁹ é uma invenção; Fernham³⁹ também o é; "eu" é apenas um termo conveniente para alguém que não possui existência real. Mentiras brotarão de meus lábios, mas talvez haja alguma verdade misturada a elas; cabe a vocês garimpar essa verdade e decidir se alguma parte dela vale a pena ser guardada. Se não valer, vocês naturalmente atirarão tudo na lixeira e se esquecerão completamente do assunto.

Aqui estava eu, portanto (chamem-me de Mary Beton³⁹, Mary Seton³⁹, Mary Carmichael³⁹ ou pelo nome que preferirem — isso não tem a menor importância), sentada às margens de um rio há uma ou duas semanas, sob o belo clima de outubro, absorta em pensamentos. Aquela canga de que falei, as mulheres e a ficção, a necessidade de chegar a uma conclusão sobre um tema que suscita toda sorte de preconceitos e paixões, curvava minha cabeça até o chão. À direita e à esquerda, arbustos de algum tipo, dourados e carmesins, resplandeciam com a cor — e pareciam até arder com o calor — do fogo. Na margem oposta, os salgueiros choravam em perpétua lamentação, com os cabelos soltos sobre os ombros. O rio refletia o que bem entendesse do céu, da ponte e das árvores ardentes e, quando o universitário remava com seu barco por entre os reflexos, estes se fechavam novamente, por completo, como se ele jamais houvesse passado por ali. Poder-se-ia passar o dia inteiro ali, absorta em pensamentos. O pensamento — para dar-lhe um nome mais nobre do que ele merecia — lançara sua linha na correnteza. Ela oscilava, minuto após minuto, de um lado para o outro por entre os reflexos e as algas, deixando a água erguê-la e afundá-la até que — vocês

conhecem aquele leve puxão —, o súbito aglomerar-se de uma ideia na ponta da linha: e então o cuidadoso recolher e o meticuloso estendê-la na relva? Mas aí de mim: estendido sobre a grama, como parecia miúdo e insignificante aquele meu pensamento; o tipo de peixe que um bom pescador devolve à água para que engorde e um dia valha a pena ser cozinhado e comido. Não vou cansar vocês com esse pensamento agora, embora, se observarem com atenção, vocês mesmas possam encontrá-lo no decorrer do que vou dizer.

Mas, por menor que fosse, tinha, não obstante, a misteriosa propriedade de sua espécie: devolvido à mente, tornava-se de imediato empolgante e importante; e, à medida que disparava e submergia, e lampejava de cá para lá, provocava tamanho rebuliço e torvelinho de ideias que se tornava impossível permanecer sentada. Foi assim que me vi caminhando a passos rapidíssimos por um pedaço de gramado. No mesmo instante, a figura de um homem ergueu-se para me interceptar. A princípio, tampouco compreendi que os gesticulares daquele objeto de aspecto curioso, de fraque e camisa de gala, dirigiam-se a mim. Seu rosto estampava horror e indignação. O instinto, mais que a razão, veio em meu socorro: ele era um bedel; eu era uma mulher. Aquilo ali era o gramado; acolá ficava o caminho. Apenas os membros do corpo docente e os bolsistas têm permissão aqui; o cascalho é o meu lugar. Tais pensamentos levaram apenas um instante. Quando retomei o caminho, os braços do bedel baixaram, seu rosto reassumiu a serenidade habitual e, embora pisar na grama seja melhor do que andar no cascalho, nenhum mal maior se fez. A única acusação que eu poderia lançar contra

os membros e bolsistas do colégio que ali estivesse era que, para proteger seu gramado, que vinha sendo aplainado há trezentos anos consecutivos, haviam espantado meu peixinho para o esconderijo.

Que ideia fora aquela que me levara a invadir o espaço com tamanha audácia, eu já não conseguia me lembrar. O espírito da paz descia feito uma nuvem do céu, pois, se o espírito da paz habita algum lugar, é nos pátios e quadrângulos de Oxbridge numa bela manhã de outubro. Ao passear por aqueles colégios, passando por aqueles salões ancestrais, a aspereza do presente parecia suavizar-se; o corpo parecia encerrado numa milagrosa redoma de vidro pela qual nenhum ruído conseguia penetrar, e a mente, livre de qualquer contato com os fatos (a não ser que se invadissem a grama de novo), estava desimpedida para se dedicar a qualquer meditação que estivesse em harmonia com o instante. Quis o acaso que uma lembrança difusa de algum ensaio antigo sobre revisitar Oxbridge durante as férias de verão me trouxesse à memória Charles Lamb³ — São Charles, disse Thackeray⁵, levando uma carta de Lamb à própria testa. De fato, entre todos os mortos (relato a vocês meus pensamentos tais como me ocorreram), Lamb é um dos mais afáveis; alguém a quem se gostaria de dizer: conte-me então como você escreveu seus ensaios? Pois os ensaios dele são superiores até aos de Max Beerbohm⁶, pensei, com toda a perfeição destes, por causa daquele lampejo selvagem de imaginação, daquele estalo fulgurante de genialidade no meio deles que os deixa falhos e imperfeitos, mas salpicados de poesia. Lamb veio a Oxbridge, portanto, talvez há cem anos. Certamente escreveu um ensaio — o título me escapa — a respeito do

manuscrito de um dos poemas de Milton⁴ que vira aqui. Era *Lycidas*, talvez, e Lamb escreveu como o chocava pensar que fosse possível qualquer palavra de *Lycidas* ser diferente do que é. Imaginar Milton trocando as palavras daquele poema parecia-lhe uma espécie de sacrilégio. Isso me levou a recordar o que podia de *Lycidas* e a me divertir adivinhando que palavra teria sido aquela que Milton alterara, e por quê. Ocorreu-me então que o próprio manuscrito que Lamb examinara estava a poucas centenas de metros dali, de modo que se podiam seguir os passos de Lamb pelo quadrângulo até aquela famosa biblioteca onde o tesouro é guardado. Além do mais, recordei-me, ao pôr esse plano em execução, é nessa famosa biblioteca que o manuscrito de *Esmond*, de Thackeray, também se encontra preservado. A crítica diz com frequência que *Esmond* é o romance mais perfeito de Thackeray. Mas a afetação do estilo, com sua imitação do século XVIII, nos tolhe, até onde consigo me lembrar; a não ser, é claro, que o estilo do século XVIII fosse natural para Thackeray — fato que se poderia provar examinando o manuscrito e conferindo se as emendas visavam ao aprimoramento do estilo ou do sentido. Mas aí seria preciso decidir o que é estilo e o que é sentido, uma questão que... — mas eis que eu já estava bem em frente à porta que dá acesso à biblioteca propriamente dita. Devo tê-la aberto, pois no mesmo instante surgiu, feito um anjo da guarda a barrar a passagem agitando uma toga preta em vez de asas brancas, um cavalheiro pesaroso, prateado e gentil, que lamentou em voz baixa, enquanto gesticulava para que eu recuasse, que senhoras só são admitidas na biblioteca se acompanhadas por um membro do corpo docente ou munidas de uma carta de apresentação.

Que uma biblioteca famosa tenha sido amaldiçoada por uma mulher é motivo de perfeita indiferença para uma biblioteca famosa. Venerável e serena, com todos os seus tesouros trancados a salvo em seu peito, ela dorme com complacência e, no que depender de mim, continuará a dormir para sempre. Nunca hei de despertar aqueles ecos, nunca mais hei de pedir aquela acolhida, jurei enquanto descia os degraus tomada de raiva. Restava ainda uma hora para o almoço, e o que se haveria de fazer? Passear pelos prados? Sentar-se junto ao rio? Decerto era uma adorável manhã de outono; as folhas farfalhavam, vermelhas, em direção ao solo; não havia sacrifício algum em fazer qualquer uma das duas coisas. Mas o som de música chegou a meus ouvidos. Algum ofício ou celebração estava em andamento. O órgão lamentava-se magnificamente enquanto eu passava pela porta da capela. Até a dor do cristianismo soava, naquele ar sereno, mais como a recordação da dor do que a própria dor; até os gemidos daquele órgão ancestral pareciam envoltos em paz. Eu não tinha desejo algum de entrar, ainda que tivesse o direito, e desta vez o sacristão bem poderia ter me barrado, exigindo talvez minha certidão de batismo ou uma carta de recomendação do deão. Mas o exterior dessas construções magníficas costuma ser tão belo quanto o interior. Além disso, era bastante divertido observar a congregação a reunir-se, entrando e saindo, atarefando-se à porta da capela como abelhas na entrada de uma colmeia. Muitos trajavam capelo e beca; alguns tinham chumaços de pele sobre os ombros; outros eram conduzidos em cadeiras de rodas; outros ainda, embora não tivessem passado da meia-idade, pareciam enrugados e comprimidos em formas tão

singulares que lembravam aqueles caranguejos gigantes e lagostins que se arrastam penosamente pela areia de um aquário. Enquanto eu me apoiava no muro, a universidade de fato parecia um santuário no qual se preservam espécimes raros que logo estariam extintos se fossem deixados para lutar pela sobrevivência no calçamento da Strand⁴⁴. Velhas histórias sobre velhos deões e velhos mestres me vieram à mente, mas antes que eu tomasse coragem para assobiar — costumava-se dizer que, ao som de um assobio, o velho professor *** desatava imediatamente a galopar —, a venerável congregação já havia entrado. Restava a fachada da capela. Como vocês sabem, suas altas cúpulas e pináculos podem ser vistos, feito um veleiro que navega sempre sem nunca atracar, iluminados à noite e visíveis por quilômetros, lá longe, por sobre as colinas. Em outros tempos, presumivelmente, aquele quadrângulo, com seus gramados macios, seus edifícios maciços e a própria capela, fora também um pântano onde os capins ondulavam e os porcos fuçavam. Tropas de cavalos e bois, imaginei, devem ter puxado a pedra em carroças de terras distantes, e então, com infinito esforço, os blocos cinzentos sob cuja sombra eu agora me encontrava foram apurados em ordem, uns sobre os outros, e em seguida os pintores trouxeram o vidro para os vitrais, e os pedreiros labutaram durante séculos naquele telhado com massa e cimento, pá e colher. Todo sábado, alguém devia verter ouro e prata de uma bolsa de couro sobre os punhos calejados daqueles homens, pois eles bebiam sua cerveja e jogavam seu boliche, presume-se, ao entardecer. Um rio infindável de ouro e prata, pensei, deve ter fluído perpetuamente para este pátio a fim de garantir a chegada

constante das pedras e o trabalho dos pedreiros; para nivelar, abrir valas, escavar e drenar. Mas aquela era a era da fé, e o dinheiro jorrava generosamente para assentar essas pedras sobre um alicerce profundo; e, quando as pedras se ergueram, mais dinheiro ainda jorrou dos cofres de reis, rainhas e grandes nobres para garantir que hinos fossem cantados ali e que os eruditos fossem ensinados. Terras foram concedidas; díizimos foram pagos. E, quando a era da fé findou e veio a era da razão, o mesmo fluxo de ouro e prata continuou; bolsas de pesquisa foram fundadas; cargos de docência foram custeados; apenas o ouro e a prata fluíam agora não mais dos cofres do rei, mas das arcas de mercadores e industriais, dos bolsos de homens que haviam feito fortuna, digamos, com a manufatura, e restituíam, em testamento, uma generosa fatia para dotar mais cátedras, mais preleções, mais bolsas de estudo na universidade em que haviam aprendido seu ofício. Daí as bibliotecas e os laboratórios; os observatórios; o esplêndido equipamento de instrumentos caros e delicados que hoje repousa sobre prateleiras de vidro, onde séculos atrás o capim ondulava e os porcos fuçavam. Com certeza, enquanto eu caminhava ao redor do pátio, o alicerce de ouro e prata parecia assaz profundo; o calçamento, assentado solidamente sobre a relva bravia. Homens com bandejas sobre a cabeça transitavam apressados de uma escadaria a outra. Flores vistosas desabrochavam em floreiras nas janelas. Os acordes de um gramofone ressoavam das salas internas. Era impossível não refletir — mas a reflexão, qualquer que tivesse sido, foi bruscamente interrompida. O relógio bateu; era hora de me encaminhar para o almoço.

É um fato curioso que os romancistas tenham o costume de nos fazer crer que os almoços são invariavelmente memoráveis por alguma frase muito espirituosa que se disse, ou por algum ato muito sábio que se praticou. Mas raramente poupam uma única palavra para o que se comeu. Faz parte da convenção dos romancistas não mencionar a sopa, o salmão e os marrequinhos, como se sopa, salmão e marrequinhos não tivessem a menor importância, como se ninguém jamais fumasse um charuto ou bebesse uma taça de vinho. Aqui, contudo, tomarei a liberdade de desafiar essa convenção e dizer a vocês que o almoço, nesta ocasião, começou com linguados mergulhados numa travessa funda, sobre os quais o cozinheiro do colégio estendera uma cobertura de creme alvíssimo, salpicado aqui e ali por manchas tostadas como as pintas no flanco de uma corça. Depois vieram as perdizes, mas se isso lhes sugere duas avezinhas depenadas e marrons num prato, vocês estão enganadas. As perdizes, fartas e variadas, vieram com todo o seu séquito de molhos e saladas, os picantes e os adocicados, cada qual a seu tempo; suas batatas, finas feito moedas mas não tão duras; suas couves-de-bruxelas, folheadas como botões de rosa, mas mais suculentas. E mal se terminara o assado e seu séquito, o silencioso criado — o próprio bedel, talvez, numa manifestação mais branda — pôs diante de nós, envolta em guardanapos, uma iguaria que emergia, toda açúcar, das ondas. Chamá-la de pudim e, assim, aparentá-la ao arroz-doce e à tapioca seria um insulto. Enquanto isso, as taças de vinho coravam de amarelo e de carmesim; eram esvaziadas; eram cheias de novo. E assim, aos poucos, acendeu-se, a meia altura da espinha, que é a sede da alma, não aquela luzinha elétrica e

ríspida a que chamamos brilhantismo, que pisca e estala em nossos lábios, mas o resplendor mais profundo, sutil e subterrâneo que é a rica chama dourada do convívio racional. Nenhuma pressa. Nenhuma necessidade de brilhar. Nenhuma necessidade de ser outra pessoa senão nós mesmas. Iremos todas para o céu e Vandyck está na nossa companhia — em outras palavras, como a vida parecia boa, como eram doces suas recompensas, quão fútil este ou aquele ressentimento, quão admiráveis a amizade e o convívio com os nossos semelhantes enquanto, acendendo um bom cigarro, nos afundávamos nas almofadas do assento junto à janela.

Se por sorte houvesse um cinzeiro ao alcance da mão, se não se houvesse batido a cinza pela janela na falta de um, se as coisas tivessem sido um pouco diferentes do que foram, não se teria avistado, presumivelmente, um gato sem rabo. A visão daquele animal abrupto e truncado a caminhar macio pelo quadrângulo mudou, por algum capricho da inteligência subconsciente, a tonalidade emocional para mim. Foi como se alguém baixasse uma cortina. Talvez o excelente vinho do Reno estivesse perdendo o seu efeito. Com certeza, enquanto eu observava o gato manês⁴⁹ estacar no meio do gramado como se também interrogasse o universo, algo parecia faltar, algo parecia diferente. Mas o que faltava, o que era diferente, perguntei a mim mesma, escutando a conversa? E para responder a essa pergunta tive de me transportar em pensamento para fora da sala, de volta ao passado, antes da guerra, com efeito, e pôr diante dos olhos o modelo de outro almoço realizado em aposentos não muito distantes daqueles; mas diferente. Tudo era diferente. Enquanto isso, a

conversa prosseguia entre os convidados, que eram numerosos e jovens, alguns deste sexo, algumas daquele; transcorria às mil maravilhas, transcorria agradável, livre, divertida. E, à medida que continuava, eu a contrapunha ao pano de fundo daquela outra conversa e, ao emparelhar as duas, não tive dúvidas de que uma era a descendente, a herdeira legítima da outra. Nada havia mudado; nada era diferente a não ser — aqui apurei todos os meus ouvidos não inteiramente para o que estava sendo dito, mas para o murmúrio ou correnteza por trás das palavras. Sim, era isso — a mudança estava ali. Antes da guerra, num almoço como esse, as pessoas teriam dito exatamente as mesmas coisas, mas elas teriam soado diferentes, porque naqueles dias vinham acompanhadas de uma espécie de cantarolar, não articulado, mas musical, excitante, que alterava o próprio valor das palavras. Poderia-se verter em palavras esse cantarolar? Talvez com a ajuda dos poetas se pudesse... Um livro jazia a meu lado e, abrindo-o, dei com Tennyson¹ de modo assaz casual. E aqui descobri que Tennyson cantava:

*Caiu uma lágrima esplêndida
Da flor-da-paixão no portão.
Ela vem vindo, minha pomba, minha querida;
Ela vem vindo, minha vida, meu destino;
A rosa vermelha clama: "Está perto, está perto";
E a rosa branca chora: "Tarda demais";
A esporinha escuta: "Ouço, ouço";
E o lírio sussurra: "Espero."*

Era isso o que os homens cantarolavam nos almoços de antes da guerra? E as mulheres?

*Meu coração é como um pássaro cantor
Cujo ninho está num ramo regado;
Meu coração é como uma macieira
Cujos galhos vergam de frutos cerrados;
Meu coração é como uma concha furta-cor
Que rema num mar sereno;
Meu coração é mais alegre que tudo isso
Porque meu amor veio a mim.*

Era isso o que as mulheres cantarolavam nos almoços de antes da guerra?

Havia algo de tão risível em pensar em pessoas cantarolando tais coisas, ainda que entre dentes, nos almoços de antes da guerra, que desatei a rir e tive de justificar meu riso apontando para o gato manês, que parecia mesmo um tanto absurdo, pobre bicho, sem rabo, no meio do gramado. Teria ele nascido assim de verdade, ou perdera a cauda num acidente? O gato sem rabo, embora se diga que existam alguns na Ilha de Man⁴⁹, é mais raro do que se pensa. É um bicho esquisito, mais pitoresco que belo. É estranho ver a diferença que um rabo faz — vocês sabem o tipo de coisa que se diz quando o almoço chega ao fim e as pessoas começam a procurar seus casacos e chapéus.

Aquele almoço, graças à generosidade do anfitrião, estendera-se pela tarde adentro. O belo dia de outubro ia esmorecendo e as folhas tombavam das árvores na alameda enquanto eu a percorria. Portão após portão parecia fechar-se com suave

irrevogabilidade atrás de mim. Inumeráveis bedéis encaixavam inumeráveis chaves em fechaduras bem lubrificadas; a casa do tesouro estava sendo trancada com segurança para mais uma noite. Depois da alameda, desemboca-se numa estrada — não me lembro do nome dela — que leva, se vocês tomarem a curva certa, direto a Fernham. Mas havia tempo de sobra. O jantar seria só às sete e meia. Quase se poderia passar sem o jantar depois de um almoço como aquele. É estranho como um fragmento de poesia opera na mente e faz as pernas marcharem no seu compasso pela estrada afora. Aquelas palavras

Caiu uma lágrima esplêndida

Da flor-da-paixão no portão.

Ela vem vindo, minha pomba, minha querida

cantavam em meu sangue enquanto eu caminhava ligeira em direção a Headingley⁴⁰. E então, passando para o outro compasso, cantei, no trecho onde as águas se revolvem no açude:

Meu coração é como um pássaro cantor

Cujo ninho está num ramo regado;

Meu coração é como uma macieira...

Que poetas, exclamei em voz alta, como se faz ao crepúsculo, que poetas eles eram!

Numa espécie de ciúme, suponho, pela nossa própria época, por mais tolas e absurdas que sejam essas comparações, continuei a me perguntar se, com toda a honestidade, seria possível nomear dois poetas vivos hoje tão grandes quanto Tennyson e Christina Rossetti² foram outrora. Evidentemente é impossível, pensei,

fitando aquelas águas espumantes, compará-los. A razão mesma pela qual essa poesia nos desperta tamanho arrebatamento, tamanho enlevo, é que ela celebra algum sentimento que se costumava ter (nos almoços de antes da guerra, talvez), de modo que se reage com facilidade, familiarmente, sem se dar ao trabalho de conferir o sentimento, ou de compará-lo com qualquer outro que se tenha agora. Mas os poetas vivos exprimem um sentimento que está de fato sendo forjado e arrancado de nós neste exato instante. Para começar, não o reconhecemos; com frequência, por algum motivo, o tememos; nós o espreitamos com acuidade e o comparamos com ciúme e desconfiança àquele velho sentimento já conhecido. Daí a dificuldade da poesia moderna; e é por causa dessa dificuldade que não se consegue lembrar de mais de dois versos consecutivos de nenhum bom poeta moderno. Por esse motivo — porque a memória me falhou —, o argumento esmoreceu por falta de matéria. Mas por que, continuei, avançando em direção a Headingley, deixamos de cantarolar baixinho nos almoços? Por que Alfred parou de cantar

Ela vem vindo, minha pomba, minha querida.

Por que Christina parou de responder

Meu coração é mais alegre que tudo isso

Porque meu amor veio a mim?

Devemos lançar a culpa na guerra? Quando os canhões rugiram em agosto de 1914, teriam os rostos de homens e mulheres se revelado com tamanha nitidez aos olhos uns dos outros a ponto de matar o romance? Sem dúvida foi um choque (para as mulheres em particular, com suas ilusões sobre a educação, e

assim por diante) ver os rostos de nossos governantes à luz dos disparos de artilharia. Pareciam tão feios — alemães, ingleses, franceses —, tão estúpidos. Mas culpe-se o que se quiser, culpe-se a quem se quiser, a ilusão que inspirou Tennyson e Christina Rossetti a cantar com tanta paixão a chegada de seus amores é muito mais rara hoje do que outrora. Basta ler, olhar, escutar, lembrar. Mas por que falar em "culpa"? Por que, se era uma ilusão, não louvar a catástrofe, qualquer que tenha sido, que aniquilou a ilusão e pôs a verdade em seu lugar? Pois a verdade... essas reticências marcam o ponto em que, em busca da verdade, perdi a curva que sobe para Fernham. Sim, na verdade, o que era a verdade e o que era a ilusão? Perguntei a mim mesma. Qual era a verdade sobre essas casas, por exemplo, agora indistintas e festivas com suas janelas avermelhadas no crepúsculo, mas cruas, vermelhas e esqueléticas, com seus doces e cadarços de sapatos, às nove horas da manhã? E os salgueiros, o rio e os jardins que descem até o rio, agora imprecisos sob a névoa que se esgueira por eles, mas dourados e vermelhos sob a luz do sol — qual era a verdade, qual era a ilusão sobre eles? Pouco vocês das voltas e reviravoltas de minhas cogitações, pois conclusão alguma se colheu na estrada para Headingley, e peço que imaginem que logo percebi meu erro quanto à curva e voltei sobre meus passos rumo a Fernham.

Como já disse que se tratava de um dia de outubro, não ousei perder o respeito de vocês e pôr em risco a boa reputação da ficção mudando a estação e descrevendo lilases pendendo sobre os muros dos jardins, açafrões, tulipas e outras flores da primavera. A ficção deve ater-se aos fatos, e quanto mais verídicos

forem os fatos, melhor será a ficção — é o que nos dizem. Portanto, ainda era outono e as folhas ainda estavam amarelas e caindo, aliás, um pouco mais depressa, um pouco mais rápido do que antes, porque já era noite (sete e vinte e três, para ser precisa) e uma brisa (de sudoeste, para ser exata) havia se levantado. Mas, apesar de tudo isso, algo estranho operava:

Meu coração é como um pássaro cantor

Cujo ninho está num ramo regado;

Meu coração é como uma macieira

Cujos galhos vergam de frutos cerrados

talvez os versos de Christina Rossetti fossem em parte responsáveis pelo desatino da imaginação — e não passava, decerto, de imaginação — de que o lilás sacudia suas flores sobre os muros do jardim, e que borboletas amarelas esvoaçavam de um lado para outro, e a poeira do pólen pairava no ar. Soprou um vento, de que quadrante não sei, mas ergueu as folhas a meio crescer, de modo que houve um clarão de cinza-prateado no ar. Era aquela hora entre duas luzes, quando as cores se intensificam e os púrpuras e dourados ardem nas vidraças feito a pulsação de um coração excitável; quando, por alguma razão, a beleza do mundo revelada e, no entanto, prestes a perecer (aqui entrei no jardim, pois, imprudentemente, a porta fora deixada aberta e nenhum bedel parecia por perto), a beleza do mundo que tão cedo há de perecer tem dois gumes, um de riso, outro de angústia, partindo o coração ao meio. Os jardins de Fernham estendiam-se diante de mim no crepúsculo primaveril, bravios e abertos, e na relva alta, salpicados e espalhados ao acaso, havia narcisos e

campainhas, pouco disciplinados mesmo nas melhores ocasiões e, agora, açoitados pelo vento e ondulando enquanto puxavam as próprias raízes. As janelas do edifício, curvas como as de um navio em meio a ondas generosas de tijolos vermelhos, mudavam de limão para prata sob a revoada das velozes nuvens de primavera. Alguém estava numa rede; alguém, mas àquela luz não passavam de fantasmas, meio adivinhados, meio vistos, disparou pela relva — será que ninguém iria detê-la? — e então no terraço, como se surgisse para respirar o ar fresco, para relancear os olhos pelo jardim, surgiu uma figura recurva, formidável e no entanto humilde, com sua testa avantajada e seu vestido puído — seria a famosa erudita, seria a própria J*** H***? Tudo era difuso, mas intenso também, como se o xale que o crepúsculo lançara sobre o jardim tivesse sido rasgado por uma estrela ou uma espada — o talho de alguma realidade terrível irrompendo, como lhe é próprio, do coração da primavera. Pois a juventude —

Eis a minha sopa. O jantar estava sendo servido no grande refeitório. Longe de ser primavera, era de fato uma noite de outubro. Todas estavam reunidas no grande salão de jantar. O jantar estava servido. Eis a sopa. Era uma rala sopa de caldo de carne. Não havia nada nela para atizar a imaginação. Podia-se ver através do líquido transparente qualquer desenho que porventura houvesse no próprio prato. Mas não havia desenho algum. O prato era liso. A seguir veio carne bovina com seus acompanhamentos de verduras e batatas — uma trindade singela, a sugerir a anca do gado num mercado enlameado, e couves encaracoladas e amareladas nas pontas, e pechinchas e regateios e mulheres com sacolas de feira na manhã de segunda-feira. Não havia razão para

se queixar do alimento cotidiano da natureza humana, uma vez que a porção era farta e os mineiros de carvão sem dúvida comiam menos ao se sentarem à mesa. Seguiram-se ameixas-pretas com creme. E, se alguém se queixar de que as ameixas-pretas, mesmo amenizadas pelo creme, são um vegetal descaridoso (frutas não são), fibroso como o coração de um avarento e exsudando um líquido como o que talvez corra nas veias de avarentos que se privaram de vinho e calor durante oitenta anos sem contudo darem nada aos pobres, deveria ponderar que há pessoas cuja caridade abraça até mesmo a ameixa-preta. Vieram em seguida biscoitos e queijo, e aqui a jarra de água circulou com abundância, pois é da índole dos biscoitos serem secos, e estes eram secos até a medula. Foi só. A refeição chegara ao fim. Todas arrastaram suas cadeiras para trás; as portas de vaivém bateram com força de cá para lá; logo o salão foi esvaziado de qualquer vestígio de comida e preparado, decerto, para o café da manhã do dia seguinte. Pelos corredores abaixo e pelas escadas acima, a juventude da Inglaterra subia e descia batendo portas e cantando. E cabia a uma convidada, uma estranha (pois eu não tinha mais direito de estar ali em Fernham do que em Trinity⁴², Somerville⁴², Girton⁴¹, Newnham⁴¹ ou Christchurch⁴²), dizer: "O jantar não estava bom", ou dizer (estávamos agora, Mary Seton e eu, em sua sala de estar): "Não poderíamos ter jantado sozinhas aqui em cima?"; pois, se eu tivesse dito qualquer coisa desse tipo, estaria bisbilhotando e vasculhando a economia secreta de uma casa que, para os estranhos, ostenta uma fachada tão bela de regozijo e coragem. Não, não se podia dizer nada do gênero. Com efeito, a conversa

esmoreceu por um instante. Sendo a compleição humana o que é, coração, corpo e cérebro todos misturados, e não contidos em compartimentos estanques como decerto estarão daqui a mais um milhão de anos, um bom jantar é de suma importância para uma boa conversa. Não se pode pensar bem, amar bem, dormir bem se não se jantou bem. A lâmpada na espinha dorsal não se acende à base de carne e ameixas-pretas. PROVAVELMENTE iremos todas para o céu, e ESPERAMOS que Vandyck nos receba na próxima esquina — eis o estado de espírito hesitante e condicional que carne bovina e ameixas-pretas geram entre si ao fim da jornada de trabalho. Por sorte, minha amiga, que ensinava ciências, tinha um armário onde havia uma garrafa bojuda e copinhos — (mas deveria ter havido linguado e perdiz para começar) —, de modo que pudemos nos achegar ao fogo e reparar alguns dos danos do viver diário. Em um minuto ou dois, deslizávamos com liberdade entre todos aqueles assuntos de curiosidade e interesse que se formam na mente durante a ausência de uma pessoa específica e que são naturalmente debatidos ao nos reencontrarmos — fulana casou, sicrana não; uma acha isto, a outra aquilo; uma melhorou irreconhecivelmente, a outra descambou para o pior de modo assombroso —, com todas aquelas conjecturas sobre a natureza humana e o caráter do mundo surpreendente em que vivemos, as quais brotam espontaneamente de tais começos. Enquanto essas coisas eram ditas, contudo, dei-me conta, com certo acanhamento, de uma correnteza que se insinuava por conta própria e arrastava tudo para o seu próprio rumo. Podia-se estar falando da Espanha ou de Portugal, de um livro ou de um cavalo

de corrida, mas o verdadeiro interesse do que quer que se dissesse não residia em nenhuma dessas coisas, mas numa cena de pedreiros num telhado alto cerca de cinco séculos atrás. Reis e nobres traziam tesouros em enormes sacos e os despejavam sob a terra. Essa cena revivia sem cessar em minha mente, colocando-se ao lado de outra, de vacas magras, um mercado lamacento, verduras murchas e o coração ressequido de velhos — esses dois quadros, desarticulados, desconexos e sem sentido como eram, viviam se encontrando e se enfrentando, deixando-me inteiramente à sua mercê. A melhor saída, a menos que toda a conversa fosse desvirtuada, era expor ao ar o que me ia pela mente, quando então, com uma pitada de sorte, desvaneceria e viraria pó como a cabeça do rei morto quando abriram o caixão em Windsor. Em suma, contei a Miss Seton sobre os pedreiros que haviam passado todos aqueles anos sobre o telhado da capela, e sobre os reis, rainhas e nobres carregando sacos de ouro e prata nos ombros, que eles descarregavam na terra; e depois sobre como os grandes magnatas das finanças de nossos dias vieram e depositaram cheques e títulos da dívida, presumo, onde os outros haviam assentado lingotes e blocos brutos de ouro. Tudo isso jaz sob os colégios lá embaixo, disse eu; mas este colégio, onde agora estamos sentadas, o que jaz sob seus bravos tijolos vermelhos e a relva indômita e descuidada do jardim? Que força está por trás dessa louça simples na qual jantamos e (aqui a coisa escapuliu de minha boca antes que eu pudesse contê-la) da carne de vaca, do creme e das ameixas-pretas?

Bem, disse Mary Seton, por volta do ano de 1860 — Ah, mas você conhece a história, disse ela, entediada, suponho, com o

relato. E ela me contou: alugaram-se salas. Comitês reuniram-se. Endereçaram-se envelopes. Redigiram-se circulares. Fizeram-se reuniões; cartas foram lidas em voz alta; fulano prometeu tal quantia; ao contrário, o Sr. *** não dará um centavo sequer. A *Saturday Review*⁴⁸ foi bastante indelicada. Como podemos angariar fundos para pagar escritórios? Vamos fazer um bazar beneficente? Não conseguimos encontrar uma moça bonita para sentar-se na primeira fila? Vamos consultar o que John Stuart Mill⁷ disse a respeito. Alguém consegue persuadir o editor do *** a publicar uma carta? Conseguimos que Lady *** assine? Lady *** está fora da cidade. Foi assim que se fez, presumivelmente, sessenta anos atrás, e foi um esforço prodigioso, e despendeu-se um tempo imenso com isso. E foi apenas depois de uma longa luta e com a máxima dificuldade que conseguiram juntar trinta mil libras.

[Nota: "Dizem-nos que deveríamos pedir pelo menos £30.000... Não é uma quantia vultosa, considerando que haverá de existir apenas um colégio deste tipo para a Grã-Bretanha, a Irlanda e as Colônias, e considerando como é fácil arrecadar somas imensas para escolas de rapazes. Mas, considerando quão poucas pessoas desejam de fato que as mulheres sejam instruídas, é uma quantia e tanto." — LADY STEPHEN, *EMILY DAVIES AND GIRTON COLLEGE*.]

É evidente, portanto, que não podemos ter vinho nem perdizes nem criados carregando travessas de estanho sobre a cabeça, disse ela. Não podemos ter sofás nem quartos separados. "O conforto", disse ela, citando um livro qualquer, "terá de esperar". [Nota: "Cada centavo que pôde ser raspado foi reservado para a construção, e o conforto teve de ser adiado." — R. STRACHEY, *THE CAUSE*.]

Ao pensamento de todas aquelas mulheres trabalhando ano após ano e achando penoso juntar duas mil libras, e fazendo o máximo que podiam para obter trinta mil libras, prorrompemos em desprezo ante a repreensível pobreza de nosso sexo. O que teriam feito nossas mães, afinal, que não nos deixaram riqueza alguma? Empoando o nariz? Olhando as vitrines das lojas? Pavoneando-se ao sol em Monte Carlo? Havia algumas fotografias sobre o consolo da lareira. A mãe de Mary — se era o retrato dela — talvez tivesse sido uma esbanjadora em suas horas vagas (teve treze filhos de um pastor da igreja), mas, se assim fora, sua vida alegre e dissipada deixara vestígios escassos demais de seus prazeres naquele rosto. Era uma mulher simples de corpo e feições; uma senhora idosa envolta num xale xadrez preso por um grande camafeu; e estava sentada numa cadeira de vime, incentivando um spaniel a olhar para a câmera, com a expressão divertida, porém tensa, de quem tem certeza de que o cão vai se mexer assim que a pera de borracha for apertada. Ora, se ela tivesse entrado no comércio; se tivesse se tornado fabricante de seda artificial ou uma magnata na Bolsa de Valores; se tivesse deixado duzentas ou trezentas mil libras para Fernham, poderíamos estar sentadas comodamente esta noite e o assunto de nossa conversa poderia ter sido arqueologia, botânica, antropologia, física, a natureza do átomo, matemática, astronomia, relatividade, geografia. Se ao menos Mrs Seton³⁹ e sua mãe, e a mãe de sua mãe antes dela, tivessem aprendido a grande arte de ganhar dinheiro e tivessem deixado seus recursos, como seus pais e avós antes deles, para fundar cátedras, preleções, prêmios e bolsas de estudo destinados ao uso de seu próprio sexo,

poderíamos ter jantado muito razoavelmente aqui em cima, a sós, uma ave e uma garrafa de vinho; poderíamos ter vislumbrado, sem excesso de confiança, uma vida inteira agradável e honrada, desfrutada ao abrigo de uma das profissões generosamente subvencionadas. Poderíamos ter andado explorando ou escrevendo; vagando pelos lugares veneráveis da terra; sentadas, contemplativas, nos degraus do Partenon, ou indo às dez para um escritório e voltando confortavelmente para casa às quatro e meia para escrever um pouco de poesia. Apenas que, se Mrs Seton e suas semelhantes tivessem entrado nos negócios aos quinze anos de idade, não teria havido — esse era o nó da questão — nenhuma Mary. O que, perguntei eu, Mary achava disso? Ali por entre as cortinas estava a noite de outubro, serena e adorável, com uma ou duas estrelas presas às árvores que amarelavam. Estaria ela disposta a renunciar à sua cota daquela noite e às suas lembranças (pois tinham sido uma família feliz, ainda que numerosa) de brincadeiras e desavenças lá na Escócia, que ela nunca se cansa de elogiar pela pureza de seu ar e pela qualidade de seus bolos, para que Fernham tivesse sido contemplado com cinquenta mil libras, mais ou menos, por uma penada? Pois dotar um colégio exigiria a supressão pura e simples das famílias. Fazer fortuna e parir treze filhos — nenhum ser humano aguentaria tal coisa. Consideremos os fatos, dissemos nós. Primeiro, há nove meses antes de o bebê nascer. Então o bebê nasce. Depois, gastam-se três ou quatro meses para amamentar o bebê. Depois de o bebê estar alimentado, passam-se certamente cinco anos brincando com o bebê. Não se pode, ao que parece, deixar as crianças correndo soltas pelas ruas. Pessoas que as viram correndo

desgovernadas na Rússia dizem que a visão não é nada agradável. Dizem também que a natureza humana ganha forma entre um e cinco anos de idade. Se Mrs Seton, disse eu, estivesse ganhando dinheiro, que espécie de lembranças você teria das brincadeiras e das brigas? O que teria conhecido da Escócia, do seu ar puro, dos bolos e de tudo o mais? Mas é inútil fazer essas perguntas, porque você jamais teria chegado a existir. Além disso, é igualmente inútil indagar o que poderia ter acontecido se Mrs Seton e sua mãe, e a mãe de sua mãe antes dela, tivessem acumulado grande riqueza e a tivessem colocado sob os alicerces do colégio e da biblioteca, porque, em primeiro lugar, ganhar dinheiro era-lhes impossível; e, em segundo, tivesse sido possível, a lei lhes negava o direito de possuir o dinheiro que ganhassem. É apenas nos últimos quarenta e oito anos que Mrs Seton teve um tostão que fosse dela. Por todos os séculos anteriores, teria sido propriedade de seu marido — um pensamento que talvez tenha tido sua cota de peso ao manter Mrs Seton e suas mães afastadas da Bolsa de Valores. Cada centavo que eu ganhar, terão dito elas, ser-me-á tirado e administrado segundo a sabedoria de meu marido — talvez para fundar uma bolsa de estudos ou subvencionar uma cátedra em Balliol⁴² ou Kings⁴² —, de modo que ganhar dinheiro, mesmo que eu pudesse fazê-lo, não é algo que me interesse muito. É melhor deixar isso para o meu marido.

De qualquer modo, recaísse ou não a culpa sobre a velha senhora que fitava o spaniel, não restava dúvida de que, por um motivo ou por outro, nossas mães haviam administrado seus negócios com gravíssima imperícia. Nem um centavo pôde ser poupado para o "conforto"; para perdizes e vinho, bedéis e

gramados, livros e charutos, bibliotecas e ócio. Erguer paredes nuas a partir da terra nua fora o máximo que conseguiram fazer.

Assim conversávamos, de pé junto à janela e contemplando, como tantos milhares contemplam todas as noites, as cúpulas e torres da famosa cidade estendida sob nós. Era belíssimo, misteriosíssimo ao luar de outono. A pedra antiga parecia alvíssima e venerável. Pensava-se em todos os livros que estavam reunidos lá embaixo; nos retratos de velhos prelados e vultos ilustres pendurados nas salas com lambris; nos vitrais coloridos que estariam projetando estranhos globos e crescentes sobre o calçamento; nas placas, memoriais e inscrições; nos chafarizes e na grama; nos aposentos silenciosos voltados para os quadrângulos silenciosos. E (perdoem-me o pensamento) pensei também no fumo e na bebida admiráveis, nas poltronas profundas e nos tapetes agradáveis; na afabilidade, na jovialidade, na dignidade que são filhas do luxo, da privacidade e do espaço. Por certo, nossas mães não haviam nos provido de nada comparável a tudo isso — nossas mães, que acharam difícil juntar trinta mil libras; nossas mães, que pariram treze filhos para pastores da igreja em St Andrews.

Voltei então para a minha hospedaria e, enquanto caminhava pelas ruas escuras, ponderei sobre isto e aquilo, como se faz ao fim da lida do dia. Ponderei sobre a razão pela qual Mrs Seton não tinha dinheiro para nos deixar; e que efeito a pobreza exerce sobre a mente; e que efeito a riqueza exerce sobre a mente; e pensei nos velhos e peculiares cavalheiros que eu vira naquela manhã com chumaços de pele sobre os ombros; e lembrei-me de como, ao se assobiar, um deles corria; e pensei no órgão

ressoando na capela e nas portas fechadas da biblioteca; e pensei em como é desagradável ficar trancada do lado de fora; e pensei em como talvez seja pior ficar trancada do lado de dentro; e, pensando na segurança e na prosperidade de um sexo e na pobreza e na insegurança do outro, e no efeito da tradição e da falta de tradição sobre a mente de quem escreve, pensei por fim que era hora de enrolar a pele amarrotada do dia, com suas discussões, suas impressões, sua cólera e seus risos, e atirá-la na cerca viva. Milhares de estrelas cintilavam pela imensidão azul do céu. Parecia estar-se a sós com uma sociedade inescrutável. Todos os seres humanos repousavam adormecidos — prostrados, horizontais, mudos. Ninguém parecia se mover pelas ruas de Oxbridge. Até a porta do hotel abriu-se de súbito ao toque de uma mão invisível — nenhum criado do hotel estava acordado para me alumiar até a cama, de tão tarde que era.

Capítulo 2

O cenário, se posso pedir a vocês que me acompanhem, estava agora mudado. As folhas continuavam a cair, mas em Londres agora, não em Oxbridge³⁹; e devo pedir a vocês que imaginem um quarto, semelhante a muitos milhares, com uma janela que dá, por sobre chapéus de transeuntes, furgões e automóveis, para outras janelas; e sobre a mesa, no interior do quarto, uma folha de papel em branco na qual estava escrito em letras grandes AS MULHERES E A FICÇÃO, e nada mais. A decorrência inevitável de ter almoçado e jantado em Oxbridge parecia, infelizmente, ser uma visita ao British Museum⁴³. Era preciso filtrar tudo o que havia de pessoal e acidental em todas aquelas impressões e assim atingir o fluido puro, o óleo essencial da verdade. Pois aquela visita a Oxbridge, o almoço e o jantar haviam suscitado um enxame de perguntas. Por que os homens bebiam vinho e as mulheres água? Por que um sexo era tão próspero e o outro tão pobre? Que efeito a pobreza exerce sobre a ficção? Quais condições são necessárias para a criação de obras de arte? — mil perguntas insinuavam-se de uma só vez. Mas precisava-se de respostas, não de perguntas; e uma resposta só poderia ser obtida consultando-se os eruditos e os desprovidos de preconceito, que se colocaram acima das disputas verbais e da confusão carnal e publicaram os resultados de seu raciocínio e pesquisa em livros que se encontram no British Museum. Se a verdade não puder ser

encontrada nas estantes do British Museum, onde, perguntei a mim mesma, pegando um caderno e um lápis, estará a verdade?

Assim munida, assim confiante e inquiridora, pus-me a caminho na busca da verdade. O dia, embora não chegasse a ser chuvoso, estava sombrio, e as ruas nos arredores do Museu estavam cheias de alçapões de carvão abertos, por onde sacos despencavam sem cessar; carruagens de quatro rodas paravam e descarregavam no calçamento baús amarrados com cordas, contendo, presumivelmente, todo o guarda-roupa de alguma família suíça ou italiana em busca de fortuna, de refúgio ou de outro bem almejado que se encontra nas pensões de Bloomsbury⁴³ no inverno. Os habituais homens de voz rouca desfilavam pelas ruas com plantas em carrinhos de mão. Alguns gritavam; outros cantavam. Londres parecia uma oficina. Londres parecia uma máquina. Éramos todos arremessados para a frente e para trás sobre essa base uniforme a fim de formar algum padrão. O British Museum era outro departamento da fábrica. As portas de vaivém se abriram; e ali estávamos sob a vasta cúpula, como se fôssemos um pensamento naquela enorme fronte calva tão esplendidamente cercada por uma faixa de nomes célebres. Ia-se ao balcão; apanhava-se uma papeleta; abria-se um volume do catálogo, e os cinco pontos aqui indicam cinco minutos distintos de estupefação, assombro e perplexidade. Vocês têm alguma ideia de quantos livros se escrevem sobre as mulheres no decurso de um ano? Têm alguma ideia de quantos são escritos por homens? Estão cientes de que são, talvez, o animal mais debatido de todo o universo? Aqui viera eu com um caderno e um lápis, propondo-me passar uma manhã a ler, supondo que ao final da manhã teria

transferido a verdade para o meu caderno. Mas eu precisaria ser uma manada de elefantes, pensei, e um deserto coalhado de aranhas — recorrendo desesperadamente aos animais tidos como os de vida mais longa e de olhos mais numerosos — para dar conta de tudo isso. Precisaria de garras de aço e bico de bronze até mesmo para romper a casca. Como é que hei de encontrar os grãos de verdade incrustados em toda essa montanha de papel? Perguntei a mim mesma e, em desespero, comecei a correr os olhos para cima e para baixo pela longa lista de títulos. Até os nomes dos livros me deram o que pensar. O sexo e sua natureza bem poderiam atrair médicos e biólogos; mas o que era surpreendente e de difícil explicação era o fato de que o sexo — a mulher, vale dizer — também atrai ensaístas amenos, romancistas ligeiros, rapazes recém-saídos do mestrado; homens sem diploma algum; homens sem nenhuma qualificação visível, exceto o fato de não serem mulheres. Alguns desses livros eram, à primeira vista, frívolos e jocosos; mas muitos, por outro lado, eram graves e proféticos, moralistas e exortativos. A simples leitura dos títulos sugeria uma infinidade de mestres-escolas, uma infinidade de clérigos subindo a seus tablados e púlpitos e discursando com uma loquacidade que excedia de longe a hora habitualmente concedida a pregações sobre esse único assunto. Era um fenômeno dos mais singulares; e aparentemente — consulte aqui a letra M — restrito ao sexo masculino. As mulheres não escrevem livros sobre os homens — fato que não pude deixar de acolher com alívio, pois se eu tivesse primeiro que ler tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres, e depois tudo o que as mulheres escreveram sobre os homens, o aloés que floresce uma

vez a cada cem anos floresceria duas vezes antes que eu pudesse pôr a pena no papel. Assim, fazendo uma escolha inteiramente arbitrária de uma dúzia de volumes, mais ou menos, entreguei minhas papeletas para descansarem na bandeja de arame e esperei na minha bancada, entre os outros garimpeiros do óleo essencial da verdade.

Qual poderia ser a razão, então, dessa curiosa disparidade, perguntei a mim mesma, desenhando rodas de carroça nas papeletas fornecidas pelo contribuinte britânico para outros fins. Por que as mulheres, a julgar por este catálogo, são muito mais interessantes para os homens do que os homens para as mulheres? Parecia um fato sobremodo curioso, e minha mente divagava imaginando a vida dos homens que passam o tempo escrevendo livros sobre mulheres: se eram velhos ou jovens, casados ou solteiros, de nariz vermelho ou corcundas — de todo modo, era lisonjeiro, ainda que vagamente, sentir-se objeto de tamanha atenção, desde que não fosse dedicada inteiramente pelos aleijados e enfermos —, e assim ponderei até que todos esses pensamentos frívolos foram interrompidos por uma avalanche de livros deslizando sobre a mesa diante de mim. Aí começaram as dificuldades. O estudante treinado em pesquisa em Oxbridge tem, sem dúvida, algum método para pastorear sua pergunta por entre todas as distrações até que ela entre na resposta, tal como a ovelha corre para o aprisco. O estudante a meu lado, por exemplo, que copiava assiduamente de um manual científico, estava, eu tinha certeza, extraindo pepitas puras do minério essencial a cada dez minutos, aproximadamente. Seus leves resmungos de satisfação assim o indicavam. Mas se, infelizmente, não se

recebeu preparo universitário, a pergunta, longe de ser pastoreada até o aprisco, dispersa feito rebanho assustado para lá e para cá, em debandada, acossada por uma matilha inteira de cães de caça. Professores, mestres-escolas, sociólogos, clérigos, romancistas, ensaístas, jornalistas, homens sem outra qualificação senão a de não serem mulheres perseguiam minha pergunta simples e única — Por que algumas mulheres são pobres? — até ela se transformar em cinquenta perguntas; até as cinquenta perguntas saltarem freneticamente no meio da correnteza e serem arrastadas pelas águas. Todas as páginas do meu caderno estavam rabiscadas de anotações. Para mostrar a vocês o estado de espírito em que me encontrava, vou ler algumas delas, esclarecendo que a página trazia como cabeçalho, muito simplesmente, AS MULHERES E A POBREZA, em letras de forma; mas o que vinha a seguir era algo como isto:

*Condição na Idade Média das,
Costumes nas Ilhas Fiji das,
Adoradas como deusas por,
Mais fracas em senso moral do que,
Idealismo das,
Maior escrúpulo de consciência das,
Nativos dos Mares do Sul, idade da puberdade entre os,
Poder de atração das,
Oferecidas em sacrifício a,
Tamanho reduzido do cérebro das,
Subconsciência mais profunda das,
Menos pelos no corpo das,
Inferioridade mental, moral e física das,*

*Amor às crianças das,
 Maior longevidade das,
 Músculos mais fracos das,
 Força dos afetos das,
 Vaidade das,
 Ensino superior das,
 Opinião de Shakespeare³⁸ sobre as,
 Opinião de Lord Birkenhead²⁵ sobre as,
 Opinião do Deão Inge²⁶ sobre as,
 Opinião de La Bruyère²⁴ sobre as,
 Opinião do Dr. Johnson²⁰ sobre as,
 Opinião do Sr. Oscar Browning²¹ sobre as...*

Aqui tomei fôlego e anotei, na verdade, à margem: Por que Samuel Butler²³ afirma que "Os homens sábios nunca dizem o que pensam das mulheres"? Ao que parece, os homens sábios não dizem outra coisa. Mas, continuei, recostando-me na cadeira e olhando para a vasta cúpula na qual eu era um único pensamento, mas àquela altura já um tanto atormentado: o mais lamentável é que os homens sábios nunca pensam a mesma coisa a respeito das mulheres. Eis o que diz Pope³⁸:

A maioria das mulheres não tem caráter algum.

E eis La Bruyère:

As mulheres são extremas: são melhores ou piores do que os homens —

uma contradição direta por observadores agudos que foram contemporâneos. São elas capazes de instrução ou incapazes? Napoleão as considerava incapazes. O Dr. Johnson pensava o

oposto. [Nota: "Os homens sabem que as mulheres lhes são superiores em forças e, por isso, escolhem as mais fracas ou as mais ignorantes. Se não pensassem assim, jamais teriam medo de que as mulheres soubessem tanto quanto eles."... Em justiça ao belo sexo, julgo apenas sincero reconhecer que, numa conversa posterior, ele me disse que falava a sério. — BOSWELL, *THE JOURNAL OF A TOUR TO THE HEBRIDES*.] Têm elas alma ou não têm alma? Alguns selvagens dizem que não têm nenhuma. Outros, ao contrário, sustentam que as mulheres são semidivinas e as veneram por essa razão. [Nota: "Os antigos germanos acreditavam que havia algo de sagrado nas mulheres e, por conseguinte, consultavam-nas como oráculos." — FRAZER³⁰, *GOLDEN BOUGH*.] Alguns sábios sustentam que elas têm cérebro mais raso; outros, que possuem consciência mais profunda. Goethe³⁸ as homenageava; Mussolini³¹ as despreza. Para onde quer que se olhasse, os homens pensavam sobre as mulheres e pensavam de modo diferente. Era impossível entender qualquer coisa daquilo tudo, concluí, lançando um olhar de inveja ao leitor vizinho, que fazia resumos perfeitamente organizados, encabeçados com frequência por um A, um B ou um C, enquanto meu próprio caderno se desmandava no mais desordenado emaranhado de anotações contraditórias. Era desolador, era desconcertante, era humilhante. A verdade havia me escorrido por entre os dedos. Cada gota havia escapado.

Eu não poderia de modo algum ir para casa, refleti, e acrescentar como contribuição séria ao estudo das mulheres e da ficção que as mulheres têm menos pelos no corpo do que os homens, ou que a idade da puberdade entre os nativos dos Mares

do Sul é de nove anos — ou seriam noventa? —, pois até a caligrafia, em seu desvario, se tornara indecifrável. Era vergonhoso não ter nada mais substancial ou respeitável a apresentar depois de uma manhã inteira de trabalho. E se eu não conseguia apreender a verdade sobre W. (como, para abreviar, eu passara a chamá-la) no passado, por que me preocupar com W. no futuro? Parecia pura perda de tempo consultar todos aqueles cavalheiros que se especializam na mulher e no efeito dela sobre o que quer que seja — política, crianças, salários, moralidade —, numerosos e eruditos como são. Bem se poderia deixar seus livros fechados.

Mas enquanto eu ponderava, havia inconscientemente, em minha apatia, em meu desespero, feito um desenho onde deveria, como meu vizinho, estar redigindo uma conclusão. Havia desenhado um rosto, uma figura. Era o rosto e a figura do Professor von X³⁹ ocupado em escrever sua obra monumental intitulada A INFERIORIDADE MENTAL, MORAL E FÍSICA DO SEXO FEMININO. Ele não era, no meu desenho, um homem atraente para as mulheres. Era de complexão pesada; tinha uma queixada enorme; para equilibrar, tinha olhos pequeninos; era muito afoguedado no rosto. Sua expressão sugeria que labutava sob alguma emoção que o fazia cravar a pena no papel como se esmagasse algum inseto nocivo enquanto escrevia; mas, mesmo após tê-lo matado, isso não o satisfazia; ele precisava continuar matando; e, ainda assim, sobrava algum motivo para raiva e irritação. Seria a esposa dele?, perguntei-me, olhando para o meu desenho. Estaria ela apaixonada por um oficial da cavalaria? Seria o oficial da cavalaria esbelto, elegante e vestido de astracã? Teria

ele, adotando-se a teoria freudiana, sido alvo de risos no berço por parte de uma moça bonita? Pois nem mesmo no berço o professor, pensei eu, poderia ter sido uma criança atraente. Fosse qual fosse o motivo, o professor aparecia com ar muito colérico e muito feio no meu esboço, enquanto redigia seu grande livro sobre a inferioridade mental, moral e física das mulheres. Fazer desenhos era um modo ocioso de encerrar uma manhã de trabalho improdutivo. No entanto, é em nossa ociosidade, em nossos sonhos, que a verdade submersa por vezes emerge à tona. Um exercício elementaríssimo de psicologia, que não merecia a nobreza do nome de psicanálise, mostrou-me, ao olhar para o meu caderno, que o esboço do professor zangado havia sido feito com raiva. A raiva havia arrebatado meu lápis enquanto eu sonhava acordada. Mas o que a raiva fazia ali? Interesse, confusão, divertimento, tédio — todas essas emoções eu conseguia rastrear e nomear à medida que se sucediam ao longo da manhã. Teria a raiva, a serpente negra, estado à espreita entre elas? Sim, dizia o esboço, tinha estado. Remetia-me inequivocamente àquele único livro, àquela única frase que havia despertado o demônio: era a declaração do professor sobre a inferioridade mental, moral e física das mulheres. Meu coração disparara. Minhas faces arderam. Eu corara de cólera. Não havia nada de extraordinário nisso, por mais tolo que fosse. Não se gosta de ouvir que se é naturalmente inferior a um homenzinho — olhei para o estudante ao meu lado — que respira com esforço, usa uma gravata pronta e não faz a barba há duas semanas. Temos certas vaidades tolas. É apenas a natureza humana, refleti, e pus-me a traçar círculos e rodas de carroça sobre o rosto do professor colérico até que ele se

parecesse com uma sarça ardente ou um cometa em chamas — enfim, uma aparição sem feição ou significado humano. O professor já não era nada além de um feixe de lenha queimando no topo de Hampstead Heath. Logo minha própria raiva se explicou e se esgotou; mas a curiosidade permaneceu. Como explicar a raiva dos professores? Por que estavam com raiva? Pois, na hora de analisar a impressão deixada por aqueles livros, havia sempre um elemento de calor. Esse calor assumia muitas formas; manifestava-se na sátira, no sentimentalismo, na curiosidade, na reprovação. Havia, porém, outro elemento que com frequência se fazia presente e não podia ser prontamente identificado. Raiva, denominei-o. Mas era uma raiva que descera aos subterrâneos e se misturara a toda sorte de outras emoções. A julgar por seus efeitos estranhos, era uma raiva disfarçada e complexa, não uma raiva simples e franca.

Seja qual for a razão, todos esses livros, pensei, examinando a pilha sobre a mesa, são imprestáveis para os meus objetivos. Eram imprestáveis do ponto de vista científico, vale dizer, embora humanamente fossem cheios de ensinamentos, interesse, enfado e fatos muito peculiares sobre os costumes dos nativos das Ilhas Fiji. Haviam sido escritos sob a luz vermelha da emoção, e não sob a luz branca da verdade. Deviam, por conseguinte, ser devolvidos ao balcão central e recolocados cada qual em sua própria célula no enorme favo de mel. Tudo o que eu havia colhido daquela manhã de trabalho fora o fato solitário da raiva. Os professores — resumi-os todos assim — estavam coléricos. Mas por quê?, perguntei a mim mesma depois de devolver os livros; por quê?, repeti, de pé sob a colunata, em meio aos pombos e às

canoas pré-históricas, por que estão com raiva? E, fazendo-me essa pergunta, saí a caminhar para encontrar um lugar para almoçar. Qual é a verdadeira natureza daquilo que chamo provisoriamente de raiva deles?, indaguei. Eis um enigma que duraria todo o tempo necessário para ser servida de comida num pequeno restaurante nos arredores do British Museum. Algum cliente anterior deixara na cadeira a edição do almoço do jornal da tarde e, esperando ser servida, pus-me a ler distraidamente as manchetes. Uma faixa de letras garrafais cruzava a página. Alguém fizera uma grande pontuação na África do Sul. Faixas menores anunciavam que Sir Austen¹⁴ Chamberlain estava em Genebra. Um machado de açougueiro com cabelos humanos fora encontrado num porão. O juiz *** comentava na Vara de Divórcios a Sem-vergonhice das Mulheres. Salpicadas pelo jornal vinham outras notícias. Uma atriz de cinema fora baixada de um pico na Califórnia e ficara suspensa no ar. O tempo estaria enevoadado. O visitante mais fugaz a este planeta, pensei, que tomasse este jornal nas mãos não poderia deixar de notar, mesmo a partir desse testemunho disperso, que a Inglaterra se acha sob o jugo de um patriarcado. Ninguém em são juízo deixaria de detectar a predominância do professor. Dele eram o poder, o dinheiro e a influência. Era o dono do jornal, seu diretor e chefe de redação. Era o ministro das Relações Exteriores e o juiz. Era o jogador de críquete; possuía os cavalos de corrida e os iates. Era o presidente da companhia que paga duzentos por cento aos seus acionistas. Deixava milhões a instituições de caridade e colégios por ele mesmo administrados. Suspendera a atriz de cinema no ar. Ele decidirá se o cabelo no machado de açougueiro é humano; é ele

quem absolverá ou condenará o homicida, e o mandará enforcar ou o deixará em liberdade. Com exceção do nevoeiro, parecia controlar tudo. No entanto, estava com raiva. Eu sabia que ele estava com raiva por este indício: quando li o que ele escreveu sobre as mulheres, pensei não no que ele dizia, mas nele mesmo. Quando um debatedor argumenta com desapaixonnement, ele pensa apenas no argumento; e o leitor não pode evitar pensar no argumento também. Se ele houvesse escrito desapaixonnement sobre as mulheres, se tivesse utilizado provas incontestáveis para assentar seu argumento e não tivesse demonstrado indício algum de desejar que o resultado fosse de uma maneira em vez de outra, não se teria ficado com raiva também. Ter-se-ia aceito o fato, como se aceita o fato de que uma ervilha é verde ou um canário é amarelo. Que assim seja, eu teria dito. Mas eu havia ficado com raiva porque ele estava com raiva. No entanto, parecia absurdo, pensei, folheando o jornal da tarde, que um homem detentor de todo esse poder estivesse com raiva. Ou seria a raiva, perguntei-me, de algum modo, o gênio familiar, o duende que acompanha o poder? Os ricos, por exemplo, irritam-se com frequência porque suspeitam que os pobres querem arrebatá-lhes a riqueza. Os professores, ou patriarcas, como talvez fosse mais exato chamá-los, podiam estar com raiva em parte por essa razão, mas em parte por outra que jaz um pouco menos visível à superfície. Possivelmente não estavam "com raiva" em absoluto; muitas vezes, com efeito, eram admiradores, dedicados, exemplares nas relações da vida privada. Possivelmente, quando o professor insistia com ênfase um tanto excessiva na inferioridade das mulheres, não se preocupava com a inferioridade delas, mas com

a superioridade dele mesmo. Era isso que ele protegia com tanto ardor e excesso de ênfase, porque se tratava para ele de uma joia de raríssimo valor. A vida para ambos os sexos — e eu olhava para eles abrindo caminho a cotoveladas pela calçada — é árdua, difícil, uma luta perpétua. Requer coragem e forças gigantescas. Acima de tudo, talvez, criaturas de ilusão que somos, requer confiança em si mesmo. Sem autoconfiança, somos como bebês no berço. E como podemos gerar mais depressa essa qualidade imponderável, que no entanto é de valor inestimável? Pensando que os outros são inferiores a nós mesmos. Sentindo que se possui alguma superioridade inata — pode ser riqueza, posição social, um nariz reto ou o retrato de um avô pintado por Romney, pois não têm fim os recursos patéticos da imaginação humana — sobre as outras pessoas. Daí a importância descomunal para um patriarca que precisa conquistar, que precisa governar, de sentir que multidões de pessoas, metade da raça humana, com efeito, são por natureza inferiores a ele mesmo. Deve ser, decerto, uma das fontes primordiais de seu poder. Mas permitam-me projetar a luz dessa constatação sobre a vida real, pensei. Ajudará ela a explicar alguns daqueles enigmas psicológicos que anotamos à margem da vida cotidiana? Explica ela o meu espanto do outro dia quando Z, o mais humano, o mais modesto dos homens, tomando nas mãos um livro de Rebecca West³⁵ e lendo um trecho dele, exclamou: "Essa feminista deslavada! Ela diz que os homens são esnobes!" A exclamação, para mim tão surpreendente — pois por que seria Miss West uma feminista deslavada por fazer uma afirmação possivelmente verdadeira, ainda que pouco lisonjeira, sobre o outro sexo? —, não era apenas o grito da vaidade ferida;

era um protesto contra uma infração ao poder que ele tinha de acreditar em si mesmo. As mulheres serviram durante todos esses séculos como espelhos dotados da propriedade mágica e deliciosa de refletir a figura do homem no dobro de seu tamanho natural. Sem esse poder, a terra provavelmente ainda seria pântano e selva. As glórias de todas as nossas guerras seriam desconhecidas. Ainda estaríamos riscando contornos de veados em restos de ossos de carneiro e trocando pederneiras por peles de ovelha ou qualquer adorno simplório que seduzisse nosso gosto rudimentar. Super-homens e Dedos do Destino jamais teriam existido. O Czar e o Kaiser jamais teriam cingido coroas ou as teriam perdido. Seja qual for sua utilidade nas sociedades civilizadas, os espelhos são essenciais a qualquer ação heroica e violenta. É por isso que Napoleão e Mussolini insistem ambos com tanta ênfase na inferioridade das mulheres, pois se elas não fossem inferiores, cessariam de ampliá-las. Isso serve para explicar em parte a necessidade que as mulheres tantas vezes representam para os homens. E serve para explicar quão inquietos eles ficam sob a crítica dela; como é impossível para ela lhes dizer "este livro é ruim", "este quadro é fraco", ou o que quer que seja, sem causar muito mais dor e despertar muito mais cólera do que causaria um homem que fizesse a mesma crítica. Pois, se ela começa a dizer a verdade, a figura no espelho encolhe; sua aptidão para a vida diminui. Como há ele de continuar emitindo sentenças, civilizando selvagens, promulgando leis, escrevendo livros, vestindo-se a rigor e discursando em banquetes, a menos que possa enxergar a si mesmo, ao café da manhã e ao jantar, com pelo menos o dobro do tamanho que realmente tem? Assim

refleti, esfarelado meu pão, mexendo meu café e, de tempos em tempos, olhando para as pessoas na rua. A visão fornecida pelo espelho é de suma importância porque recarrega a vitalidade; estimula o sistema nervoso. Suprima-se isso, e o homem talvez morra, feito o viciado desprovido de sua cocaína. Sob o encanto dessa ilusão, pensei, olhando pela janela, metade das pessoas na calçada caminha a passos largos para o trabalho. Elas põem seus chapéus e casacos pela manhã sob os raios benfazejos dessa ilusão. Começam o dia confiantes, revigoradas, acreditando-se desejadas no chá de Miss Smith; dizem a si mesmas ao entrar na sala: sou superior à metade das pessoas presentes aqui; e é assim que falam com aquela autoconfiança, aquela segurança de si, que trouxeram consequências tão profundas para a vida pública e ensinam anotações tão curiosas à margem do pensamento íntimo.

Mas essas contribuições para o perigoso e fascinante tema da psicologia do outro sexo — tema que, espero, vocês haverão de investigar quando tiverem quinhentas libras por ano só para vocês — foram interrompidas pela necessidade de pagar a conta. Deu cinco xelins e nove pence. Entreguei ao garçom uma cédula de dez xelins e ele foi buscar meu troco. Havia outra cédula de dez xelins em minha bolsa; reparei nela porque é um fato que ainda me tira o fôlego a capacidade de minha bolsa de gerar cédulas de dez xelins automaticamente. Abro-a e lá estão elas. A sociedade me dá frango e café, cama e hospedagem em troca de um certo número de pedaços de papel que me foram deixados por uma tia, por nenhuma outra razão além do fato de que compartilho o nome dela.

Minha tia, Mary Beton³⁹, devo lhes contar, morreu em consequência de uma queda de cavalo quando cavalgava para tomar ar fresco em Bombaim. A notícia de minha herança chegou-me numa noite, quase na mesma época em que foi aprovada a lei que concedeu o voto às mulheres. A carta de um advogado caiu na caixa de correio e, quando a abri, descobri que ela me deixara quinhentas libras por ano para sempre. Das duas coisas — o voto e o dinheiro —, o dinheiro, confesso, pareceu-me infinitamente mais importante. Antes disso, eu ganhava a vida mendigando bicos nos jornais, cobrindo uma exposição de burros aqui ou um casamento acolá; eu ganhara algumas libras endereçando envelopes, lendo para senhoras idosas, fazendo flores artificiais, ensinando o alfabeto a criancinhas num jardim de infância. Tais eram as principais ocupações abertas às mulheres antes de 1918. Não preciso, receio eu, descrever em pormenor a dureza desse trabalho, pois vocês talvez conheçam mulheres que o fizeram; nem a dificuldade de viver com o dinheiro depois de ganho, pois vocês talvez tenham tentado. Mas o que ainda permanece comigo como um tormento pior do que qualquer um dos dois era o veneno do medo e da amargura que aqueles dias geraram em mim. Para começar, estar sempre fazendo um trabalho que não se desejava fazer, e fazê-lo como uma escrava, bajulando e adulando, nem sempre por necessidade estrita, talvez, mas parecia necessário e as apostas eram grandes demais para se correr riscos; e depois o pensamento de que aquele dom solitário cuja ocultação equivalia à morte — um dom pequeno, mas caro a quem o possui — estava perecendo, e com ele eu mesma, a minha alma —, tudo isso se tornou como uma

ferrugem a corroer o viço da primavera, destruindo a árvore em seu âmago. No entanto, como ia dizendo, minha tia morreu; e sempre que troco uma cédula de dez xelins, um pouco dessa ferrugem e dessa corrosão se esvai, o medo e a amargura vão embora. Com efeito, pensei, guardando as moedas de prata na bolsa, é espantoso, ao lembrar da amargura daqueles dias, que mudança de temperamento uma renda fixa pode operar. Força nenhuma no mundo é capaz de me tirar minhas quinhentas libras. Comida, casa e agasalho são meus para sempre. Portanto, não apenas cessam o esforço e o trabalho braçal, mas também o ódio e a amargura. Não preciso odiar homem algum; ele não pode me ferir. Não preciso bajular homem algum; ele não tem nada a me oferecer. Assim, imperceptivelmente, vi-me adotando uma nova atitude em relação à outra metade da raça humana. Era absurdo culpar qualquer classe ou qualquer sexo como um todo. Grandes coletividades nunca são responsáveis pelo que fazem. São movidas por instintos que escapam ao seu controle. Eles também, os patriarcas, os professores, tinham dificuldades infindas, terríveis desvantagens contra as quais lutar. A educação deles fora, sob certos aspectos, tão defeituosa quanto a minha. Havia gerado neles defeitos igualmente grandes. É verdade que tinham dinheiro e poder, mas apenas à custa de abrigar no peito uma águia, um abutre, a lhes dilacerar eternamente o fígado e a lhes bicar os pulmões — o instinto de posse, a fúria da aquisição que os compele a cobiçar perpetuamente as terras e os bens dos outros; a criar fronteiras e bandeiras; navios de guerra e gases venenosos; a sacrificar as próprias vidas e as vidas de seus filhos. Caminhem pelo Admiralty Arch (eu havia chegado àquele

monumento), ou por qualquer outra alameda entregue a troféus e canhões, e reflitam sobre o gênero de glória ali celebrado. Ou observem, sob o sol da primavera, o corretor da bolsa e o grande advogado entrando para fazer dinheiro e mais dinheiro e mais dinheiro, quando é fato que quinhentas libras por ano são suficientes para se viver ao sol. São instintos desagradáveis de se abrigar, refleti. São gerados pelas condições de vida; pela falta de civilização, pensei, olhando para a estátua do Duque de Cambridge, e em particular para as plumas em seu chapéu armado, com uma fixidez que elas dificilmente haviam recebido antes. E, à medida que eu me dava conta dessas desvantagens, aos poucos o medo e a amargura foram se convertendo em piedade e tolerância; e então, em um ou dois anos, a piedade e a tolerância se foram, e adveio a maior de todas as libertações, que é a liberdade de pensar nas coisas em si mesmas. Aquele edifício, por exemplo: gosto dele ou não? Aquele quadro é belo ou não? É aquele, a meu ver, um livro bom ou ruim? De fato, a herança de minha tia desvelou o céu para mim e substituiu a figura imensa e imponente de um cavalheiro, recomendada por Milton⁴ para a minha adoração perpétua, por uma visão do céu aberto.

Assim pensando, assim especulando, encontrei o caminho de volta para a minha casa junto ao rio. Os lampiões estavam sendo acesos e uma mudança indescritível havia se operado em Londres desde as horas da manhã. Era como se a grande máquina, após labutar o dia inteiro, houvesse produzido com o nosso auxílio alguns metros de algo intensamente empolgante e belo — um tecido ígneo a lampear olhos vermelhos, um monstro fulvo a

rugir com hálito quente. Até o vento parecia drapejar feito uma bandeira ao açoiar as casas e chacoalhar os tapumes.

Na minha ruazinha, porém, a vida doméstica prevalecia. O pintor de paredes descia de sua escada; a babá manobrava o carrinho de bebê com cuidado para lá e para cá de volta ao chá do berçário; o carregador de carvão dobrava seus sacos vazios uns sobre os outros; a quitandeira somava o apurado do dia com suas mãos enfiadas em mitenes vermelhas. Mas tão absorta estava eu com o problema que vocês puseram sobre meus ombros que não conseguia ver sequer esses espetáculos habituais sem remetê-los a um único centro. Pensei em como é muito mais difícil agora do que deve ter sido há um século dizer qual dessas ocupações é a mais nobre, a mais necessária. É melhor ser carregador de carvão ou babá? A faxineira que criou oito filhos tem menos valor para o mundo do que o advogado que amealhou cem mil libras? É inútil fazer tais perguntas, pois ninguém sabe respondê-las. Não apenas os valores comparativos de faxineiras e advogados sobem e descem de década a década, como também não dispomos de réguas para medi-los sequer no presente momento. Fui tola ao pedir ao meu professor que me fornecesse "provas incontestáveis" disto ou daquilo em sua argumentação sobre as mulheres. Mesmo que se pudesse estipular o valor de qualquer dom individual no momento, esses valores haverão de mudar; dentro de um século, muito possivelmente terão mudado por completo. Além do mais, dentro de cem anos, pensei, alcançando a soleira de minha porta, as mulheres terão deixado de ser o sexo protegido. Logicamente, participarão de todas as atividades e esforços que outrora lhes eram vedados. A babá carregará carvão. A comerciante conduzirá

uma locomotiva. Todas as premissas fundadas nos fatos observados quando as mulheres eram o sexo protegido terão desaparecido — como, por exemplo (aqui um pelotão de soldados marchou pela rua abaixo), a de que mulheres, clérigos e jardineiros vivem mais tempo que as outras pessoas. Retirem essa proteção, exponham-nas aos mesmos esforços e atividades, transformem-nas em soldados, marinheiros, maquinistas e estivadores, e não irão as mulheres morrer muito mais jovens, muito mais depressa do que os homens, a ponto de se dizer "vi uma mulher hoje", tal como se costumava dizer "vi um aeroplano"? Tudo pode acontecer quando a condição feminina deixar de ser uma ocupação protegida, pensei, abrindo a porta. Mas que relação tem tudo isso com o tema da minha conferência, As Mulheres e a Ficção?, perguntei a mim mesma, entrando em casa.

Capítulo 3

Era decepcionante não ter trazido de volta à noite nenhuma afirmação de peso, nenhum fato autêntico. As mulheres são mais pobres que os homens porque — isto ou aquilo. Talvez agora fosse melhor desistir de procurar a verdade e de receber sobre a cabeça uma avalanche de opiniões quentes como lava, descoloridas como água de pia. Seria melhor cerrar as cortinas; isolar as distrações; acender a lâmpada; restringir a investigação e pedir ao historiador, que não registra opiniões, mas fatos, que descrevesse sob quais condições viviam as mulheres, não ao longo dos séculos, mas na Inglaterra, digamos, no tempo de Elizabeth.

Pois é um enigma perene por que nenhuma mulher escreveu uma só palavra daquela literatura extraordinária, quando qualquer outro homem, ao que parecia, era capaz de uma canção ou de um soneto. Em que condições viviam as mulheres?, perguntei a mim mesma; pois a ficção, isto é, a obra de imaginação, não é atirada ao chão feito um seixo, como talvez ocorra com a ciência; a ficção é como uma teia de aranha, presa de leve, talvez, mas ainda assim presa à vida em seus quatro cantos. Muitas vezes essa amarra é quase imperceptível; as peças de Shakespeare³⁸, por exemplo, parecem pairar ali, completas por si sós. Mas quando a teia é repuxada de viés, fígada na borda, rasgada ao meio, lembra-se que essas teias não são tecidas no ar por criaturas incorpóreas, mas são obra de seres humanos que

sofrem, e estão atadas a coisas grosseiramente materiais, como a saúde, o dinheiro e as casas em que vivemos.

Fui, portanto, até a estante onde ficam os livros de história e peguei um dos mais recentes, a *History of England* do Professor Trevelyan²⁷. Mais uma vez consultei "Mulheres", encontrei "situação das" e abri nas páginas indicadas. "Bater na esposa", li eu, "era um direito reconhecido do homem, e era praticado sem vergonha tanto pelos nobres quanto pelos plebeus... De modo análogo", prossegue o historiador, "a filha que se recusasse a casar com o cavalheiro escolhido pelos pais estava sujeita a ser trancada, espancada e arremessada pela sala, sem que isso causasse qualquer choque à opinião pública. O matrimônio não era uma questão de afeto pessoal, mas de ganância familiar, em especial nas 'cavalheirescas' classes altas... O noivado amiúde ocorria quando uma das partes, ou ambas, ainda estava no berço, e o casamento, quando mal haviam deixado os cuidados da ama." Isso por volta de 1470, logo após a época de Chaucer³⁸. A referência seguinte à situação das mulheres dá-se cerca de duzentos anos depois, no tempo dos Stuarts. "Ainda era exceção as mulheres das classes alta e média escolherem seus próprios maridos e, uma vez designado o esposo, ele era lorde e senhor, ao menos na medida em que a lei e o costume podiam fazê-lo. No entanto, mesmo assim", conclui o Professor Trevelyan, "nem as mulheres de Shakespeare nem as das autênticas memórias do século XVII, como os Verney e os Hutchinson, parecem carecer de personalidade e caráter." Decerto, se pensarmos bem, Cleópatra devia ter seus encantos; Lady Macbeth, supõe-se, tinha vontade própria; Rosalind, poder-se-ia concluir, era uma moça atraente. O

Professor Trevelyan não diz mais do que a verdade ao observar que as mulheres de Shakespeare não parecem carecer de personalidade e caráter. Não sendo historiadora, poder-se-ia ir ainda mais longe e dizer que as mulheres arderam feito faróis em todas as obras de todos os poetas desde o início dos tempos — Clitemnestra, Antígona, Cleópatra, Lady Macbeth, Fedra, Créssida, Rosalind, Desdêmona, a Duquesa de Malfi, entre os dramaturgos; e, entre os autores de prosa: Millamant, Clarissa, Becky Sharp, Anna Karenina, Emma Bovary, Madame de Guermantes —, os nomes acorrem à mente, e nenhum deles evoca mulheres "desprovidas de personalidade e caráter". De fato, se a mulher não tivesse existência alguma afora a ficção escrita pelos homens, nós a imaginariíamos uma pessoa da mais alta importância; multiforme; heroica e mesquinha; esplêndida e sórdida; infinitamente bela e horrenda no mais alto grau; tão grande quanto um homem, e alguns chegam a achá-la maior ainda ¹. Mas essa é a mulher na ficção. Na realidade, como aponta o Professor Trevelyan, ela era trancada, espancada e atirada pela sala.

[Nota 1: "Continua a ser um fato estranho e quase inexplicável que, na cidade de Atena, onde as mulheres eram mantidas numa submissão quase oriental, como odaliscas ou escravas domésticas, o palco tenha, no entanto, produzido figuras como Clitemnestra e Cassandra, Atossa e Antígona, Fedra e Medeia, e todas as outras heroínas que dominam peça após peça do 'misógino' Eurípides. Mas o paradoxo desse mundo no qual, na vida real, uma mulher respeitável mal podia mostrar o rosto desacompanhada na rua e, contudo, no palco, a mulher se iguala

ou ultrapassa o homem, nunca foi explicado satisfatoriamente. Na tragédia moderna, a mesma predominância existe. Seja como for, um exame bastante superficial da obra de Shakespeare (o mesmo se dando com Webster, embora não com Marlowe³⁸ ou Jonson) basta para revelar como essa preponderância, essa iniciativa das mulheres, persiste de Rosalind a Lady Macbeth. O mesmo em Racine; seis de suas tragédias trazem o nome de suas heroínas; e que personagens masculinos dele colocaremos frente a Hermione e Andrômaca, Berenice e Roxana, Fedra e Atalia? E de novo em Ibsen: que homens emparelharemos a Solveig e Nora, Heda e Hilda Wangel e Rebecca West³⁵?" — F. L. LUCAS, *TRAGEDY*, pp. 114-15.]

Emerge assim um ser compósito e muito singular. Na imaginação, ela é da mais alta importância; na prática, é completamente insignificante. Perpassa a poesia de ponta a ponta; está quase ausente da história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na realidade, era escrava de qualquer rapaz cujos pais lhe enfiassem à força um anel no dedo. Algumas das palavras mais inspiradas, alguns dos pensamentos mais profundos da literatura brotam de seus lábios; na vida real, mal sabia ler, mal conseguia soletrar e era propriedade de seu marido.

Era decerto um monstro curioso esse que se criava ao ler primeiro os historiadores e depois os poetas — um verme com asas de águia; o espírito da vida e da beleza numa cozinha picando sebo. Mas tais monstros, por mais divertidos que sejam para a imaginação, não têm existência real. O que se devia fazer para trazê-la à vida era pensar poética e prosaicamente no mesmo e único instante, mantendo assim o contato com os fatos — que ela

é Mrs Martin, de trinta e seis anos, vestida de azul, de chapéu preto e sapatos marrons; sem contudo perder de vista a ficção — que ela é um receptáculo no qual correm e lampejam perpetuamente toda espécie de espíritos e forças. No momento, porém, em que se tenta aplicar esse método à mulher elisabetana, um dos fachos de luz falha; somos detidos pela penúria de fatos. Não se sabe nada detalhado, nada inteiramente verídico e substancial sobre ela. A história quase não a menciona. E voltei-me outra vez para o Professor Trevelyan para ver o que a história significava para ele. Descobri, ao examinar os títulos de seus capítulos, que ela significava —

"O Tribunal Senhorial e os Métodos da Agricultura de Campos Abertos... Os Cistercienses e a Criação de Ovelhas... As Cruzadas... A Universidade... A Câmara dos Comuns⁴⁶... A Guerra dos Cem Anos... As Guerras das Rosas... Os Eruditos da Renascença... A Dissolução dos Mosteiros... Conflitos Agrários e Religiosos... A Origem do Poder Marítimo Inglês... A Armada..." e assim por diante. De vez em quando uma mulher específica é mencionada, uma Elizabeth ou uma Mary; uma rainha ou uma grande dama. Mas de modo algum poderiam as mulheres de classe média, dispondo unicamente de inteligência e caráter, ter tomado parte em qualquer um dos grandes movimentos que, reunidos, constituem a visão do passado segundo o historiador. Tampouco a encontraremos em coletâneas de anedotas. Aubrey mal a menciona. Ela nunca escreve a própria vida e raramente mantém um diário; restou apenas um punhado de suas cartas. Não deixou peças nem poemas pelos quais a possamos julgar. O de que se precisa, pensei — e por que alguma aluna brilhante de

Newnham⁴¹ ou Girton⁴¹ não nos provê disso? —, é de um manancial de informações: com que idade ela se casava; quantos filhos tinha, em média; como era sua casa; tinha ela um quarto só para si; cozinhas; seria provável ter uma criada? Todos esses dados jazem em algum lugar, presumivelmente, nos registros paroquiais e livros contábeis; a vida da mulher comum elisabetana deve estar dispersa por aí, se fosse possível reuni-la e fazer dela um livro. Seria ambicioso além de minha ousadia, pensei, procurando pelas estantes livros que não estavam ali, sugerir às estudantes daqueles colégios famosos que reescrevessem a história, embora eu confesse que ela com frequência pareça um tanto estranha tal como está, irreal, capenga; mas por que não poderiam elas acrescentar um suplemento à história, batizando-o, decerto, com algum nome discreto, para que as mulheres pudessem figurar ali sem impropriedade? Pois amiúde se vislumbra um relance delas na vida dos grandes homens, esgueirando-se para o segundo plano, ocultando, chego a pensar, uma piscadela, um riso, quem sabe uma lágrima. E, no fim das contas, já dispomos de biografias suficientes de Jane Austen¹⁴; mal parece necessário considerar de novo a influência das tragédias de Joanna Baillie sobre a poesia de Edgar Allan Poe; quanto a mim, não me importaria se as casas e os recantos de Mary Russell Mitford¹⁸ fossem fechados ao público por pelo menos um século. Mas o que acho deplorável, continuei, examinando as estantes outra vez, é que nada se saiba sobre as mulheres antes do século XVIII. Não disponho de nenhum modelo em minha mente que possa virar para cá e para lá. Eis-me aqui a perguntar por que as mulheres não escreveram poesia na época

elisabetana, e nem sequer sei ao certo como eram educadas; se eram ensinadas a escrever; se tinham salas de estar só para si; quantas mulheres tinham filhos antes dos vinte e um anos; o que, em suma, faziam das oito da manhã às oito da noite. Não tinham dinheiro, evidentemente; de acordo com o Professor Trevelyan, casavam-se, quer quisessem ou não, antes de saírem do berçário, aos quinze ou dezesseis anos, muito provavelmente. Teria sido extraordinariamente estranho, mesmo diante desse quadro, se uma delas tivesse subitamente escrito as peças de Shakespeare, concluí, e lembrei-me daquele velho cavaleiro, já falecido, mas que era bispo, creio eu, o qual declarou ser impossível a qualquer mulher, passada, presente ou futura, ter a genialidade de Shakespeare. Escreveu aos jornais a respeito disso. Ele também disse a uma senhora que lhe pediu esclarecimentos que os gatos, a bem da verdade, não vão para o céu, embora possuam, acrescentou, uma espécie de alma. Quanto esforço de pensamento aqueles velhos cavaleiros costumavam nos poupar! Como as fronteiras da ignorância recuavam ante a aproximação deles! Os gatos não vão para o céu. As mulheres não são capazes de escrever as peças de Shakespeare.

Seja como for, não pude deixar de pensar, ao olhar para as obras de Shakespeare na estante, que o bispo tinha razão pelo menos nisto: teria sido impossível, completa e inteiramente, para qualquer mulher ter escrito as peças de Shakespeare na época de Shakespeare. Permitam-me imaginar, já que os fatos são tão difíceis de obter, o que teria acontecido caso Shakespeare tivesse tido uma irmã extraordinariamente talentosa, chamada Judith, digamos. O próprio Shakespeare frequentou, muito

provavelmente — a mãe dele era uma herdeira —, a *grammar school*, onde pode ter aprendido latim — Ovídio, Virgílio e Horácio — e os rudimentos de gramática e lógica. Era, como se sabe, um rapaz desregrado que caçava coelhos ilegalmente, talvez tenha abatido um cervo e teve, bem antes do que devia, de se casar com uma mulher da vizinhança, que lhe deu um filho mais depressa do que convinha. Essa peripécia levou-o a tentar a sorte em Londres. Tinha, ao que parecia, gosto pelo teatro; começou tomando conta dos cavalos na porta dos artistas. Muito em breve conseguiu trabalho no teatro, tornou-se um ator bem-sucedido e passou a viver no centro do universo, conhecendo todo mundo, convivendo com todos, exercendo sua arte sobre o tablado, aguçando seu engenho nas ruas e até mesmo tendo acesso ao palácio da rainha. Enquanto isso, sua irmã extraordinariamente talentosa, suponhamos, ficou em casa. Era tão aventureira, tão imaginativa, tão ávida por ver o mundo quanto ele. Mas não foi enviada à escola. Não teve oportunidade de aprender gramática e lógica, quanto mais de ler Horácio e Virgílio. Pegava um livro de vez em quando, um dos livros do irmão, talvez, e lia algumas páginas. Mas aí seus pais entravam e lhe diziam para cerzir as meias ou vigiar o ensopado e não ficar vadiando com livros e papéis. Teriam falado com firmeza, mas com carinho, pois eram pessoas de posses que conheciam as condições de vida de uma mulher e amavam a filha — na verdade, o mais provável é que ela fosse a menina dos olhos de seu pai. Talvez rabiscasse algumas páginas no sótão das maçãs, às escondidas, mas tomava o cuidado de ocultá-las ou de atear fogo nelas. Logo, porém, antes de sair da adolescência, deveria ser prometida em casamento ao filho de um

negociante de lã das redondezas. Ela gritou que o casamento lhe causava horror e, por isso, foi severamente espancada pelo pai. Depois ele parou de repreendê-la. Em vez disso, implorou-lhe que não o magoasse, que não o envergonhasse nessa questão de seu casamento. Prometeu-lhe um colar de contas ou uma bela anágua, disse ele; e havia lágrimas em seus olhos. Como poderia ela desobedecer-lhe? Como poderia partir-lhe o coração? Apenas a força de seu próprio talento a impeliu a tanto. Ela fez uma trouxinha com seus pertences, desceu por uma corda numa noite de verão e tomou a estrada de Londres. Não tinha dezessete anos. Os pássaros que cantavam na sebe não eram mais afinados do que ela. Tinha a mais viva imaginação, um dom semelhante ao do irmão para a música das palavras. Como ele, tinha gosto pelo teatro. Postou-se à porta dos artistas; queria atuar, disse ela. Os homens riram na cara dela. O empresário — um homem gordo, de beiços caídos — deu uma gargalhada. Berrou algo sobre poodles que dançam e mulheres que atuam — nenhuma mulher, afirmou ele, poderia jamais ser atriz. Insinuou — vocês podem imaginar o quê. Ela não conseguiu obter instrução em seu ofício. Poderia sequer buscar seu jantar numa taberna ou vagar pelas ruas à meia-noite? No entanto, sua vocação era para a ficção e ansiava por nutrir-se fartamente da vida de homens e mulheres e do estudo de seus costumes. Por fim — pois era muito jovem, estranhamente parecida de rosto com Shakespeare, o poeta, com os mesmos olhos cinzentos e fronte arredondada —, por fim Nick Greene, o ator-empresário, apiedou-se dela; ela viu-se grávida daquele cavalheiro e assim — quem haverá de medir o ardor e a violência do coração de um poeta quando enredado e preso num

corpo de mulher? — matou-se numa noite de inverno e jaz sepultada em alguma encruzilhada onde hoje param os ônibus diante do Elephant and Castle⁴⁵.

É mais ou menos assim que a história transcorreria, penso eu, caso uma mulher na época de Shakespeare tivesse tido a genialidade de Shakespeare. Mas, de minha parte, concordo com o falecido bispo, se é que ele o era: é impensável que qualquer mulher no tempo de Shakespeare tivesse tido a genialidade de Shakespeare. Pois uma genialidade como a de Shakespeare não nasce entre gente serviçal, sem instrução e que vive do trabalho braçal. Não nasceu na Inglaterra entre os saxões e os bretões. Não nasce hoje entre as classes trabalhadoras. Como, então, poderia ter nascido entre mulheres cujo trabalho começava, de acordo com o Professor Trevelyan, quase antes de saírem do berçário, que eram forçadas a isso pelos pais e presas a essa condição por toda a força da lei e do costume? Contudo, algum tipo de genialidade deve ter existido entre as mulheres, assim como deve ter existido entre as classes trabalhadoras. De tempos em tempos uma Emily Brontë¹⁶ ou um Robert Burns resplandece e comprova essa presença. Mas decerto jamais chegou a passar para o papel. Quando, todavia, lemos a respeito de uma bruxa sendo mergulhada na água, de uma mulher possuída por demônios, de uma curandeira vendendo ervas, ou mesmo de um homem muito notável que tinha mãe, então creio que estamos na pista de uma romancista perdida, de uma poetisa reprimida, de alguma Jane Austen muda e ingloriosa, de alguma Emily Brontë que esfacelou os miolos no descampado ou perambulou desvairada pelas estradas, enlouquecida com a tortura a que seu dom a submetera.

Na verdade, ousaria supor que Anon, que escreveu tantos poemas sem assiná-los, era com frequência uma mulher. Foi uma mulher, creio que sugeriu Edward Fitzgerald, quem compôs as baladas e as canções populares, cantarolando-as para os filhos, distraindo com elas a fiação, ou a longa noite de inverno.

Isso pode ser verdade ou pode ser mentira — quem há de saber? —, mas o que há de verdadeiro nisso, pareceu-me, ao repassar a história da irmã de Shakespeare tal como a formulei, é que qualquer mulher nascida com um grande talento no século XVI teria certamente enlouquecido, dado um tiro em si mesma ou terminado seus dias em alguma cabana isolada fora da aldeia, meio bruxa, meio feiticeira, temida e escarnecida. Pois é preciso pouca perícia em psicologia para ter certeza de que uma jovem altamente dotada que tentasse empregar seu talento na poesia teria sido tão contrariada e tolhida pelos outros, tão torturada e dilacerada por seus próprios instintos contraditórios, que teria com certeza perdido a saúde e a sanidade. Nenhuma moça poderia ter caminhado até Londres, postado-se à porta dos artistas e entrado à força na presença de atores-empresários sem cometer uma violência contra si mesma e sofrer uma angústia que bem podia ser irracional — pois a castidade talvez seja um fetiche inventado por certas sociedades por razões desconhecidas —, mas não menos inevitável por isso. A castidade tinha então, e tem até hoje, uma importância religiosa na vida de uma mulher, e enredou-se de tal modo em nervos e instintos que libertá-la e trazê-la à luz do dia exige uma coragem das mais raras. Ter vivido uma vida livre em Londres no século XVI teria significado, para uma mulher poetisa e dramaturga, uma tensão nervosa e um

dilema que bem poderiam tê-la matado. Caso tivesse sobrevivido, o que quer que escrevesse teria sido distorcido e deformado, fruto de uma imaginação estressada e mórbida. E sem dúvida, pensei, olhando para a estante onde não há peças escritas por mulheres, sua obra teria ficado sem assinatura. A esse refúgio ela decerto teria recorrido. Foi a relíquia do senso de castidade que ditou o anonimato às mulheres até mesmo no século XIX. Currer Bell, George Eliot¹⁷, George Sand, todas vítimas de um conflito íntimo, como provam seus escritos, tentaram sem sucesso ocultar-se sob o nome de um homem. Prestaram, assim, homenagem à convenção — a qual, se não foi implantada pelo outro sexo, foi amplamente incentivada por ele (a maior glória de uma mulher é que não se fale dela, disse Péricles, ele próprio um homem de quem se falava muito) — de que a notoriedade nas mulheres é detestável. O anonimato lhes corre nas veias. O desejo de permanecer veladas ainda as domina. Elas ainda hoje não se preocupam tanto com a solidez de sua fama quanto os homens e, de modo geral, passam por uma lápide ou por uma placa de sinalização sem sentir a irresistível vontade de gravar nelas o próprio nome, como Alf, Bert ou Chas. são compelidos a fazer em obediência ao seu instinto, o qual murmura, ao ver passar uma bela mulher, ou mesmo um cachorro: *Ce chien est à moi*. E, decerto, pode não ser um cachorro, pensei, lembrando-me da Parliament Square, da Siegesallee e de outras avenidas; pode ser um pedaço de terra ou um homem de cabelos negros e encaracolados. É uma das grandes vantagens de ser mulher o fato de se poder passar até por uma bela mulher negra sem desejar transformá-la numa inglesa.

Aquela mulher, portanto, que nasceu com o dom da poesia no século XVI, era uma mulher infeliz, uma mulher em conflito consigo mesma. Todas as condições de sua vida, todos os seus próprios instintos eram hostis ao estado de espírito necessário para liberar o que quer que haja no cérebro. Mas qual é o estado de espírito mais propício ao ato da criação?, perguntei. É possível alcançar alguma noção do estado que favorece e torna possível essa estranha atividade? Aqui abri o volume que continha as tragédias de Shakespeare. Qual era o estado de espírito de Shakespeare, por exemplo, quando escreveu *Lear* e *Antony and Cleopatra*? Era certamente o estado de espírito mais favorável à poesia que jamais existiu. Mas o próprio Shakespeare nada disse a esse respeito. Sabemos apenas, por acaso e de passagem, que ele "nunca rasurou uma linha". Nada, com efeito, foi dito pelo próprio artista sobre o seu estado de espírito até o século XVIII, talvez. Talvez Rousseau tenha começado. De todo modo, no século XIX a autoconsciência havia se desenvolvido a tal ponto que se tornou hábito entre os homens de letras descrever suas mentes em confissões e autobiografias. Suas vidas também foram biografadas, e suas cartas, publicadas após a morte. Assim, embora não saibamos o que Shakespeare vivenciou quando escreveu *Lear*, sabemos o que Carlyle³⁸ atravessou ao escrever *French Revolution*; o que Flaubert³⁸ enfrentou ao escrever *Madame Bovary*; o que Keats³⁸ passava ao tentar escrever poesia diante da morte iminente e da indiferença do mundo.

E depreende-se dessa imensa literatura moderna de confissão e autoanálise que escrever uma obra de gênio é quase sempre uma proeza de prodigiosa dificuldade. Tudo conspira contra a

probabilidade de que ela brote inteira e intacta da mente do escritor. Em geral, as circunstâncias materiais conspiram contra ela. Cães latirão; pessoas interromperão; é preciso ganhar dinheiro; a saúde fraquejará. Além disso, acentuando todas essas dificuldades e tornando-as mais árduas de suportar, há a notória indiferença do mundo. Ele não pede às pessoas que escrevam poemas, romances e livros de história; não tem necessidade deles. Não se importa se Flaubert encontra a palavra exata ou se Carlyle verifica escrupulosamente este ou aquele fato. Naturalmente, não pagará por aquilo que não quer. E assim o escritor — Keats, Flaubert, Carlyle — sofre, em especial nos anos criativos da juventude, toda forma de distração e desalento. Uma imprecisão, um grito de agonia ergue-se desses livros de análise e confissão. "Grandes poetas em sua miséria mortos" — esse é o refrão de seu canto. Se algo vinga apesar de tudo isso, é um milagre, e provavelmente nenhum livro nasce perfeito e ileso como foi concebido.

Mas para as mulheres, pensei, fitando as estantes vazias, essas dificuldades eram infinitamente mais formidáveis. Em primeiro lugar, ter um teto todo dela, quanto mais um quarto silencioso ou à prova de som, estava fora de questão até mesmo nos primórdios do século XIX, a não ser que seus pais fossem extraordinariamente ricos ou muito nobres. Como seu dinheiro de alfinete, que dependia da boa vontade do pai, bastava apenas para mantê-la vestida, ela estava privada de confortos que couberam até a Keats, Tennyson¹ ou Carlyle — todos homens pobres —, tais como uma caminhada a pé pelo campo, uma breve viagem à França ou o alojamento independente que, por mais

miserável que fosse, os abrigava das exigências e tiranias de suas famílias. Tais dificuldades materiais eram temíveis; mas muito piores eram as imateriais. A indiferença do mundo que Keats, Flaubert e outros homens de gênio acharam tão penoso suportar não era, no caso dela, indiferença, mas hostilidade. O mundo não lhe dizia, como dizia a eles: Escreva, se quiser; isso não faz a menor diferença para mim. O mundo dizia com uma gargalhada: Escrever? Para que serve o que você escreve? Aqui os psicólogos de Newnham e Girton poderiam vir em nosso socorro, pensei, olhando de novo para os espaços vazios nas estantes. Pois por certo já é hora de se medir o efeito do desalento sobre a mente do artista, tal como vi uma empresa de laticínios medir o efeito do leite comum e do leite tipo A sobre o organismo do rato. Eles puseram dois ratos em gaiolas lado a lado, e dos dois um ficou arisco, tímido e pequeno, e o outro, luzidio, ousado e grande. Ora, de que alimento nós alimentamos as mulheres enquanto artistas?, perguntei, lembrando-me, suponho, daquele jantar de ameixas-pretas com creme. Para responder a essa pergunta, eu só precisava abrir o jornal da tarde e ler que Lord Birkenhead²⁵ é de opinião — mas, sinceramente, não vou me dar ao trabalho de transcrever a opinião de Lord Birkenhead sobre a escrita das mulheres. O que diz o Deão Inge²⁶ deixarei em paz. Permita-se ao especialista de Harley Street⁴⁴ despertar os ecos de Harley Street com suas vociferações sem que isso me arpie um só fio de cabelo. Citarei, contudo, o Sr. Oscar Browning²¹, porque o Sr. Oscar Browning foi outrora uma grande figura em Cambridge e costumava examinar as alunas de Girton e Newnham. O Sr. Oscar Browning costumava declarar "que a impressão deixada em sua

mente, depois de corrigir qualquer conjunto de provas, era de que, a despeito das notas que pudesse dar, a melhor das mulheres era intelectualmente inferior ao pior dos homens". Depois de dizer isso, o Sr. Browning voltou para os seus aposentos — e é essa continuação que o torna simpático e faz dele uma figura humana de certo vulto e majestade —, voltou para os seus aposentos e encontrou um moço de estrebaria deitado no sofá — "um mero esqueleto, suas bochechas eram cavernosas e amareladas, seus dentes eram pretos e ele não parecia ter o uso pleno dos membros... 'Aquele é Arthur' [disse o Sr. Browning]. 'É um menino adorável, na verdade, e da mais nobre têmpera'". Os dois quadros sempre me parecem completar-se mutuamente. E felizmente, nesta era das biografias, os dois quadros amiúde se completam, de modo que somos capazes de interpretar as opiniões dos grandes homens não apenas pelo que dizem, mas pelo que fazem.

Mas, embora isso seja possível agora, tais opiniões brotando dos lábios de pessoas importantes deviam ser bastante temíveis há apenas cinquenta anos. Suponhamos que um pai, movido pelas mais nobres intenções, não quisesse que a filha saísse de casa para se tornar escritora, pintora ou erudita. "Veja o que diz o Sr. Oscar Browning", diria ele; e não havia apenas o Sr. Oscar Browning; havia a *Saturday Review*⁴⁸; havia o Sr. Greg²² — a "essência do ser feminino", afirmou o Sr. Greg com ênfase, "é que ELAS SÃO SUSTENTADAS PELOS HOMENS E OS SERVEM" —; havia uma imensa massa de opinião masculina no sentido de que nada se podia esperar das mulheres do ponto de vista intelectual. Mesmo que o pai não lesse tais opiniões em voz alta, qualquer jovem poderia lê-las por si mesma; e a leitura, mesmo no século

XIX, devia ter abatido sua vitalidade e afetado profundamente o seu trabalho. Haveria sempre aquela afirmação — você não pode fazer isto, você é incapaz de fazer aquilo — contra a qual protestar, que superar. É provável que para uma romancista esse germe já não surta tanto efeito, pois houve romancistas de mérito entre as mulheres. Mas para as pintoras ainda deve guardar algum ferrão; e para as musicistas, imagino, ainda hoje é ativo e venenoso no mais alto grau. A compositora mulher encontra-se na mesma situação em que se encontrava a atriz no tempo de Shakespeare. Nick Greene, pensei, recordando a história que eu inventara sobre a irmã de Shakespeare, dissera que uma mulher atuando lhe fazia lembrar um cão que dança. Johnson²⁰ repetiu a frase duzentos anos depois a propósito de mulheres pregando. E aqui, disse eu, abrindo um livro sobre música, deparamos com as mesmíssimas palavras usadas novamente neste ano da graça de 1928 para falar de mulheres que tentam compor música. "De Mlle. Germaine Tailleferre só se pode repetir a máxima do Dr. Johnson acerca de uma mulher pregadora, transposta para os termos da música: 'Senhor, a composição feita por uma mulher é como um cachorro andando sobre as patas traseiras. Não é bem feita, mas causa surpresa vê-la feita de algum modo.'" [Nota: *A SURVEY OF CONTEMPORARY MUSIC*, Cecil Gray, p. 246.] Com tamanha exatidão a história se repete.

Assim, concluí, fechando a biografia do Sr. Oscar Browning e empurrando o restante dos livros para longe, é bastante evidente que mesmo no século XIX a mulher não era incentivada a ser artista. Pelo contrário: era esnobada, esbofeteada, admoestada e exortada. Sua mente devia estar sob tensão e sua vitalidade

rebaixada pela necessidade de opor-se a isto, de refutar aquilo. Pois aqui atingimos novamente o raio de ação daquele obscuro e interessantíssimo complexo masculino que exerceu tamanha influência sobre o movimento feminista; aquele desejo arraigado, não tanto de que ELA seja inferior, mas de que ELE seja superior, o qual o coloca onde quer que se olhe, não apenas à frente das artes, mas barrando a passagem para a política também, mesmo quando o perigo para ele próprio parece infinitesimal e a suplicante, humilde e dedicada. Até mesmo Lady Bessborough²⁹, recordei-me, com toda a sua paixão pela política, teve de curvar-se humildemente e escrever a Lord Granville Leveson-Gower: "...apesar de todo o meu ardor na política e de falar tanto sobre esse assunto, concordo perfeitamente com o senhor que nenhuma mulher tem o direito de se intrometer nessa ou em qualquer outra atividade séria, além de manifestar sua opinião (caso seja consultada)". E assim ela passa a despendar seu entusiasmo onde este não depara com obstáculo algum, naquele assunto imensamente importante: o discurso de estreia de Lord Granville na Câmara dos Comuns. O espetáculo é certamente curioso, pensei. A história da oposição masculina à emancipação das mulheres é talvez mais interessante do que a história da própria emancipação. Um livro divertido poderia ser escrito a respeito se alguma jovem estudante de Girton ou Newnham reunisse exemplos e deduzisse uma teoria — mas ela precisaria de luvas grossas nas mãos e de grades de ouro maciço para protegê-la.

Mas o que hoje é divertido, recordei-me, fechando Lady Bessborough, teve de ser encarado outrora com desesperada seriedade. Opiniões que hoje colamos num caderno rotulado de

cock-a-doodledum e guardamos para ler a plateias seletas nas noites de verão outrora arrancaram lágrimas, garanto a vocês. Entre as avós e bisavós de vocês houve muitas que choraram até secar os olhos. Florence Nightingale¹⁹ soltou gritos lancinantes em sua agonia. [Nota: Ver CASSANDRA, de Florence Nightingale, publicado em *THE CAUSE*, de R. Strachey.] Além disso, é muito fácil para vocês, que conseguiram ingressar na faculdade e desfrutaram de salas de estar — ou seriam apenas quartos-e-salas? — só de vocês, dizer que a genialidade deve desconsiderar tais opiniões; que a genialidade deve estar acima de se importar com o que dizem dela. Infelizmente, são precisamente os homens ou as mulheres de gênio que mais se importam com o que dizem a seu respeito. Lembrem-se de Keats. Lembrem-se das palavras que ele mandou gravar em sua lápide. Pensem em Tennyson; pensem — mas mal preciso multiplicar exemplos do fato inegável, ainda que muito afortunado, de ser da natureza do artista importar-se excessivamente com o que dizem dele. A literatura está juncada com os destroços de homens que se importaram além de toda razão com as opiniões alheias.

E essa suscetibilidade deles é duplamente lamentável, pensei, retornando à minha indagação inicial sobre qual estado de espírito é mais propício para o trabalho de criação, porque a mente de um artista, para realizar o esforço prodigioso de libertar intacta e inteira a obra que traz dentro de si, precisa ser incandescente, como a mente de Shakespeare, conjecturei, fitando o livro que se encontrava aberto em *Antony and Cleopatra*. Não deve haver nela obstáculo algum, nenhuma matéria estranha que não tenha sido consumida.

Pois, embora digamos que nada sabemos sobre o estado de espírito de Shakespeare, no próprio instante em que dizemos isso estamos dizendo algo a respeito do estado de espírito de Shakespeare. A razão pela qual talvez saibamos tão pouco de Shakespeare — em comparação com Donne, Ben Jonson³⁸ ou Milton⁴ — é que seus rancores, suas picuinhas e suas antipatias nos estão ocultos. Não somos detidos por nenhuma "revelação" que nos lembre o autor. Todo desejo de protestar, de pregar, de proclamar uma ofensa, de acertar as contas, de fazer do mundo a testemunha de alguma adversidade ou ressentimento foi expulso dele pelo fogo e consumido. Por isso sua poesia flui dele livre e desimpedida. Se algum ser humano conseguiu expressar sua obra plenamente, foi Shakespeare. Se alguma mente foi incandescente, desimpedida, pensei, voltando-me mais uma vez para a estante de livros, foi a mente de Shakespeare.

Capítulo 4

Que se encontrasse qualquer mulher naquele estado de espírito no século XVI era obviamente impossível. Basta pensar nas lápides elisabetanas com todas aquelas crianças ajoelhadas de mãos postas, e em suas mortes precoces; e ver suas casas com aposentos escuros e apertados, para perceber que nenhuma mulher poderia ter escrito poesia naquela época. O que se esperaria encontrar seria que, um pouco mais tarde, talvez alguma grande dama aproveitasse sua relativa liberdade e conforto para publicar algo com o próprio nome, arriscando-se a ser considerada um monstro. Os homens, naturalmente, não são esnobes, continuei, evitando com cuidado o "feminismo deslavado" de Miss Rebecca West³⁵; mas apreciam com simpatia, na maioria dos casos, os esforços de uma condessa para escrever versos. Seria de esperar que uma senhora nobre encontrasse muito mais incentivo do que uma desconhecida Miss Austen¹⁴ ou uma Miss Brontë teria encontrado naquele tempo. Mas seria de esperar também que sua mente estivesse perturbada por emoções alheias, como o medo e o ódio, e que seus poemas mostrassem vestígios dessa perturbação. Eis aqui Lady Winchilsea⁹, por exemplo, pensei, tirando da estante seus poemas. Nasceu no ano de 1661; era nobre tanto de nascimento quanto por casamento; não teve filhos; escreveu poesia, e basta abrir seus poemas para

encontrá-la prorrompendo em indignação contra a situação das mulheres:

*Como caímos! Caídas por regras errôneas,
Mais tolas da educação que da natureza;
Apartadas de todo avanço da mente,
Feitas para a modorra, tal como se esperava;*

*E se alguma se eleva acima das demais,
Por mais viva imaginação e ambição impelida,
Tão forte a facção adversa inda se mostra,
Que a esperança de vingar não vence o temor.*

Fica claro que a mente dela de modo algum "consumiu todos os impedimentos e tornou-se incandescente". Pelo contrário: é atormentada e distraída por ódios e ressentimentos. O gênero humano divide-se para ela em dois partidos. Os homens são a "facção adversa"; os homens são odiados e temidos, porque têm o poder de barrar-lhe o caminho para o que ela deseja fazer — que é escrever.

*Ai! A mulher que ousa tomar da pena
É tida por criatura tão presunçosa
Que virtude alguma pode redimir a falta.
Dizem-nos que erramos de sexo e de rumo;
Boas maneiras, moda, dança, vestuário, diversão,
Eis os dotes que deveríamos almejar;
Escrever, ou ler, ou pensar, ou indagar,
Nublaria nossa beleza e consumiria nosso tempo,
Interrompendo as conquistas de nosso apogeu.*

*Enquanto o maçante trato de um lar servil
É tido por alguns nossa máxima arte e serventia.*

Com efeito, ela tem de animar a si mesma a escrever supondo que o que escreve jamais será publicado; de consolar-se com este triste canto:

*Canta para alguns poucos amigos e para tuas dores,
Pois a bosques de louros jamais foste destinada;
Que tuas sombras sejam escuras o bastante, e dá-te ali por
contente.*

No entanto, é claro que, tivesse ela conseguido livrar sua mente do ódio e do medo e não a cumulado de amargura e ressentimento, o fogo ardia vivo dentro dela. De tempos em tempos brotam palavras de pura poesia:

*Nem em sedas desbotadas comporá,
Tênuê, a inimitável rosa.*

— são com justiça elogiados pelo Sr. Murry³⁶, e Pope³⁸, crê-se, lembrou-se destes outros versos e deles se apropriou:

*Agora o junquilha domina o débil cérebro;
Desfalecemos sob a aromática dor.*

Era uma lástima imensa que a mulher capaz de escrever assim, cuja mente estava afinada com a natureza e a reflexão, tivesse sido empurrada para a cólera e o rancor. Mas como poderia ela ter agido de outro modo?, perguntei a mim mesma, imaginando os escárnios e os risos, a adulação dos bajuladores, o ceticismo do poeta profissional. Ela deve ter se trancado num quarto no campo

para escrever, dilacerada quem sabe por amargura e escrúpulos, embora seu marido fosse dos mais gentis e a vida conjugal de ambos, perfeita. Ela "deve ter", digo eu, porque quando se vai em busca dos fatos sobre Lady Winchilsea descobre-se, como de costume, que quase nada se sabe a respeito dela. Sofria terrivelmente de melancolia, o que podemos explicar ao menos até certo ponto quando a vemos nos contar como, sob as garras dessa aflição, ela imaginava:

*Meus versos escarnecidos, e meu afazer julgado
Inútil loucura ou presunçosa falta:*

O afazer assim censurado era, até onde se pode ver, o inofensivo hábito de perambular pelos campos e sonhar:

*Minha mão se deleita em traçar coisas raras,
E desvia-se do rumo trilhado e comum,
Nem em sedas desbotadas comporá,
Tênuê, a inimitável rosa.*

Naturalmente, se esse era o seu hábito e esse era o seu prazer, ela só podia esperar ser ridicularizada; e, conforme se conta, Pope ou Gay a satirizou "como uma *blue-stocking* com comichão de rabiscar". Acredita-se também que ela tenha ofendido Gay ao zombar dele. Disse que a *Trivia* dele mostrava que "ele era mais talhado para caminhar à frente de uma cadeirinha do que para andar dentro dela". Mas tudo isso não passa de "mexerico duvidoso" e, diz o Sr. Murry, "desinteressante". Mas nisso eu não concordo com ele, pois teria gostado de ter ainda mais mexericos duvidosos, de modo que pudesse ter descoberto ou construído

alguma imagem dessa senhora melancólica, que adorava vagar pelos campos e pensar sobre coisas incomuns e desprezava, com tanta temeridade, tão imprudentemente, "o maçante trato de um lar servil". Mas ela se tornou difusa, diz o Sr. Murry. Seu talento ficou todo tomado por ervas daninhas e atado por sarças. Não teve chance de mostrar-se no dom fino e distinto que era. E assim, devolvendo-a à estante, passei à outra grande dama, a Duquesa que Lamb³ amava, a desmiolada e fantasiosa Margaret de Newcastle¹⁰, mais velha que ela, mas sua contemporânea. Eram muito diferentes, mas parecidas no fato de que ambas eram nobres e ambas não tinham filhos, e ambas eram casadas com maridos excelentes. Em ambas ardia a mesma paixão pela poesia e ambas foram desfiguradas e deformadas pelas mesmas causas. Abra-se a Duquesa e depara-se com o mesmo desabafo de fúria: "As mulheres vivem como Morcegos ou Corujas, trabalham como Bestas e morrem como Vermes..." Margaret também poderia ter sido poetisa; em nossos dias, toda aquela atividade teria movido alguma engrenagem. Do modo como as coisas se deram, o que poderia conter, domar ou civilizar para proveito humano aquela inteligência selvagem, generosa e indômita? Ela se derramou, a esmo, em torrentes de rima e prosa, poesia e filosofia que jazem estagnadas em *quartos* e *fólios* que ninguém jamais lê. Deveriam ter posto um microscópio em suas mãos. Deveriam tê-la ensinado a contemplar as estrelas e a raciocinar cientificamente. Seu juízo perturbou-se com a solidão e a liberdade. Ninguém a continha. Ninguém a ensinava. Os professores a adulavam. Na corte, zombavam dela. Sir Egerton Brydges²⁸ queixou-se de sua grosseria

— "como provinda de uma dama de alta estirpe criada nas Cortes". Ela se trancou sozinha em Welbeck⁴⁷.

Que visão de solidão e desatino a lembrança de Margaret Cavendish traz à mente! Como se um pepino gigante se houvesse alastrado sobre todas as rosas e cravos do jardim, sufocando-os até a morte. Que desperdício que a mulher que escreveu "as mulheres de melhor educação são aquelas cujas mentes são as mais polidas" tenha esbanjado seu tempo a rabiscar tolices e a afundar cada vez mais na obscuridade e no disparate, até o povo se aglomerar em torno de sua carruagem quando ela saía. Evidentemente, a Duquesa amalucada tornou-se um bicho-papão para assustar moças inteligentes. Aqui, lembrei-me, guardando a Duquesa e abrindo as cartas de Dorothy Osborne¹¹, está Dorothy escrevendo a Temple sobre o novo livro da Duquesa: "Com certeza a pobre mulher é um tanto desmiolada, do contrário jamais seria tão ridícula a ponto de se aventurar a escrever livros e ainda por cima em verso; mesmo que eu não dormisse por quinze dias, não chegaria a esse ponto".

E assim, visto que nenhuma mulher de bom senso e modéstia podia escrever livros, Dorothy, que era sensível e melancólica, o exato oposto da Duquesa em temperamento, não escreveu nada. Cartas não contavam. Uma mulher podia escrever cartas enquanto velava o leito de enfermidade do pai. Podia escrevê-las à beira do fogo enquanto os homens conversavam, sem incomodá-los. O curioso, pensei, folheando as páginas das cartas de Dorothy, é o dom que aquela jovem solitária e sem instrução possuía para a estrutura de uma frase, para a modelagem de uma cena. Ouçamna discorrer:

"Depois do jantar sentamo-nos e conversamos até o Sr. B. vir à baila, e então vou-me embora. O calor do dia é passado a ler ou trabalhar e, por volta das seis ou sete horas, caminho até um pasto comum que fica rente à casa, onde uma porção de moças pastoreia ovelhas e vacas e senta-se à sombra a cantar baladas; vou até elas e comparo suas vozes e belezas a algumas pastoras antigas sobre as quais li, e constato aí uma enorme diferença, mas acredite em mim quando digo que as acho tão inocentes quanto aquelas poderiam ser. Converso com elas e descubro que nada lhes falta para serem as pessoas mais felizes do mundo, senão saberem que o são. Quase sempre, quando estamos no meio de nossa prosa, uma delas olha ao redor e avista as vacas entrando no milharal, e então saem todas correndo, como se tivessem asas nos calcanhares. Eu, que não sou tão lépida, fico para trás e, quando as vejo tangendo o gado para casa, acho que é hora de me recolher também. Depois que ceei, vou ao jardim e de lá até a margem de um pequeno rio que corre junto a ele, onde me sento e desejo a sua companhia comigo..."

Poder-se-ia jurar que ela tinha em si o estofo de uma escritora. Mas "mesmo que eu não dormisse por quinze dias, não chegaria a esse ponto" — pode-se aquilatar a oposição que pairava no ar contra a mulher que escreve quando se constata que até mesmo uma mulher com tamanho pendor para a escrita convenceu a si própria de que escrever um livro era ser ridícula, e até mesmo mostrar-se desmiolada. E assim chegamos, continuei, devolvendo à estante o único e breve volume das cartas de Dorothy Osborne, a Mrs Behn⁸.

E com Mrs Behn dobramos uma curva importantíssima da estrada. Deixamos para trás, trancadas em seus parques em meio a seus fólios, aquelas nobres damas solitárias que escreviam sem público nem crítica, apenas para o próprio deleite. Chegamos à cidade e nos acotovelamos com gente comum nas ruas. Mrs Behn era uma mulher de classe média com todas as virtudes plebeias de humor, vitalidade e coragem; uma mulher forçada pela morte do marido e por algumas desventuras próprias a ganhar a vida por seu engenho. Teve de trabalhar em igualdade de condições com os homens. Conseguiu, trabalhando duramente, o suficiente para viver. A importância desse fato supera tudo o que ela efetivamente escreveu, até mesmo o esplêndido "Fiz um milhar de mártires" ou "O Amor em triunfo fantástico assentou-se", pois aqui tem início a liberdade da mente, ou melhor, a possibilidade de que, com o correr do tempo, a mente seja livre para escrever o que bem entender. Pois agora que Aphra Behn havia conseguido, as jovens podiam ir aos pais e dizer: não precisam me dar uma mesada; posso ganhar dinheiro com a minha pena. Naturalmente, a resposta durante muitos anos ainda foi: sim, vivendo a vida de Aphra Behn! A morte seria preferível!, e a porta batia com mais violência do que nunca. Esse tema profundamente interessante, o valor que os homens atribuem à castidade feminina e seus reflexos na educação das mulheres, insinua-se aqui para debate, e poderia render um livro interessante caso alguma aluna de Girton⁴¹ ou Newnham⁴¹ quisesse se aprofundar no assunto. Lady Dudley, sentada coberta de diamantes em meio aos mosquitos de uma charneca escocesa, poderia servir de frontispício. Lord Dudley, noticiou o *Times*⁴⁸ quando Lady Dudley faleceu outro dia,

"homem de gosto refinado e muitos dotes, era benevolente e generoso, porém caprichosamente despótico. Fazia questão de que sua esposa usasse traje de gala até mesmo no mais remoto chalé de caça nas Highlands; acumulava-a de joias magníficas", e assim por diante, "deu-lhe tudo — ressaltando sempre qualquer parcela de responsabilidade". Então Lord Dudley sofreu um derrame, e ela cuidou dele e administrou as propriedades com suprema competência para todo o sempre. Esse despotismo caprichoso existia no século XIX também.

Mas retomemos. Aphra Behn provou que se podia ganhar dinheiro escrevendo, ao sacrifício, talvez, de certas qualidades agradáveis; e assim, aos poucos, o ato de escrever tornou-se não apenas indício de tolice e de mente desmiolada, mas algo de relevância prática. Um marido podia morrer, ou algum infortúnio abater-se sobre a família. Centenas de mulheres começaram, com o avançar do século XVIII, a complementar seu dinheiro de alfinete ou a socorrer as famílias fazendo traduções ou redigindo os inumeráveis romances ruins que deixaram de figurar até nos compêndios, mas que ainda podem ser garimpados nos caixotes de quatro pence na Charing Cross Road. A intensa atividade intelectual que se manifestou no final do século XVIII entre as mulheres — as conversas, as reuniões, a redação de ensaios sobre Shakespeare³⁸, a tradução dos clássicos — fundava-se no fato concreto de que as mulheres podiam ganhar dinheiro escrevendo. O dinheiro confere dignidade àquilo que, sem remuneração, é considerado frívolo. Podia ainda ser de bom tom mofar de "*blue-stockings* com comichão de rabiscar", mas não se podia negar que elas punham dinheiro na bolsa. Assim, pelo final do século XVIII,

operou-se uma mudança que, se eu estivesse reescrevendo a história, descreveria de modo mais detido e consideraria de maior peso do que as Cruzadas ou as Guerras das Rosas.

A mulher de classe média começou a escrever. Pois se *Pride and Prejudice* tem importância, e se *Middlemarch*, *Villette* e *Wuthering Heights* têm importância, então tem muito mais importância do que sou capaz de demonstrar em uma conferência de uma hora o fato de que as mulheres em geral, e não apenas a aristocrata solitária trancada em sua mansão rural entre seus fôlios e seus bajuladores, tenham se dedicado à escrita. Sem essas precursoras, Jane Austen, as Brontë e George Eliot¹⁷ não poderiam ter escrito mais do que Shakespeare poderia ter escrito sem Marlowe³⁸, ou Marlowe sem Chaucer³⁸, ou Chaucer sem aqueles poetas esquecidos que desbravaram os caminhos e domaram a aspereza natural da língua. Pois as obras-primas não são partos isolados e solitários; são o resultado de muitos anos de pensamento em comum, de pensamento elaborado pela coletividade, de modo que a experiência da massa sustenta a voz individual. Jane Austen deveria ter depositado uma coroa sobre a sepultura de Fanny Burney¹², e George Eliot prestado homenagem à sombra robusta de Eliza Carter — a valente velhinha que amarrou um sino à cabeceira da cama para acordar cedo e aprender grego. Todas as mulheres juntas deveriam deixar cair flores sobre o túmulo de Aphra Behn, o qual se encontra, escandalosissimamente mas com toda a propriedade, na Westminster Abbey⁴⁶, pois foi ela quem conquistou para elas o direito de dizer o que pensam. É ela — por mais equívoca e namoradeira que fosse — quem torna não de todo

fantasioso eu lhes dizer esta noite: ganhem quinhentas libras por ano por seu próprio engenho.

Aqui, portanto, alcançava-se o início do século XIX. E aqui, pela primeira vez, encontrei várias estantes dedicadas inteiramente a obras de mulheres. Mas por que razão, não pude deixar de indagar ao correr os olhos por elas, eram quase todas romances, com raríssimas exceções? O impulso primordial fora para a poesia. O "supremo vértice da canção" fora uma poetisa. Tanto na França quanto na Inglaterra as poetisas precedem as romancistas. Além disso, pensei, fitando os quatro nomes célebres, o que tinha George Eliot em comum com Emily Brontë¹⁶? Não falhara Charlotte Brontë¹⁵ por completo em compreender Jane Austen? Salvo pelo fato possivelmente relevante de que nenhuma delas teve filhos, quatro personalidades mais incompatíveis não poderiam ter se reunido numa mesma sala — a tal ponto que é tentador inventar um encontro e um diálogo entre elas. No entanto, por alguma força misteriosa, foram todas compelidas, ao escrever, a escrever romances. Teria isso algo a ver com o fato de haverem nascido na classe média, perguntei-me; e com a circunstância, que Miss Emily Davies³² um pouco mais tarde demonstraria de maneira tão cabal, de que a família de classe média no início do século XIX dispunha apenas de uma única sala de estar comum para todos? Se uma mulher escrevesse, teria de escrever na sala de estar comum. E, como Miss Nightingale¹⁹ viria a se queixar com tanta veemência — "as mulheres nunca têm meia hora... que possam chamar de sua" —, era sempre interrompida. Ainda assim, seria mais fácil escrever prosa e ficção ali do que escrever poesia ou uma peça de teatro. Requer-se menos

concentração. Jane Austen escreveu dessa maneira até o fim da vida. "Como ela foi capaz de produzir tudo isso", escreve seu sobrinho em sua biografia, "é surpreendente, pois ela não tinha gabinete de trabalho separado para onde se recolher, e a maior parte da obra deve ter sido feita na sala de estar geral, sujeita a todo tipo de interrupções fortuitas. Ela tomava o cuidado de que sua ocupação não fosse suspeitada por criados, visitantes ou por qualquer pessoa alheia ao círculo de sua própria família". [Nota: *MEMOIR OF JANE AUSTEN*, por seu sobrinho, James Edward Austen-Leigh.] Jane Austen escondia seus manuscritos ou os cobria com uma folha de mata-borrão. Depois, mais uma vez, todo o preparo literário que uma mulher possuía no início do século XIX resumia-se ao treino na observação de caracteres e na análise de emoções. Sua sensibilidade fora educada durante séculos pelas influências da sala de estar comum. Os sentimentos alheios gravavam-se nela; as relações interpessoais estavam sempre sob seus olhos. Por conseguinte, quando a mulher de classe média se lançou à escrita, escreveu naturalmente romances, embora, como parece bastante evidente, duas das quatro famosas mulheres aqui citadas não fossem romancistas por vocação. Emily Brontë deveria ter escrito peças poéticas; o transbordamento do espírito generoso de George Eliot deveria ter se espalhado, esgotado o impulso criativo, pela história ou pela biografia. Elas escreveram romances, contudo; pode-se ir ainda mais longe, disse eu, retirando *Pride and Prejudice* da estante, e dizer que escreveram bons romances. Sem vaidade nem ofensa ao sexo oposto, pode-se afirmar que *Pride and Prejudice* é um bom livro. De qualquer modo, ninguém se envergonharia de ter sido surpreendido em

flagrante escrevendo *Pride and Prejudice*. No entanto, Jane Austen alegrava-se com o ranger de uma dobradiça, pois assim podia ocultar seu manuscrito antes que alguma visita entrasse. Para Jane Austen, havia algo de desairoso em escrever *Pride and Prejudice*. E, perguntei a mim mesma, teria sido *Pride and Prejudice* um romance melhor caso Jane Austen não houvesse julgado necessário ocultar seu manuscrito das visitas? Li uma ou duas páginas para conferir; mas não consegui descobrir sinal algum de que suas circunstâncias houvessem prejudicado sua obra no mais mínimo grau. Esse, talvez, fosse o prodígio maior. Ali estava uma mulher por volta do ano de 1800 escrevendo sem ódio, sem rancor, sem medo, sem protestos, sem sermões. Foi assim que Shakespeare escreveu, pensei, olhando para *Antony and Cleopatra*; e, quando as pessoas comparam Shakespeare a Jane Austen, talvez queiram dizer que as mentes de ambos haviam consumido todos os impedimentos; e por essa razão não conhecemos Jane Austen nem conhecemos Shakespeare, e por essa razão Jane Austen perpassa cada palavra que escreveu, do mesmo modo que Shakespeare. Se Jane Austen sofreu de algum modo com suas circunstâncias, foi na estreiteza de vida que lhe foi imposta. Era impossível para uma mulher circular desacompanhada. Ela nunca viajou; nunca andou por Londres de ônibus nem almoçou sozinha numa loja. Mas talvez fosse da índole de Jane Austen não desejar o que não possuía. Seu talento e suas circunstâncias ajustavam-se com perfeita harmonia. Duvido, porém, de que isso tenha sido verdade no caso de Charlotte Brontë, disse eu, abrindo *Jane Eyre* e colocando-o ao lado de *Pride and Prejudice*.

Abri-o no capítulo doze e meus olhos foram atraídos pela frase: "Quem quiser que me censure". Pelo que estariam censurando Charlotte Brontë?, perguntei-me. E li como Jane Eyre costumava subir ao telhado enquanto Mrs Fairfax preparava geleias e contemplava os campos na paisagem distante. E então ela ansiava — e era por isso que a censuravam — por "um poder de visão que pudesse ultrapassar aquele limite; que pudesse alcançar o mundo agitado, cidades, regiões repletas de vida das quais eu ouvira falar, mas que jamais vira; ansiava então por mais experiência prática do que a que eu possuía; por mais convívio com meus semelhantes, mais contato com uma variedade de caracteres do que os que estavam aqui ao meu alcance. Eu dava valor ao que havia de bom em Mrs Fairfax e ao que havia de bom em Adèle; mas acreditava na existência de outras formas de bondade, mais vivas, e aquilo em que acreditava eu desejava contemplar".

"Quem me censura? Muitos, sem dúvida, e serei chamada de descontente. Eu não podia evitá-lo: a inquietação estava em minha natureza; agitava-me a ponto de doer, às vezes...

"É inútil dizer que os seres humanos deveriam contentar-se com a tranquilidade: eles precisam de ação; e não de criá-la se não puderem encontrá-la. Milhões de pessoas estão condenadas a um destino mais impassível que o meu, e milhões se acham em silenciosa revolta contra a sua sorte. Ninguém sabe quantas rebeliões fermentam nas massas de vida que povoam a terra. Supõe-se em geral que as mulheres sejam muito calmas: mas as mulheres sentem exatamente como os homens sentem; necessitam de exercício para suas faculdades e de um campo para seus esforços tanto quanto seus irmãos; sofrem com uma

restrição por demais rígida, com uma estagnação por demais absoluta, precisamente como os homens sofreriam; e é tacanhez de seus semelhantes mais privilegiados dizer que elas deveriam limitar-se a fazer pudins e tricotar meias, a tocar piano e bordar bolsas. É leviandade condená-las ou rir-se delas se procuram fazer mais ou aprender mais do que o costume decretou necessário para o seu sexo.

"Quando ficava assim a sós, não raro ouvia a risada de Grace Poole..."

É uma quebra desajeitada, pensei. É desconcertante deparar com Grace Poole de repente. A continuidade fica perturbada. Poder-se-ia dizer, continuei, pousando o livro ao lado de *Pride and Prejudice*, que a mulher que escreveu aquelas páginas trazia em si mais genialidade do que Jane Austen; mas se as relemos e reparamos naquele solavanco nelas, naquela indignação, vemos que ela jamais conseguirá expressar seu gênio pleno e intacto. Seus livros serão deformados e distorcidos. Ela escreverá com fúria onde deveria escrever com serenidade. Escreverá tolamente onde deveria escrever com sensatez. Escreverá sobre si mesma onde deveria escrever sobre suas personagens. Está em guerra contra a própria sorte. Como poderia deixar de morrer jovem, tolhida e contrariada?

Não se podia deixar de brincar por um momento com a ideia do que teria acontecido caso Charlotte Brontë dispusesse de, digamos, trezentas libras por ano — mas a tola vendeu os direitos autorais de seus romances de uma vez por mil e quinhentas libras —; houvesse de algum modo possuído mais conhecimento do mundo agitado, e de cidades e regiões repletas de vida; mais

experiência prática, e convívio com seus semelhantes e contato com uma variedade de caracteres. Nessas palavras ela põe o dedo com precisão não apenas em suas próprias falhas como romancista, mas nas de seu sexo àquela época. Ela sabia, ninguém melhor, o quanto seu gênio teria lucrado imensamente se não tivesse se desgastado em visões solitárias sobre campos distantes; se a experiência, a convivência e as viagens lhe tivessem sido concedidas. Mas não lhe foram concedidas; foram-lhe negadas; e devemos aceitar o fato de que todos aqueles excelentes romances — *Villette*, *Emma*, *Wuthering Heights*, *Middlemarch* — foram escritos por mulheres sem mais vivência do que a que podia penetrar na casa de um respeitável clérigo; escritos também na sala de estar comum daquela casa respeitável e por mulheres tão pobres que não podiam se dar ao luxo de comprar mais do que algumas mãos de papel por vez para escrever *Wuthering Heights* ou *Jane Eyre*. Uma delas, é verdade, George Eliot, escapou após muita tribulação, mas apenas para uma casa isolada em St John's Wood. E ali se instalou à sombra da desaprovação do mundo. "Desejo que fique bem entendido", escreveu ela, "que eu jamais convidaria quem quer que fosse para me visitar se essa pessoa não solicitasse o convite"; pois não vivia ela em pecado com um homem casado, e a simples visão dela não poderia tisonar a castidade de Mrs Smith ou de quem quer que fosse que viesse a visitá-la por acaso? Era preciso curvar-se à convenção social e ficar "apartada do que se chama o mundo". Na mesma época, do outro lado da Europa, havia um jovem vivendo em liberdade com esta cigana ou com aquela grande dama; indo para a guerra; colhendo sem estorvo e sem censura toda aquela

variada experiência da vida humana que tão esplendidamente lhe serviria mais tarde, quando se pusesse a escrever seus livros. Tivesse Tolstói³⁸ vivido no The Priory em reclusão com uma mulher casada, "apartado do que se chama o mundo", por mais edificante que fosse a lição moral, ele dificilmente, pensei eu, teria escrito *War and Peace*.

Mas poder-se-ia talvez aprofundar um pouco mais a questão da criação romanesca e o efeito do sexo sobre o romancista. Se fechamos os olhos e pensamos no romance como um todo, ele parece ser uma criação dotada de certa semelhança especular com a vida, embora, decerto, com inúmeras simplificações e distorções. De todo modo, é uma estrutura que deixa uma silhueta no olho da mente, erguida ora em formas quadradas, ora no formato de um pagode, ora projetando alas e arcadas, ora solidamente compacta e com cúpula feito a Catedral de Santa Sofia em Constantinopla. Essa forma, pensei, recordando certos romances célebres, desperta na pessoa o tipo de emoção que lhe é próprio. Mas essa emoção logo se funde com outras, pois a "forma" não é constituída pela relação de pedra com pedra, mas pela relação de ser humano com ser humano. Assim, um romance desencadeia em nós toda sorte de emoções antagônicas e opostas. A vida entra em conflito com algo que não é a vida. Daí a dificuldade de se chegar a qualquer consenso sobre romances, e a imensa influência que nossos preconceitos particulares exercem sobre nós. Por um lado, sentimos: Você — John, o herói — precisa viver, ou cairei no mais profundo desespero. Por outro, sentimos: Ai de mim, John, você precisa morrer, porque a arquitetura do livro assim o exige. A vida entra em conflito com algo que não é a

vida. Depois, como é vida em parte, nós o julgamos como vida. James é o tipo de homem que mais detesto, diz-se. Ou: Isto é um amontoado de absurdos. Eu jamais poderia sentir nada parecido. Toda a estrutura, é patente, ao se pensar em qualquer romance famoso, é de infinita complexidade, porque se compõe de tantos julgamentos diversos, de tantas espécies distintas de emoção. O espantoso é que qualquer livro assim constituído se sustente por mais de um ou dois anos, ou possa significar para o leitor inglês o mesmo que significa para o russo ou o chinês. Mas eles se sustentam de fato, às vezes de modo admirável. E o que os mantém unidos nesses raros casos de sobrevivência (eu pensava em *War and Peace*) é algo que se chama integridade, embora nada tenha a ver com pagar as contas em dia ou comportar-se honradamente numa emergência. O que se quer dizer com integridade, no caso do romancista, é a convicção que ele nos transmite de que aquilo é a verdade. Sim, sente-se: eu jamais teria imaginado que pudesse ser assim; nunca conheci pessoas que agissem desse modo. Mas você me convenceu de que assim é, de que assim acontece. Levanta-se cada frase, cada cena contra a luz à medida que se lê — pois a Natureza parece, de modo assaz curioso, ter nos dotado de uma luz interior pela qual aquilatar a integridade ou a falta de integridade do romancista. Ou talvez seja antes que a Natureza, em seu estado de espírito mais irracional, traçou com tinta invisível nas paredes da mente uma premonição que esses grandes artistas confirmam; um esboço que só precisa ser aproximado do fogo do gênio para se tornar visível. Quando o expomos dessa forma e o vemos ganhar vida, exclamamos em êxtase: Mas é isso o que sempre senti, conheci e desejei! E

transborda-se de entusiasmo e, fechando o livro até com certa reverência, como se fosse algo preciosíssimo, um arrimo ao qual retornar enquanto se viver, põe-se a obra de volta na estante, disse eu, apanhando *War and Peace* e devolvendo-o ao seu lugar. Se, por outro lado, essas míseras frases que colhemos e pomos à prova despertam a princípio uma resposta pronta e ávida com seu colorido vívido e seus gestos impetuosos, mas estacam por ali: algo parece deter o seu desenvolvimento; ou se revelam apenas um rabisco tênue naquele canto e um borrão acolá, e nada surge límpido e inteiro, então solta-se um suspiro de decepção e diz-se: Mais um fracasso. Este romance naufragou em algum ponto.

E, na maior parte dos casos, decerto, os romances naufragam em algum ponto. A imaginação fraqueja sob a enorme tensão. A percepção confunde-se; já não consegue distinguir entre o verdadeiro e o falso, já não tem força para prosseguir na vasta empreitada que exige a cada instante o concurso de tantas faculdades distintas. Mas de que modo tudo isso seria afetado pelo sexo de quem escreve?, perguntei-me, fitando *Jane Eyre* e os demais. Será que o fato de pertencer a seu sexo interferiria de alguma forma com a integridade de uma romancista — aquela integridade que tomo como a espinha dorsal de um escritor? Ora, nos trechos que citei de *Jane Eyre*, salta aos olhos que a cólera estava corrompendo a integridade de Charlotte Brontë como romancista. Ela abandonou sua narrativa, à qual devia total devoção, para remoer algum ressentimento pessoal. Lembrou-se de que havia sido privada de sua justa cota de experiência — haviam-na obrigado a estagnar numa casa paroquial cerzindo meias quando o que desejava era vagar livre pelo mundo. Sua

imaginação desviou-se de indignação, e nós sentimos esse desvio. Mas havia muitas outras forças além da raiva puxando sua imaginação e desviando-a de seu curso. A ignorância, por exemplo. O retrato de Rochester foi traçado no escuro. Sentimos a influência do medo nele; do mesmo modo que sentimos constantemente uma acidez que é fruto da opressão, um sofrimento sepulto que arde sem chama por baixo de sua paixão, um rancor que contrai aqueles livros, esplêndidos como são, com um espasmo de dor.

E como um romance mantém essa correspondência com a vida real, seus valores são, em certa medida, os valores da própria vida real. Mas é evidente que os valores das mulheres diferem muitas vezes dos valores que foram forjados pelo outro sexo; como é natural que seja. No entanto, são os valores masculinos que imperam. Falando sem rodeios, o futebol e os esportes são "importantes"; o culto à moda, a compra de roupas, coisas "frívolas". E esses valores são inevitavelmente transferidos da vida para a ficção. Este é um livro importante, presume o crítico, porque trata da guerra. Este é um livro insignificante porque trata dos sentimentos das mulheres numa sala de visitas. Uma cena num campo de batalha é mais importante do que uma cena numa loja — por toda parte e com muito mais sutileza a disparidade de valor se mantém. Toda a estrutura, portanto, do romance do início do século XIX foi erguida, no caso de quem era mulher, por uma mente levemente desviada da retidão e compelida a alterar sua visão límpida por deferência a uma autoridade externa. Basta passar os olhos por aqueles velhos romances esquecidos e escutar o tom de voz em que foram escritos para adivinhar que a autora

estava enfrentando a crítica; dizia isto em tom de agressão, ou aquilo em tom de conciliação. Estava admitindo que era "apenas uma mulher" ou protestando que era "tão boa quanto um homem". Enfrentava essa crítica conforme seu temperamento ditava: com docilidade e timidez, ou com raiva e veemência. Pouco importa o que fosse; ela pensava em algo alheio à coisa em si. O livro dela desaba sobre as nossas cabeças. Havia uma falha em seu cerne. E pensei em todos os romances de mulheres que jazem espalhados, como maçãs miúdas e picadas de insetos num pomar, pelos sebos de Londres. Foi a falha no cerne que os apodreceu. Ela havia alterado seus valores em deferência à opinião alheia.

Mas quão impossível deve ter sido para elas não desviar nem para a direita nem para a esquerda. Que genialidade, que integridade não deve ter sido necessária diante de toda aquela crítica, no seio daquela sociedade puramente patriarcal, para manterem-se firmes naquilo que viam, sem recuar. Apenas Jane Austen o fez, e Emily Brontë. É mais um mérito delas, talvez o maior. Escreveram como as mulheres escrevem, não como os homens escrevem. De todas as milhares de mulheres que escreveram romances então, só elas ignoraram de todo as perpétuas admoestações do eterno pedagogo — escreva isto, pense aquilo. Apenas elas foram surdas àquela voz insistente, ora queixosa, ora condescendente, ora dominadora, ora consternada, ora chocada, ora colérica, ora paternal, aquela voz que não consegue deixar as mulheres em paz, mas vive a acossá-las, feito alguma governanta zelosa demais, suplicando-lhes, como Sir Egerton Brydges, que sejam refinadas; arrastando até para a crítica da poesia a crítica do sexo; ¹ advertindo-as, caso quisessem

comportar-se bem e conquistar, suponho, algum brilhante troféu, a manter-se dentro de certos limites que o cavalheiro em questão julga apropriados — "...as romancistas do sexo feminino só deveriam aspirar à excelência reconhecendo com coragem as limitações de seu sexo".² Isso resume a questão com perfeição e, quando eu lhes disser, para surpresa de vocês, que essa frase foi escrita não em agosto de 1828, mas em agosto de 1928, hão de concordar comigo, penso eu, em que, por mais divertido que nos soe agora, ela representa uma vasta corrente de opinião — não vou remexer essas águas passadas; colho apenas o que o acaso trouxe aos meus pés — que era muito mais vigorosa e muito mais ruidosa há um século. Teria sido necessária uma jovem muito destemida em 1828 para desdenhar todas aquelas desfeitas, ralhos e promessas de recompensas. Seria preciso ter sido uma rebelde para dizer a si mesma: Ah, mas eles não podem comprar a literatura também. A literatura está aberta a todos. Recuso-me a permitir que você, bedel que seja, me enxote do gramado. Tranque suas bibliotecas se quiser; mas não há portão, fechadura nem ferrolho que possa impor à liberdade de minha mente.

[Nota 1: "[Ela] tem um propósito metafísico, e essa é uma obsessão perigosa, em especial para uma mulher, pois as mulheres raramente possuem o saudável apreço dos homens pela retórica. É uma carência estranha num sexo que, para outras coisas, é mais primitivo e mais materialista." — *NEW CRITERION*, junho de 1928.]

[Nota 2: "Se, a exemplo do articulista, você acredita que as romancistas do sexo feminino só deveriam aspirar à excelência reconhecendo com coragem as limitações de seu sexo (Jane

Austen [demonstrou] quão aiosamente esse gesto pode ser realizado...)" — *LIFE AND LETTERS*, agosto de 1928.]

Mas, qualquer que tenha sido o efeito do desalento e da crítica sobre sua escrita — e creio que tiveram um efeito imenso —, isso era irrelevante se comparado à outra dificuldade com que se deparavam (eu ainda considerava aquelas romancistas do início do século XIX) quando chegavam a pôr suas ideias no papel: a de que não tinham tradição alguma por trás de si, ou uma tradição tão curta e parcial que pouco lhes servia de ajuda. Pois, se somos mulheres, é pelas nossas mãos que remontamos em pensamento. É inútil buscar socorro nos grandes escritores homens, por mais que os procuremos por prazer. Lamb, Browne, Thackeray⁵, Newman, Sterne³⁸, Dickens³⁸, De Quincey — quem quer que seja — jamais ajudaram uma mulher sequer, embora ela possa ter aprendido alguns truques com eles e adaptado esses truques a seu proveito. O peso, o ritmo, o passo da mente masculina são diferentes demais dos dela para que consiga extrair algo substancial dali com sucesso. O símio está distante demais para ser aplicado. Talvez a primeira coisa com que ela se deparasse, ao pousar a pena no papel, fosse que não havia uma frase comum pronta para o seu uso. Todos os grandes romancistas como Thackeray, Dickens e Balzac escreveram uma prosa natural, ágil sem ser desleixada, expressiva sem ser rebuscada, assumindo seu próprio colorido sem deixar de ser patrimônio comum. Fundamentaram-na na frase corrente de sua época. A frase corrente no início do século XIX soava mais ou menos assim, talvez: "A grandeza de suas obras era para eles um argumento não para estacar, mas para prosseguir. Não poderiam ter maior

entusiasmo ou satisfação do que no exercício de sua arte e na infinda geração de verdade e beleza. O sucesso incita ao esforço; e o hábito propicia o sucesso". Essa é uma frase de homem; por trás dela entrevê-se Johnson²⁰, Gibbon e os demais. Era uma frase inadequada para o uso de uma mulher. Charlotte Brontë, com todo o seu dote esplêndido para a prosa, tropeçou e caiu com essa arma canhestra nas mãos. George Eliot cometeu com ela atrocidades que desafiam qualquer descrição. Jane Austen olhou para ela, riu dela e concebeu uma frase perfeitamente natural, bem torneada, talhada para seu próprio uso, da qual nunca se afastou. Assim, com menos gênio para a escrita do que Charlotte Brontë, disse infinitamente mais. De fato, como a liberdade e a plenitude de expressão constituem a essência da arte, tal carência de tradição, tal penúria e inadequação de instrumentos devem ter pesado enormemente sobre a escrita das mulheres. Além disso, um livro não é feito de frases enfileiradas ponta com ponta, mas de frases erguidas, se a imagem ajuda, em arcadas ou cúpulas. E essa arquitetura também foi talhada pelos homens a partir de suas próprias necessidades para seus próprios usos. Não há motivo para pensar que a forma do épico ou do drama poético convenha mais a uma mulher do que a frase lhe convém. Mas todas as formas mais antigas da literatura já estavam endurecidas e consolidadas na época em que ela se tornou escritora. Apenas o romance era jovem o bastante para mostrar-se maleável em suas mãos — outra razão, talvez, pela qual ela escreveu romances. Contudo, quem haverá de dizer que mesmo hoje "o romance" (ponho entre aspas para marcar minha sensação da inadequação do termo), quem haverá de dizer que mesmo essa forma, a mais

flexível de todas, esteja modelada com propriedade para o uso dela? Não há dúvida de que a veremos ajeitar essa forma para si quando dispuser do livre uso de seus movimentos; e provendo algum novo veículo, não forçosamente em verso, para a poesia que traz dentro de si. Pois é à poesia que ainda se nega vazão. E pus-me a cogitar como uma mulher dos dias de hoje escreveria uma tragédia poética em cinco atos. Usaria ela o verso? — ou não usaria antes a prosa?

Mas essas são questões difíceis que repousam na penumbra do futuro. Devo deixá-las de lado, nem que seja apenas porque me incitam a me desviar de meu tema para florestas inexploradas onde me perderei e, com grande probabilidade, serei devorada por feras selvagens. Não desejo, e estou certa de que vocês não querem que eu o faça, abordar esse assunto tão soturno: o futuro da ficção; de modo que me limitarei a fazer uma breve pausa aqui para chamar a atenção de vocês para o grande papel que as condições físicas haverão de desempenhar nesse futuro, no que diz respeito às mulheres. O livro precisa de algum modo adaptar-se ao corpo, e arriscar-se-ia dizer que os livros das mulheres deveriam ser mais breves, mais concentrados do que os dos homens, e concebidos de modo a não exigir longas horas de trabalho firme e desimpedido. Pois interrupções haverá sempre. Ademais, os nervos que irrigam o cérebro parecem diferir em homens e mulheres, e, se vocês pretendem fazê-los render o máximo e com o maior vigor, devem descobrir qual tratamento lhes convém — se essas horas de preleções, por exemplo, que os monges conceberam, presumivelmente, centenas de anos atrás, são adequadas a elas —, que alternâncias de trabalho e repouso

exigem, interpretando o repouso não como o não fazer nada, mas como fazer algo, só que algo diferente; e qual deveria ser essa diferença? Tudo isso deveria ser debatido e descoberto; tudo isso faz parte da questão das mulheres e a ficção. E, no entanto, continuei, aproximando-me outra vez da estante, onde hei de encontrar aquele estudo minucioso da psicologia das mulheres feito por uma mulher? Se, por sua incapacidade de jogar futebol, as mulheres não forem autorizadas a exercer a medicina —

Por sorte, meus pensamentos tomaram agora outro rumo.

Capítulo 5

Chegara por fim, no curso dessa divagação, às estantes que guardam os livros de autores vivos; de mulheres e de homens; pois há hoje quase tantos livros escritos por mulheres quanto por homens. Ou, se isso ainda não é de todo verdade, se o sexo masculino ainda é o sexo loquaz, é com certeza verdade que as mulheres já não escrevem unicamente romances. Há os livros de Jane Harrison sobre arqueologia grega; os livros de Vernon Lee sobre estética; os livros de Gertrude Bell sobre a Pérsia. Há livros sobre toda sorte de assuntos em que, uma geração atrás, nenhuma mulher teria tocado. Há poemas, peças de teatro e crítica; há livros de história e biografias, livros de viagem e livros de erudição e pesquisa; há inclusive algumas obras de filosofia e livros sobre ciência e economia. E, embora os romances predominem, os próprios romances bem podem ter mudado pelo convívio com livros de outro jaez. A simplicidade natural, a era épica da escrita das mulheres, talvez tenha passado. A leitura e a crítica talvez lhe tenham dado um alcance mais amplo, uma sutileza maior. O impulso para a autobiografia talvez tenha se esgotado. Ela talvez esteja começando a usar a escrita como uma arte, não como um método de autoexpressão. Entre esses novos romances, poder-se-ia encontrar uma resposta para várias dessas perguntas.

Apanhei um deles ao acaso. Ficava bem no fim da prateleira, chamava-se *Life's Adventure*, ou algum título assim, de Mary Carmichael³⁹, e fora publicado neste exato mês de outubro. Parece ser seu primeiro livro, disse de mim para mim, mas é preciso lê-lo como se fosse o último volume de uma série bastante longa, que dá continuidade a todos aqueles outros livros que andei folheando — os poemas de Lady Winchilsea⁹, as peças de Aphra Behn⁸ e os romances das quatro grandes romancistas. Pois os livros continuam uns aos outros, a despeito do nosso hábito de julgá-los isoladamente. E devo também considerá-la — essa mulher desconhecida — como descendente de todas aquelas outras mulheres cujas circunstâncias andei examinando, e ver o que ela herda de seus traços e restrições. Assim, com um suspiro, porque os romances com tanta frequência fornecem um anódino e não um antídoto, fazendo-nos deslizar para sonos entorpecidos em vez de nos despertar com um tição ardente, acomodei-me com caderno e lápis para tirar o que pudesse do primeiro romance de Mary Carmichael, *Life's Adventure*.

Para começar, passei os olhos de cima a baixo pela página. Vou primeiro pegar o jeito de suas frases, disse eu, antes de sobrecarregar minha memória com olhos azuis e castanhos e com a relação que possa haver entre Chloe e Roger. Haverá tempo para isso quando eu tiver decidido se ela tem nas mãos uma pena ou uma picareta. Experimentei então uma ou duas frases na língua. Logo ficou evidente que algo não estava bem em ordem. O deslizar suave de frase após frase fora interrompido. Algo rasgava, algo arranhava; uma palavra isolada aqui e ali apontava seu facho de luz para os meus olhos. Ela estava "desvencilhando-se", como

dizem nas peças antigas. Ela é como uma pessoa riscando um fósforo que não acende, pensei. Mas por que, perguntei-lhe como se ela estivesse presente, as frases de Jane Austen¹⁴ não têm a forma adequada para você? Terão todas de ser descartadas porque Emma e o Sr. Woodhouse estão mortos? Ai de mim, suspirei, que tenha de ser assim. Pois, ao passo que Jane Austen passa de melodia em melodia como Mozart de canção em canção, ler essa escrita era como estar em mar aberto num barco sem cobertura. Subia-se, afundava-se. Essa concisão, esse fôlego curto, podiam significar que ela tinha medo de algo; medo de ser tachada de "sentimental", talvez; ou ela se lembra de que a escrita das mulheres já foi chamada de florida e por isso providencia uma superfluidade de espinhos; mas, até que eu tenha lido uma cena com certo cuidado, não posso ter certeza se ela está sendo ela mesma ou outra pessoa. De qualquer modo, ela não arrefece a vitalidade de quem lê, pensei, lendo com mais atenção. Mas está acumulando fatos demais. Não conseguirá usar metade deles num livro deste tamanho. (Tinha cerca de metade do tamanho de *Jane Eyre*.) No entanto, por um meio ou outro, ela conseguiu colocar a todos nós — Roger, Chloe, Olivia, Tony e o Sr. Bigham — numa canoa subindo o rio. Espere um momento, disse eu, recostando-me na cadeira; preciso examinar a coisa toda com mais cuidado antes de ir adiante.

Tenho quase certeza, disse de mim para mim, de que Mary Carmichael está nos pregando uma peça. Pois me sinto como a pessoa se sente numa montanha-russa quando o carrinho, em vez de descer, como fomos levados a esperar, dá uma guinada e sobe de novo. Mary está violando a sequência esperada. Primeiro ela

quebrou a frase; agora quebrou a sequência. Muito bem, ela tem todo o direito de fazer ambas as coisas se as fizer não pelo mero prazer de quebrar, mas com o intuito de criar. Qual das duas hipóteses é a verdadeira, não posso ter certeza enquanto ela não se puser diante de uma situação. Darei a ela toda a liberdade, disse eu, para escolher o que haverá de ser essa situação; que ela a componha de latas de conserva e velhas chaleiras, se quiser; mas tem de me convencer de que acredita que aquilo é uma situação; e então, depois que a houver criado, precisa enfrentá-la. Precisa saltar. E, decidida a cumprir meu dever para com ela como leitora caso ela cumprisse o seu para comigo como escritora, virei a página e li... Peço desculpas por interromper tão abruptamente. Não há nenhum homem presente? Vocês me prometem que atrás daquela cortina vermelha ali adiante a figura de Sir Charles Biron não está oculta? Somos todas mulheres, vocês me garantem? Então posso lhes dizer que as primeiríssimas palavras seguintes que li foram estas: "Chloe gostava de Olivia...". Não se sobressaltem. Não corem. Admitamos, na privacidade de nosso próprio círculo, que essas coisas às vezes acontecem. Às vezes as mulheres de fato gostam de mulheres.

"Chloe gostava de Olivia", li eu. E então me ocorreu que imensa mudança havia ali. Chloe gostava de Olivia, talvez pela primeira vez na literatura. Cleópatra não gostava de Octávia. E como *Antony and Cleopatra* teria sido completamente modificada caso ela gostasse! Do modo como está, pensei, deixando minha mente, receio, divagar um pouco para longe de *Life's Adventure*, a coisa toda é simplificada, convencionalizada, se ousássemos dizê-lo, de forma absurda. O único sentimento de Cleópatra para com

Octávia é o ciúme. Ela é mais alta do que eu? Como ela penteia o cabelo? A peça, talvez, não exigisse mais do que isso. Mas quão interessante teria sido se o relacionamento entre as duas mulheres tivesse sido mais complexo. Todas essas relações entre mulheres, pensei, recordando rapidamente a esplêndida galeria de mulheres fictícias, são simples demais. Tanta coisa foi deixada de fora, sem sequer ser tentada. E procurei me lembrar de algum caso, no curso de minhas leituras, em que duas mulheres fossem representadas como amigas. Há uma tentativa disso em *Diana of the Crossways*. Elas são confidentes, é claro, em Racine e nas tragédias gregas. São, de vez em quando, mães e filhas. Mas, quase sem exceção, são mostradas em sua relação com os homens. Era estranho pensar que todas as grandes mulheres da ficção foram, até a época de Jane Austen, não apenas vistas pelo outro sexo, mas vistas somente em relação ao outro sexo. E que pequena parte da vida de uma mulher é essa; e quão pouco um homem pode saber mesmo dessa parte, quando a observa através dos óculos pretos ou cor-de-rosa que o sexo lhe assenta sobre o nariz. Daí, talvez, a natureza peculiar da mulher na ficção; os espantosos extremos de sua beleza e de seu horror; suas alternâncias entre uma bondade celestial e uma depravação infernal — pois assim a veria um amante conforme seu amor se elevasse ou esmorecesse, fosse próspero ou infeliz. Isso já não é tão verdadeiro em relação aos romancistas do século XIX, decerto. A mulher torna-se bem mais diversa e complexa ali. Com efeito, foi talvez o desejo de escrever sobre mulheres que levou os homens, aos poucos, a abandonar o drama poético que, com sua violência, tão pouco proveito podia tirar delas, e a conceber o romance como um receptáculo mais

apropriado. Mesmo assim, permanece evidente, até na escrita de Proust³⁸, que um homem é terrivelmente tolhido e parcial em seu conhecimento das mulheres, do mesmo modo que uma mulher o é em seu conhecimento dos homens.

Além disso, continuei, olhando de novo para a página, vai se tornando evidente que as mulheres, assim como os homens, têm outros interesses além dos perenes interesses da vida doméstica. "Chloe gostava de Olivia. Elas dividiam um laboratório...". Continuei lendo e descobri que essas duas jovens estavam entretidas em moer fígado, o que é, ao que parece, uma cura para a anemia perniciosa; embora uma delas fosse casada e tivesse — creio estar certa ao dizê-lo — dois filhos pequenos. Ora, tudo isso, decerto, teve de ser deixado de fora, e assim o esplêndido retrato da mulher fictícia é simples demais e monótono demais. Suponhamos, por exemplo, que os homens fossem representados na literatura apenas como amantes das mulheres, e nunca fossem os amigos de outros homens, soldados, pensadores, sonhadores; quão poucos papéis nas peças de Shakespeare³⁸ poderiam lhes ser atribuídos; como a literatura sofreria! Teríamos talvez quase todo o Otelo; e uma boa parte de Antônio; mas nenhum César, nenhum Bruto, nenhum Hamlet, nenhum Lear, nenhum Jaques — a literatura seria incrivelmente empobrecida, como de fato a literatura se acha empobrecida para além de todas as nossas contas pelas portas que foram fechadas às mulheres. Casadas contra a vontade, mantidas num único aposento e numa única ocupação, como poderia um dramaturgo oferecer delas um relato pleno, interessante ou fidedigno? O amor era o único intérprete possível. O poeta era forçado a ser apaixonado ou amargo, a não

ser, com efeito, que optasse por "odiar as mulheres", o que na maioria das vezes significava que ele próprio não era atraente para elas.

Ora, se Chloe gosta de Olivia e elas dividem um laboratório, o que por si só tornará a amizade de ambas mais variada e duradoura por ser menos pessoal; se Mary Carmichael sabe escrever, e eu começava a apreciar certa qualidade em seu estilo; se ela tem um teto só para si, do que não estou de todo certa; se dispõe de quinhentas libras por ano só suas — mas isso ainda precisa ser provado —, então creio que algo de grande importância aconteceu.

Pois, se Chloe gosta de Olivia e Mary Carmichael souber expressar isso, ela acenderá uma tocha naquela vasta câmara onde ninguém jamais esteve. Ali tudo é meia-luz e sombras profundas, feito aquelas cavernas serpenteantes em que se entra com uma vela perscrutando para cima e para baixo, sem saber onde se pisa. E recomecei a ler o livro, e li como Chloe observava Olivia colocar um frasco na prateleira e dizer que era hora de ir para casa ter com os filhos. Essa é uma visão que nunca se teve desde que o mundo começou, exclamei. E eu observava também, com muita curiosidade. Pois queria ver como Mary Carmichael punha mãos à obra para capturar aqueles gestos não registrados, aquelas palavras não ditas ou ditas pela metade, que se formam, de maneira não mais palpável que as sombras de mariposas no teto, quando as mulheres estão a sós, não iluminadas pela luz caprichosa e colorida do outro sexo. Ela precisará prender a respiração, disse eu, continuando a ler, se quiser fazê-lo; pois as mulheres são tão desconfiadas de qualquer interesse que não

traga algum motivo óbvio por trás, tão terrivelmente acostumadas ao encobrimento e à repressão, que fogem ao menor piscar de um olho voltado com atenção para a sua direção. A única maneira de você conseguir isso, pensei, dirigindo-me a Mary Carmichael como se ela estivesse ali, seria falar de outra coisa, olhando com firmeza pela janela, e assim anotar, não com um lápis num caderno, mas na mais breve das taquigrafias, em palavras que mal chegaram a ser silabadas, o que acontece quando Olivia — esse organismo que esteve sob a sombra da rocha durante esses milhões de anos — sente a luz incidir sobre si e vê aproximar-se um naco de alimento estranho: conhecimento, aventura, arte. E ela estende a mão para alcançá-lo, pensei, levantando mais uma vez os olhos da página, e precisa inventar uma combinação inteiramente nova de seus recursos, tão altamente desenvolvidos para outros propósitos, de modo a absorver o novo no antigo sem perturbar o equilíbrio infinitamente intrincado e elaborado do todo.

Mas, ai de mim, eu fizera o que resolvera não fazer: escorregara impensadamente para o elogio do meu próprio sexo. "Altamente desenvolvido" — "infinitamente intrincado" —, tais expressões são inegavelmente termos de louvor, e louvar o próprio sexo é sempre suspeito, com frequência tolo; ademais, neste caso, como se poderia justificá-lo? Não se podia ir ao mapa e dizer que Colombo descobriu a América e Colombo era mulher; ou pegar uma maçã e observar que Newton descobriu as leis da gravitação e Newton era mulher; ou olhar para o céu e dizer que há aeroplanos voando no alto e os aeroplanos foram inventados por mulheres. Não há marca na parede para medir a altura exata das mulheres. Não há

réguas de jardas, caprichosamente divididas em frações de polegada, que se possam assentar contra as qualidades de uma boa mãe ou a dedicação de uma filha, ou a fidelidade de uma irmã, ou a competência de uma dona de casa. Poucas mulheres, mesmo agora, foram diplomadas pelas universidades; as grandes provações das profissões, do exército e da marinha, do comércio, da política e da diplomacia quase não as testaram. Elas permanecem, até este exato momento, quase inclassificadas. Mas, se eu quiser saber tudo o que um ser humano pode me dizer sobre Sir Hawley Butts, por exemplo, basta-me abrir o Burke⁴⁸ ou o Debrett⁴⁸ e descobrirei que ele obteve este ou aquele diploma; possui uma mansão senhorial; tem um herdeiro; foi secretário de um conselho; representou a Grã-Bretanha no Canadá; e recebeu certo número de títulos, cargos, medalhas e outras distinções pelas quais seus méritos se acham gravados sobre ele de modo indelével. Só a Providência pode saber mais a respeito de Sir Hawley Butts do que isso.

Portanto, quando digo "altamente desenvolvido", "infinitamente intrincado" a respeito das mulheres, sou incapaz de comprovar minhas palavras no Whitaker⁴⁸, no Debrett ou no anuário universitário. Diante desse dilema, o que posso fazer? E olhei de novo para a estante. Lá estavam as biografias: Johnson²⁰ e Goethe³⁸ e Carlyle³⁸ e Sterne³⁸ e Cowper³⁸ e Shelley³⁸ e Voltaire³⁸ e Browning e muitos outros. E pus-me a pensar em todos aqueles grandes homens que, por uma razão ou por outra, admiraram, procuraram, conviveram com, fizeram confidências a, cortejaram, escreveram sobre, confiaram em e demonstraram o que só se pode descrever como certa necessidade e dependência

em relação a determinadas pessoas do sexo oposto. Que todos esses relacionamentos tenham sido absolutamente platônicos, eu não afirmaria, e Sir William Joynson Hicks com certeza o negaria. Mas faríamos uma enorme injustiça a esses homens ilustres se insistíssemos em que nada obtinham dessas ligações além de conforto, lisonja e dos prazeres do corpo. O que obtinham, é evidente, era algo que seu próprio sexo era incapaz de suprir; e talvez não fosse temerário defini-lo adiante, sem recorrer às palavras indubitavelmente arrebatadas dos poetas, como algum estímulo; alguma renovação do poder criativo que cabe unicamente ao sexo oposto conceder. Ele abriria a porta da sala de visitas ou do quarto das crianças, pensei, e a encontraria talvez em meio aos filhos, ou com um pedaço de bordado sobre o regaço — de qualquer modo, o centro de uma ordem e de um sistema de vida diferentes, e o contraste entre esse mundo e o seu próprio, que poderiam ser os tribunais de justiça ou a Câmara dos Comuns⁴⁶, de pronto o refrescaria e revigoraria; e se seguiria, mesmo na mais despretensiosa conversa, uma diferença tão natural de opinião que as ideias ressequidas dentro dele seriam fertilizadas de novo; e a visão dela criando num meio diferente do seu haveria de acelerar tanto o poder criativo dele que, insensivelmente, sua mente estéril recomençaria a tramar enredos, e ele encontraria a frase ou a cena que lhe faltava quando pôs o chapéu para ir visitá-la. Todo Johnson tem a sua Thrall¹³, e se agarra a ela por razões mais ou menos semelhantes a essas, e quando a Thrall se casa com seu mestre de música italiano, Johnson quase enlouquece de raiva e desgosto, não apenas porque

sentirá falta de seus serões agradáveis em Streatham, mas porque a luz de sua vida estará "como que extinta".

E, sem ser o Dr. Johnson ou Goethe ou Carlyle ou Voltaire, pode-se sentir, embora de modo bem diferente desses grandes homens, a natureza dessa complexidade e a força dessa faculdade criativa altamente desenvolvida entre as mulheres. Entra-se num aposento — mas os recursos da língua inglesa seriam postos a dura prova, e revoadas inteiras de palavras teriam de alçar voo ilegítimamente para a existência antes que uma mulher pudesse dizer o que acontece quando ela entra num aposento. Os aposentos diferem tão por completo; são plácidos ou tempestuosos; abrem-se para o mar ou, ao contrário, dão para o pátio de uma prisão; estão atulhados de roupa lavada no varal; ou palpitantes de opalas e sedas; são duros como crina de cavalo ou macios como plumas — basta entrar em qualquer cômodo de qualquer rua para que toda aquela força extremamente complexa da feminilidade nos salte aos olhos. Como poderia ser de outro modo? Pois as mulheres permaneceram sentadas dentro de casa por todos esses milhões de anos, de sorte que a essa altura as próprias paredes se acham impregnadas de sua força criadora, a qual, a bem dizer, sobrecarregou de tal forma a capacidade dos tijolos e da argamassa que necessita atrelar-se a penas e pincéis, a negócios e à política. Mas esse poder criativo difere enormemente do poder criativo dos homens. E é forçoso concluir que seria uma lástima irreparável se ele fosse impedido ou desperdiçado, pois foi conquistado por séculos da mais drástica disciplina, e nada há para ocupar o seu lugar. Seria uma lástima irreparável se as mulheres escrevessem como os homens, ou vivessem como os

homens, ou se parecessem com os homens, pois, se dois sexos já são de todo insuficientes, considerando a vastidão e a variedade do mundo, como haveríamos de nos arranjar com um só? Não deveria a educação salientar e fortalecer as diferenças em vez das semelhanças? Pois já temos semelhança demais do jeito que as coisas estão; e, se um explorador regressasse trazendo notícias de outros sexos espiando por entre os ramos de outras árvores para outros céus, nada prestaria maior serviço à humanidade; e teríamos de quebra o imenso prazer de ver o Professor X correr a apanhar suas réguas de medir a fim de provar a si mesmo "superior".

Mary Carmichael, pensei, ainda pairando a uma curta distância acima da página, terá uma tarefa árdua pela frente meramente como observadora. Receio, com efeito, que seja tentada a se tornar o que considero o ramo menos interessante da espécie: a romancista naturalista, e não a contemplativa. Há tantos fatos novos para ela observar. Já não precisará se limitar às casas respeitáveis da classe média alta. Ela entrará sem benevolência nem condescendência, mas com espírito de camaradagem, naqueles quatinhos perfumados onde se sentam a cortesã, a meretriz e a dama com o cão pug. Ali continuam elas sentadas nas roupas rudes e pré-fabricadas que o escritor homem teve forçosamente de jogar sobre seus ombros. Mas Mary Carmichael sacará sua tesoura e há de ajustá-las a cada curva e reentrância. Será uma visão curiosa, quando vier, ver essas mulheres como realmente são, mas temos de esperar um pouco, pois Mary Carmichael ainda estará sobrecarregada com aquele embaraço

diante do "pecado", que é o legado de nossa barbárie sexual. Ela ainda trará nos pés os velhos e ordinários grilhões de classe.

No entanto, a maioria das mulheres não é feita de meretrizes nem de cortesãs; tampouco passam a tarde inteira de verão sentadas apertando cães pug contra o veludo empoeirado. Mas o que fazem elas, então? E surgiu aos olhos de minha mente uma daquelas ruas compridas em algum ponto ao sul do rio, cujas fileiras infindas são densamente povoadas. Com os olhos da imaginação, vi uma senhora bastante idosa atravessando a rua de braço dado com uma mulher de meia-idade, sua filha, talvez, ambas com botas e peles tão respeitáveis que seu vestir-se à tarde devia constituir um ritual, e as próprias roupas serem guardadas em armários com cânfora, ano após ano, ao longo dos meses de verão. Atravessam a rua na hora em que os lampiões estão sendo acesos (pois o crepúsculo é sua hora predileta), como devem ter feito ano após ano. A mais velha beira os oitenta anos; mas se lhe perguntassem o que a vida significou para ela, diria que se lembrava das ruas iluminadas para a batalha de Balaclava, ou que ouvira os tiros de canhão disparados no Hyde Park⁴⁴ pelo nascimento do Rei Eduardo VII. E se lhe perguntassem, no anseio de fixar o momento com data e estação, mas o que estava fazendo em cinco de abril de 1868, ou em dois de novembro de 1875, ela ficaria com um olhar vago e diria que não conseguia se lembrar de nada. Pois todos os jantares já foram cozinhados; os pratos e xícaras, lavados; os filhos, mandados para a escola e lançados no mundo. Nada resta de tudo isso. Tudo desapareceu. Nenhuma biografia ou livro de história tem uma única palavra a dizer a respeito. E os romances, sem pretender, mentem inevitavelmente.

Todas essas vidas infinitamente obscuras continuam por registrar, disse eu, dirigindo-me a Mary Carmichael como se ela estivesse presente; e segui em pensamento pelas ruas de Londres, sentindo na imaginação a pressão da mudez, o acúmulo de vida não registrada, seja das mulheres nas esquinas com os braços na cintura e os anéis cravados em seus dedos gordos e inchados, conversando com uma gesticulação semelhante ao balanço das palavras de Shakespeare; seja das vendedoras de violetas e das vendedoras de fósforos e das velhas mulheres postadas sob os vãos das portas; seja das garotas que vagam sem rumo cujos rostos, como ondas sob sol e nuvens, sinalizam o vaivém de homens e mulheres e as luzes bruxuleantes das vitrines. Tudo isso você terá de explorar, disse eu a Mary Carmichael, segurando com firmeza a tocha na mão. Acima de tudo, você precisa iluminar a própria alma com suas profundezas e seus baixios, suas vaidades e suas generosidades, e dizer o que a sua beleza significa para você ou a sua falta de atrativos, e qual é a sua relação com o mundo sempre mutável e giratório de luvas, sapatos e tecidos que oscilam para cima e para baixo entre os aromas suaves que escapam dos frascos de farmácia, ao longo de galerias de fazendas sobre um piso de falso mármore. Pois, na imaginação, eu entrara numa loja; ela tinha um piso de ladrilhos pretos e brancos; achava-se decorada, com assombrosa beleza, com fitas coloridas. Mary Carmichael bem poderia lançar um olhar a isso de passagem, pensei, pois é uma visão que se prestaria à pena com tanta propriedade quanto qualquer pico nevado ou desfiladeiro rochoso nos Andes. E há também a moça atrás do balcão — eu preferiria de bom grado sua verdadeira história à centésima

quinquagésima biografia de Napoleão ou ao septuagésimo estudo sobre Keats³⁸ e seu uso da inversão miltoniana que o velho Professor Z e seus pares estão redigindo agora. E então continuei com enorme cautela, na pontinha dos pés (tão covarde sou eu, com tanto medo do chicote que certa vez quase caiu sobre meus próprios ombros), a murmurar que ela deveria aprender também a rir, sem amargura, das vaidades — digamos antes das peculiaridades, pois é uma palavra menos ofensiva — do outro sexo. Pois há um ponto do tamanho de um xelim na parte de trás da cabeça que nunca se pode ver por si mesmo. É um dos bons ofícios que um sexo pode prestar ao outro: descrever aquele ponto do tamanho de um xelim na parte de trás da cabeça. Pensem em quanto as mulheres lucraram com os comentários de Juvenal; com as críticas de Strindberg. Pensem com quanta humanidade e brilhantismo os homens, desde as épocas mais remotas, apontaram às mulheres aquele ponto escuro na parte de trás da cabeça! E, se Mary fosse muito corajosa e muito honesta, ela iria por trás do outro sexo e nos contaria o que encontrou lá. Um retrato verdadeiro do homem em sua totalidade jamais poderá ser pintado até que uma mulher tenha descrito aquele ponto do tamanho de um xelim. O Sr. Woodhouse e o Sr. Casaubon são pontos desse tamanho e dessa natureza. Não que pessoa alguma em são juízo fosse, decerto, aconselhá-la a expor ao escárnio e ao ridículo de propósito deliberado — a literatura demonstra a futilidade do que se escreve com esse espírito. Seja verdadeira, dir-se-ia a ela, e o resultado forçosamente será espantosamente interessante. A comédia há de se enriquecer. Novos fatos forçosamente hão de ser descobertos.

Contudo, já passava da hora de baixar os olhos de novo para a página. Seria melhor, em vez de especular sobre o que Mary Carmichael poderia e deveria escrever, ver o que na verdade Mary Carmichael escreveu. Pus-me então a ler outra vez. Lembrei-me de que tinha certas queixas contra ela. Ela havia quebrado a frase de Jane Austen, não me dando assim oportunidade alguma de me pavonear por meu gosto impecável, meu ouvido exigente. Pois era inútil dizer: "Sim, sim, isto é muito bom; mas Jane Austen escrevia muito melhor do que você", quando eu era obrigada a admitir que não havia traço de semelhança entre elas. Depois ela fora mais longe e quebrara a sequência — a ordem esperada. Talvez o tivesse feito inconscientemente, apenas dando às coisas sua ordem natural, como faria uma mulher, se escrevesse como mulher. Mas o efeito era de algum modo desconcertante; não se podia ver uma onda se armando, uma crise despontando logo na esquina seguinte. Por conseguinte, eu não podia tampouco me pavonear pela profundidade de meus sentimentos e por meu profundo conhecimento do coração humano. Pois, sempre que eu estava a ponto de sentir as coisas habituais nos momentos habituais, sobre o amor, sobre a morte, aquela criatura exasperante me puxava para longe, como se o ponto essencial estivesse apenas um pouco mais adiante. E com isso ela tornou impossível que eu desfilasse minhas frases sonoras a respeito de "sentimentos elementares", da "matéria comum da humanidade", dos "abismos do coração humano", e todas aquelas outras frases que nos sustentam na crença de que, por mais inteligentes que sejamos na superfície, somos muito sérias, muito profundas e muito humanas no íntimo. Fez-me sentir, ao revés, que, em vez de ser séria e profunda e

humana, a pessoa podia ser — e o pensamento era muito menos sedutor — meramente preguiçosa de espírito e, de quebra, convencional.

Mas continuei a ler, e notei certos outros fatos. Ela não era nenhum "gênio", isso era evidente. Não possuía nada que se assemelhasse ao amor à Natureza, à imaginação fogosa, à poesia bravia, ao engenho brilhante, à sabedoria meditativa de suas grandes predecessoras: Lady Winchilsea, Charlotte Brontë¹⁵, Emily Brontë¹⁶, Jane Austen e George Eliot¹⁷; não sabia escrever com a melodia e a dignidade de Dorothy Osborne¹¹ — na verdade, não passava de uma garota inteligente cujos livros serão sem dúvida transformados em pasta de papel pelas editoras daqui a dez anos. Não obstante, ela contava com certas vantagens de que mulheres dotadas de dons muito maiores careciam há apenas meio século. Os homens já não eram para ela "a facção contrária"; ela não precisava perder tempo esbravejando contra eles; não precisava subir ao telhado e arruinar sua paz de espírito ansiando por viagens, experiência e um conhecimento do mundo e de caracteres que lhe eram negados. O medo e o ódio haviam quase se dissipado, ou vestígios deles manifestavam-se unicamente num ligeiro exagero da alegria da liberdade, numa propensão ao cáustico e ao satírico, em vez de ao romântico, em seu tratamento do outro sexo. Depois, não podia haver dúvida de que, na condição de romancista, ela desfrutava de algumas vantagens naturais de alta ordem. Possuía uma sensibilidade muito ampla, ávida e livre. Respondia a um toque quase imperceptível. Regalava-se, feito uma planta recém-exposta ao ar livre, com qualquer visão e som que lhe cruzasse o caminho. Vagueava

também, de forma sutilíssima e curiosa, por entre coisas quase desconhecidas ou não registradas; pousava em coisas miúdas e mostrava que talvez não fossem miúdas, afinal de contas. Trazia coisas soterradas à luz e fazia que nos perguntássemos que necessidade houvera de sepultá-las. Desajeitada como era, e desprovida daquele porte espontâneo de uma antiga linhagem que torna o menor meneio da pena de um Thackeray⁵ ou de um Lamb³ encantador para o ouvido, ela havia — comecei a pensar — dominado a primeira grande lição: escrevia como mulher, mas como uma mulher que esqueceu que é mulher, de modo que suas páginas estavam cheias daquela curiosa qualidade sexual que só brota quando o sexo é inconsciente de si mesmo.

Tudo isso era um ponto a favor. Mas fartura alguma de sensações ou finura de percepção teria valia a menos que ela conseguisse construir, a partir do fugidio e do pessoal, o edifício duradouro que permanece inabalado. Eu dissera que esperaria até que ela se visse diante de "uma situação". E com isso queria dizer: até que provasse, convocando, acenando e reunindo elementos, que não era alguém que apenas deslizasse pela superfície, mas que olhara para baixo, penetrando as profundezas. "Chegou a hora", diria ela de si para si a determinado instante, "em que, sem cometer nenhum ato violento, posso mostrar o sentido de tudo isso". E ela começaria — quão inconfundível é esse palpitar de vida! —, acenando e convocando, e surgiriam na memória coisas meio esquecidas, talvez perfeitamente triviais, deixadas pelo caminho em capítulos anteriores. E ela faria com que a presença delas se fizesse sentir enquanto alguém costurava ou fumava um cachimbo da maneira mais natural possível, e se sentiria, à

medida que ela escrevia, como se tivéssemos subido ao topo do mundo e o víssemos estendido, muito majestoso, lá embaixo.

De qualquer maneira, ela estava fazendo a tentativa. E, enquanto eu a observava alongar a passada para a prova, vi, mas desejei que ela não visse, os bispos e os deões, os doutores e os professores, os patriarcas e os pedagogos, todos em cima dela, vociferando advertências e conselhos. Vocês não podem fazer isto e não devem fazer aquilo! Só é permitida a entrada de docentes e bolsistas no gramado! Senhoras não são admitidas sem carta de apresentação! Aspirantes e graciosas romancistas, por aqui! Assim a acossavam, como a multidão junto a uma cerca no hipódromo, e o teste para ela era transpor sua cerca sem olhar para a direita nem para a esquerda. Se você parar para praguejar, estará perdida, disse eu a ela; da mesma forma, se parar para rir. Vacile ou hesite, e você estará liquidada. Pense apenas no salto, implorei-lhe, como se eu tivesse apostado nela todo o meu dinheiro; e ela passou por cima feito um pássaro. Mas havia uma cerca além daquela e outra cerca além daquela. Se ela tinha resistência para ir até o fim, eu duvidava, pois as palmas e os gritos esgaçavam os nervos. Mas ela fez o melhor que pôde. Considerando que Mary Carmichael não era nenhum gênio, mas uma garota desconhecida escrevendo seu primeiro romance num quarto-e-sala, sem uma quantidade suficiente daquelas coisas desejáveis — tempo, dinheiro e ócio —, ela não se saiu de todo mal, pensei.

Deem a ela mais cem anos, concluí, lendo o último capítulo — os narizes e os ombros nus das pessoas destacavam-se despidos contra um céu estrelado, pois alguém puxara a cortina na sala de

visitas —; deem a ela um teto todo dela e quinhentas libras por ano, deixem que ela diga o que pensa e omita metade do que agora inclui, e ela escreverá um livro melhor um dia desses. Ela será poetisa, disse eu, pondo *Life's Adventure*, de Mary Carmichael, no fim da estante, daqui a mais cem anos.

Capítulo 6

No dia seguinte, a luz da manhã de outubro caía em feixes poeirentos pelas janelas sem cortina, e o zumbido do tráfego subia da rua. Londres, então, estava se pondo em marcha outra vez; a fábrica agitava-se; as máquinas começavam a funcionar. Era tentador, depois de toda essa leitura, olhar pela janela e ver o que Londres estava fazendo na manhã de 26 de outubro de 1928. E o que estava Londres fazendo? Ninguém, ao que parecia, lia *Antony and Cleopatra*. Londres era completamente indiferente, ao que tudo indicava, às peças de Shakespeare³⁸. Ninguém dava a mínima — e eu não os censuro — para o futuro da ficção, a morte da poesia ou o desenvolvimento, pela mulher comum, de um estilo de prosa que expressasse plenamente a sua mente. Se opiniões sobre qualquer desses assuntos houvessem sido escritas a giz na calçada, ninguém teria se abaixado para lê-las. A indiferença dos pés apressados tê-las-ia apagado em meia hora. Ali vinha um menino de recados; ali uma mulher com um cão na coleira. O fascínio da rua de Londres é que não há duas pessoas iguais; cada uma parece seguir algum assunto particular seu. Havia os atarefados, com suas pastinhas; havia os vadios batendo suas bengalas nas grades dos porões; havia os tipos afáveis para quem as ruas servem de salão de clube, cumprimentando homens em carroças e fornecendo informações sem que ninguém lhes pedisse. Havia também funerais, aos quais os homens, assim

subitamente lembrados da passagem de seus próprios corpos, tiravam o chapéu. E então um cavalheiro muito distinto desceu vagarosamente os degraus de uma porta e fez uma pausa para evitar a colisão com uma senhora agitada que, por um meio ou outro, adquirira um esplêndido casaco de peles e um buquê de violetas de Parma. Todos pareciam separados, absortos em si mesmos, ocupados com seus próprios afazeres.

Nesse instante, como tão amiúde acontece em Londres, houve uma calma completa e uma suspensão do tráfego. Nada descia pela rua; ninguém passava. Uma única folha desprendeuse do plátano no fim da rua, e naquela pausa e suspensão caiu. De certo modo, parecia um sinal caindo, um sinal que apontava para uma força nas coisas que se havia deixado passar despercebida. Parecia apontar para um rio, que fluía, invisível, virando a esquina, descendo a rua, e levava as pessoas consigo, arrastando-as em seus redemoinhos, como a correnteza em Oxbridge³⁹ arrastara o estudante em seu barco e as folhas mortas. Agora ela trazia de um lado a outro da rua, em diagonal, uma moça de botas de verniz, e depois um rapaz de sobretudo marrom-avermelhado; trazia também um táxi; e reuniu os três num ponto exatamente abaixo da minha janela; onde o táxi parou; e a moça e o rapaz pararam; e eles entraram no táxi; e então o carro deslizou como se fosse arrastado pela corrente para outro lugar.

A cena era bastante ordinária; o que havia de estranho era a ordem rítmica de que minha imaginação a revestira; e o fato de que a visão corriqueira de duas pessoas entrando num táxi tivesse o poder de comunicar algo de sua aparente satisfação. A visão de duas pessoas descendo a rua e encontrando-se na esquina parece

aliviar a mente de certa tensão, pensei, observando o táxi virar e se afastar. Talvez pensar, como eu vinha pensando nesses dois dias, num sexo como distinto do outro seja um esforço. Isso interfere com a unidade da mente. Agora aquele esforço cessara e aquela unidade fora restaurada pela visão de duas pessoas se encontrando e entrando num táxi. A mente é decerto um órgão muito misterioso, refleti, recolhendo a cabeça da janela, sobre o qual nada absolutamente se sabe, embora dele dependamos tão por completo. Por que sinto que há cisões e oposições na mente, como há tensões provocadas por causas óbvias no corpo? O que se quer dizer com "a unidade da mente"?; ponderei, pois está claro que a mente tem um poder tão grande de se concentrar em qualquer ponto a qualquer momento que parece não possuir estado único de ser. Ela pode separar-se das pessoas na rua, por exemplo, e pensar em si mesma como apartada delas, de uma janela alta, olhando para baixo. Ou pode pensar junto com as outras pessoas, espontaneamente, como, por exemplo, numa multidão que espera ouvir a leitura de alguma notícia. Pode remontar em pensamento aos pais ou às mães, como eu disse que uma mulher que escreve remonta em pensamento às suas mães. De igual modo, quando se é mulher, é-se muitas vezes surpreendida por um súbito desdobramento da consciência, digamos ao caminhar por Whitehall⁴⁴, quando de herdeira natural daquela civilização ela passa a ser, pelo contrário, exterior a ela, estranha e crítica. Está claro que a mente está sempre alterando seu foco e trazendo o mundo a perspectivas diferentes. Mas alguns desses estados de espírito parecem, mesmo quando adotados espontaneamente, menos confortáveis do que outros.

Para manter-se neles, inconscientemente se reprime algo, e aos poucos a repressão torna-se um esforço. Mas talvez haja algum estado de espírito em que se possa continuar sem esforço, porque nada precisa ser reprimido. E este, talvez, pensei, afastando-me da janela, é um deles. Pois é certo que, quando vi o casal entrar no táxi, a mente sentiu-se como se, depois de dividida, tivesse se reunificado numa fusão natural. A razão evidente seria que é natural que os sexos cooperem. Temos um instinto profundo, embora irracional, em favor da teoria de que a união de homem e mulher proporciona a maior satisfação, a mais completa felicidade. Mas a visão das duas pessoas entrando no táxi e a satisfação que isso me causou fizeram-me perguntar também se há dois sexos na mente correspondentes aos dois sexos no corpo, e se eles também precisam se unir para alcançar satisfação e felicidade plenas. E fui adiante, de modo amadorístico, a esboçar um plano da alma, segundo o qual em cada um de nós presidem duas forças, uma masculina, uma feminina; e no cérebro do homem o homem predomina sobre a mulher, e no cérebro da mulher a mulher predomina sobre o homem. O estado normal e confortável é aquele em que os dois vivem em harmonia, espiritualmente cooperando. Quando se é homem, a parte feminina de seu cérebro ainda assim precisa ter efeito; e uma mulher também precisa se comunicar com o homem dentro de si. Coleridge³⁸ talvez quisesse dizer isso quando afirmou que uma grande mente é andrógina. É quando essa fusão se dá que a mente está plenamente fertilizada e usa todas as suas faculdades. Talvez uma mente que seja puramente masculina não consiga criar, assim como tampouco o consiga uma mente puramente feminina,

pensei. Mas seria bom verificar o que se queria dizer com homem-feminino e, inversamente, mulher-masculina, fazendo uma pausa e consultando um ou dois livros.

Coleridge com certeza não quis dizer, quando afirmou que uma grande mente é andrógina, que seja uma mente que nutra alguma simpatia especial pelas mulheres; uma mente que abraça a causa delas ou se dedica a interpretá-las. Talvez a mente andrógina esteja menos inclinada a fazer tais distinções do que a mente de sexo único. Ele quis dizer, talvez, que a mente andrógina é ressonante e porosa; que transmite emoção sem impedimento; que é naturalmente criativa, incandescente e indivisa. Na verdade, voltamos à mente de Shakespeare como o paradigma da mente andrógina, da mente homem-feminina, embora fosse impossível dizer o que Shakespeare pensava das mulheres. E, se é verdade que um dos sinais da mente plenamente desenvolvida é que ela não pensa especialmente nem separadamente no sexo, quanto mais difícil é alcançar essa condição agora do que em qualquer outra época. Aqui cheguei aos livros de escritores vivos, e ali me detive e indaguei se esse fato não estaria na raiz de algo que me intrigara durante muito tempo. Nenhuma época pode ter sido tão estridentemente consciente de sexo como a nossa; aqueles inúmeros livros de homens sobre mulheres no British Museum⁴³ são prova disso. A campanha pelo sufrágio era, sem dúvida, a culpada. Ela deve ter despertado nos homens um extraordinário desejo de autoafirmação; deve tê-los levado a insistir sobre o próprio sexo e suas características, ao que não se dariam ao trabalho de pensar, não tivessem sido desafiados. E quando se é desafiado, mesmo que por umas poucas mulheres de

toucas pretas, retalia-se, se nunca se foi desafiado antes, de modo um tanto excessivo. Isso talvez explique algumas das características que me lembro de ter encontrado aqui, pensei, apanhando um novo romance do Sr. A, que está no auge da vida e é, ao que parece, muito bem conceituado pelos resenhistas. Abri-o. Com efeito, era uma delícia ler de novo a escrita de um homem. Era tão direta, tão franca, depois da escrita das mulheres. Indicava tamanha liberdade de espírito, tamanha liberdade pessoal, tamanha confiança em si mesmo. Tinha-se uma sensação de bem-estar físico na presença daquela mente bem nutrida, bem educada, livre, que jamais fora tolhida ou contrariada, mas tivera plena liberdade desde o nascimento para se espalhar na direção que bem lhe aprouvesse. Tudo isso era admirável. Mas, ao fim de um ou dois capítulos, uma sombra parecia cobrir a página. Era uma barra escura e reta, uma sombra com a forma mais ou menos da letra "Eu". Começava-se a esquivar para cá e para lá a fim de vislumbrar a paisagem por trás dela. Se aquilo era de fato uma árvore ou uma mulher caminhando, eu não tinha bem certeza. Sempre se era reconduzida à letra "Eu". Começava-se a ficar cansada do "Eu". Não que esse "Eu" não fosse um "Eu" dos mais respeitáveis: honesto e lógico; duro como uma noz e polido durante séculos por boa instrução e boa alimentação. Respeito e admiro esse "Eu" do fundo do coração. Mas — aqui virei uma ou duas páginas, procurando isto ou aquilo —, o pior de tudo é que à sombra da letra "Eu" tudo fica disforme como névoa. Aquilo é uma árvore? Não, é uma mulher. Mas... ela não tem um osso no corpo, pensei, observando Phoebe, pois era assim que se chamava, vindo pela praia. Então Alan levantou-se e a sombra de Alan

imediatamente obliterou Phoebe. Pois Alan tinha opiniões e Phoebe foi extinta na torrente de suas opiniões. E Alan, pensei, tem paixões; e aqui virei página após página com muita pressa, sentindo que o clímax se aproximava, e de fato estava. Deu-se na praia, sob o sol. Foi feito com toda a franqueza. Foi feito com muito vigor. Nada poderia ter sido mais indecente. Mas... eu havia dito "mas" vezes demais. Não se pode ficar dizendo "mas". É preciso terminar a frase de alguma maneira, repreendi-me. Vou terminá-la assim: "Mas — estou entediada!"? Mas por que estava entediada? Em parte por causa da dominação da letra "Eu" e da aridez que, feito a faia gigantesca, ela projeta à sua sombra. Nada cresce ali. E em parte por alguma razão mais obscura. Parecia haver algum obstáculo, algum impedimento na mente do Sr. A que bloqueava a fonte de energia criativa e a represava dentro de limites estreitos. E, lembrando-me do almoço em Oxbridge, e das cinzas de cigarro e do gato manês⁴⁹ e de Tennyson¹ e Christina Rossetti², tudo num embrulho só, parecia possível que o impedimento residisse ali. Como ele já não murmura entre dentes "Caiu uma lágrima esplêndida da flor-da-paixão no portão" quando Phoebe atravessa a praia, e ela já não responde "Meu coração é como um pássaro cantor cujo ninho está num ramo regado" quando Alan se aproxima, que pode ele fazer? Sendo honesto como o dia e lógico como o sol, só há uma coisa que ele pode fazer. E isso ele faz, em honra lhe seja feita, vez após vez (disse eu virando as páginas) após vez. E isso, acrescentei, ciente da natureza terrível da confissão, soa de algum modo tedioso. A indecência de Shakespeare revolve mil outras coisas na mente de quem lê, e está longe de ser tediosa. Mas Shakespeare faz isso por

prazer; o Sr. A, como dizem as enfermeiras, faz de propósito. Ele faz em protesto. Está protestando contra a igualdade do outro sexo ao afirmar a própria superioridade. Está, portanto, impedido e inibido e autoconsciente como Shakespeare poderia ter sido se também tivesse conhecido Miss Clough³³ e Miss Davies³². Sem dúvida, a literatura elisabetana teria sido muito diferente do que é, se o movimento das mulheres houvesse começado no século XVI e não no XIX.

Em suma, se essa teoria dos dois lados da mente se sustenta, a virilidade tornou-se agora autoconsciente — vale dizer, os homens agora escrevem apenas com o lado masculino de seus cérebros. É um erro para uma mulher lê-los, pois ela inevitavelmente procurará algo que não encontrará. É do poder de sugestão que mais se sente falta, pensei, tomando nas mãos o Sr. B, o crítico, e lendo, com muita atenção e muito senso do dever, suas observações sobre a arte da poesia. Muito capazes eram elas, agudas e cheias de erudição; mas o problema era que seus sentimentos já não se comunicavam; sua mente parecia dividida em câmaras distintas; nenhum som passava de uma para a outra. Assim, quando se toma uma frase do Sr. B e a introduz na mente, ela cai de chofre no chão — morta; mas quando se toma uma frase de Coleridge e a introduz na mente, ela explode e gera toda sorte de outras ideias, e esse é o único tipo de escrita do qual se pode dizer que possui o segredo da vida perpétua.

Mas, seja qual for a razão, é um fato que se deve lamentar. Pois significa — e aqui eu chegara às fileiras de livros do Sr. Galsworthy³⁷ e do Sr. Kipling³⁷ — que algumas das melhores obras de nossos maiores escritores vivos caem em ouvidos surdos. Por

mais que ela se esforce, uma mulher não consegue encontrar neles aquela fonte de vida perpétua que os críticos lhe asseguram ali existir. Não é apenas que eles celebram virtudes masculinas, impõem valores masculinos e descrevem o mundo dos homens; é que a emoção de que esses livros se acham impregnados é para uma mulher incompreensível. Está chegando, está se acumulando, está prestes a desabar sobre a nossa cabeça, começa-se a dizer muito antes do fim. Aquele quadro cairá sobre a cabeça do velho Jolyon; ele morrerá do choque; o velho funcionário dirá sobre ele duas ou três palavras de obituário; e todos os cisnes do Tâmis irão prorrompendo simultaneamente em canto. Mas antes que isso aconteça nós teremos saído correndo para nos esconder nos arbustos de groselha, pois a emoção que é tão profunda, tão sutil, tão simbólica para um homem provoca numa mulher assombro. Assim também com os oficiais do Sr. Kipling que dão as Costas; e seus Semeadores que semeiam a Semente; e seus Homens que estão a sós com seu Trabalho; e a Bandeira — cora-se diante de todas essas letras maiúsculas como se tivéssemos sido flagrados bisbilhotando alguma orgia puramente masculina. O fato é que nem o Sr. Galsworthy nem o Sr. Kipling possui uma centelha de feminino dentro de si. Assim, todas as suas qualidades parecem a uma mulher, se nos é dado generalizar, cruas e imaturas. Carecem de poder de sugestão. E quando um livro carece de poder de sugestão, por mais que bata com força na superfície da mente, não consegue penetrar no interior.

E, naquele humor inquieto em que se apanha livros e se devolve à prateleira sem nem olhar para eles, pus-me a

vislumbrar uma era vindoura de virilidade pura, de virilidade autoafirmativa, tal como as cartas de professores (tomem-se as cartas de Sir Walter Raleigh, por exemplo) parecem prenunciar, e os governantes da Itália já trouxeram à existência. Pois dificilmente se pode deixar de ser impressionado em Roma pela sensação de masculinidade irrestrita; e, seja qual for o valor da masculinidade irrestrita para o Estado, pode-se pôr em questão o efeito dela sobre a arte da poesia. De qualquer modo, segundo os jornais, há certa ansiedade a respeito da ficção na Itália. Houve uma reunião de acadêmicos cujo objetivo é "desenvolver o romance italiano". "Homens célebres por nascimento, ou nas finanças, na indústria ou nas corporações fascistas" reuniram-se dias atrás e discutiram o assunto, e um telegrama foi enviado ao Duce expressando a esperança de "que a era fascista breve daria à luz um poeta digno dela". Podemos todos juntar-nos a essa piedosa esperança, mas é duvidoso que a poesia possa nascer de uma chocadeira. A poesia deveria ter uma mãe além de um pai. O poema fascista, é de se temer, será um horrendo abortinho como os que se veem num frasco de vidro no museu de alguma cidadezinha do interior. Monstros assim nunca vivem muito, dizem; nunca se viu um prodígio dessa espécie pastando num campo. Duas cabeças num só corpo não contribuem para a longevidade.

No entanto, a culpa por tudo isso, se é que se quer atribuir culpa, não recai mais sobre um sexo do que sobre o outro. Todos os sedutores e todos os reformadores são responsáveis: Lady Bessborough²⁹ quando mentiu a Lord Granville; Miss Davies quando disse a verdade ao Sr. Greg²². Todos os que provocaram

um estado de consciência de sexo são culpados, e são eles que me empurram, quando quero exercitar minhas faculdades num livro, a procurá-lo naquela era feliz, antes de Miss Davies e Miss Clough terem nascido, quando o escritor usava ambos os lados de sua mente igualmente. É preciso retornar a Shakespeare então, pois Shakespeare era andrógino; como o eram Keats³⁸ e Sterne³⁸ e Cowper³⁸ e Lamb³ e Coleridge. Shelley³⁸ talvez fosse assexuado. Milton⁴ e Ben Jonson³⁸ tinham uma dose grande demais do masculino. O mesmo se dava com Wordsworth³⁸ e Tolstói³⁸. Em nossa época, Proust³⁸ era inteiramente andrógino, se não talvez um pouco feminino demais. Mas esse defeito é raro demais para que nos queixemos dele, pois, sem certa mistura dessa espécie, o intelecto parece predominar e as outras faculdades da mente endurecem e se tornam estéreis. No entanto, consolei-me com a reflexão de que se trata talvez de uma fase passageira; muito do que eu disse em obediência à minha promessa de lhes contar o curso de meus pensamentos parecerá ultrapassado; muito do que inflama meus olhos parecerá duvidoso a vocês que ainda não chegaram à maioridade.

Ainda assim, a primeiríssima frase que eu escreveria aqui, disse eu, dirigindo-me à escrivainha e apanhando a folha encabeçada *As mulheres e a ficção*, é que é fatal para quem escreve pensar em seu sexo. É fatal ser homem ou mulher pura e simplesmente; é preciso ser mulher-masculina ou homem-feminino. É fatal para uma mulher insistir na menor queixa que seja; pleitear qualquer causa, por mais justa que seja; falar de qualquer modo conscientemente como mulher. É fatal não é figura de retórica; pois tudo o que se escreve com esse viés

consciente está condenado à morte. Deixa de ser fecundado. Brilhante e eficaz, poderoso e magistral, como possa parecer por um dia ou dois, há de murchar ao cair da noite; não consegue crescer na mente dos outros. É preciso que se dê na mente certa colaboração entre a mulher e o homem antes que a arte da criação possa se consumir. Certo casamento de opostos precisa se realizar. A mente inteira tem de estar escancarada se quisermos ter a sensação de que o escritor está comunicando sua experiência com plenitude perfeita. É preciso haver liberdade e é preciso haver paz. Nem uma roda deve ranger, nem uma luz tremeluzir. As cortinas devem estar bem cerradas. O escritor, pensei, uma vez encerrada a experiência, deve recostar-se e deixar que sua mente celebre suas núpcias na escuridão. Ele não deve olhar nem questionar o que está sendo feito. Antes, deve colher as pétalas de uma rosa ou observar os cisnes deslizarem calmamente rio abaixo. E vi de novo a corrente que arrastara o barco e o estudante e as folhas mortas; e o táxi levava o homem e a mulher, pensei, vendo-os encontrarem-se ao atravessar a rua, e a corrente os arrastara, pensei, ouvindo ao longe o rugido do tráfego de Londres, para aquela corrente imensa.

Aqui, portanto, Mary Beton³⁹ para de falar. Ela lhes contou como chegou à conclusão — a conclusão prosaica — de que é necessário dispor de quinhentas libras por ano e de um quarto com fechadura na porta para escrever ficção ou poesia. Ela tentou expor-lhes os pensamentos e impressões que a levaram a pensar assim. Pediu-lhes que a acompanhassem enquanto voava para os braços de um bedel, almoçava aqui, jantava ali, desenhava figuras no British Museum, apanhava livros da estante, olhava pela

janela. Enquanto ela fazia tudo isso, vocês sem dúvida andaram observando suas falhas e fraquezas e decidindo que efeito tiveram sobre suas opiniões. Andaram contradizendo-a e fazendo os acréscimos e as deduções que lhes pareciam acertados. Está tudo como deve ser, pois numa questão como esta a verdade só pode ser obtida reunindo-se muitas variedades de erro. E agora encerrarei, na minha própria pessoa, antecipando duas críticas tão óbvias que vocês dificilmente deixarão de formulá-las.

Nenhuma opinião foi manifestada, dirão vocês, sobre o mérito comparativo dos sexos, mesmo como escritores. Foi de propósito, porque, ainda que tivesse chegado a hora de tal avaliação — e é muito mais importante neste momento saber quanto dinheiro as mulheres tinham e de quantos cômodos dispunham do que teorizar sobre suas capacidades —, ainda que a hora tivesse chegado, não creio que os dons, quer de espírito quer de caráter, possam ser pesados como açúcar e manteiga, nem mesmo em Cambridge, onde são tão peritos em classificar as pessoas e lhes pôr gorros na cabeça e letras após o nome. Não creio que a própria Ordem de Precedência que se encontra no *Almanac* de Whitaker⁴⁸ represente uma hierarquia definitiva de valores, ou que haja qualquer razão sólida para supor que um Comendador da Ordem do Banho acabará por entrar para o jantar atrás de um Juiz de Interdição. Toda essa rivalidade de sexo contra sexo, de qualidade contra qualidade; toda essa reivindicação de superioridade e imputação de inferioridade pertencem ao estágio de escola primária da existência humana em que há "partidos", e é preciso que um partido vença o outro, e é da máxima importância subir a um estrado e receber das mãos do próprio Diretor um vaso

altamente ornamental. À medida que as pessoas amadurecem, deixam de acreditar em partidos, em Diretores ou em vasos altamente ornamentais. De todo modo, no que se refere a livros, é notoriamente difícil fixar rótulos de mérito de maneira que não se soltem. As resenhas da literatura corrente não são uma perpétua ilustração da dificuldade de julgar? "Este grande livro", "este livro sem valor", o mesmo livro é chamado por ambos os nomes. Elogios e censuras nada significam. Não, por mais divertido que o passatempo de medir possa ser, é a mais fútil de todas as ocupações, e submeter-se aos decretos dos que medem, a mais servil das atitudes. Enquanto vocês escreverem o que desejam escrever, é tudo o que importa; e se isso importa por séculos ou apenas por horas, ninguém pode dizê-lo. Mas sacrificar um fio de cabelo de sua visão, um matiz de sua cor, em deferência a algum Diretor com um vaso de prata na mão ou a algum professor com uma régua de medir escondida na manga, é a mais abjeta das traições, e o sacrifício de riqueza e castidade que se costumava dizer ser o maior dos desastres humanos não passa de uma picada de pulga em comparação.

Em seguida, creio que vocês poderão objetar que em tudo isso dei importância demais às coisas materiais. Mesmo concedendo uma margem generosa ao simbolismo, que quinhentas libras por ano representam o poder de contemplar, que uma fechadura na porta significa o poder de pensar por si mesma, ainda assim vocês poderão dizer que a mente deveria elevar-se acima de tais coisas; e que grandes poetas foram com frequência homens pobres. Permitam-me então citar-lhes as palavras do seu próprio professor de literatura, que sabe melhor do que eu o que é preciso

para fazer um poeta. Sir Arthur Quiller-Couch³⁴ escreve: [Nota: *The Art of Writing*, de Sir Arthur Quiller-Couch.]

"Quais são os grandes nomes poéticos dos últimos cem anos, mais ou menos? Coleridge, Wordsworth, Byron, Shelley, Landor, Keats, Tennyson, Browning, Arnold, Morris, Rossetti, Swinburne — podemos parar por aqui. Destes, todos exceto Keats, Browning e Rossetti foram homens de universidade, e desses três, Keats, que morreu jovem, ceifado em pleno vigor, foi o único que não era razoavelmente abastado. Pode parecer cruel dizê-lo, e é triste dizê-lo: mas, como questão de puro fato, a teoria de que o gênio poético sopra onde quer e igualmente entre pobres e ricos encerra pouca verdade. Como questão de puro fato, nove dos doze foram homens de universidade: o que significa que, de um modo ou de outro, obtiveram os meios para obter a melhor educação que a Inglaterra pode dar. Como questão de puro fato, dos três restantes, vocês sabem que Browning era abastado, e desafio vocês a provar o contrário: se ele não fosse abastado, não teria chegado a escrever *Saul* ou *The Ring and the Book*, assim como Ruskin não teria chegado a escrever *Modern Painters* se seu pai não tivesse prosperado nos negócios. Rossetti tinha uma pequena renda particular; e, ademais, pintava. Resta apenas Keats; a quem Átropos matou jovem, como matou John Clare num hospício e James Thomson pelo láudano que tomou para anestesiá-lo a desilusão. Estes são fatos terríveis, mas enfrentemo-los. É — por mais desonroso que seja para nós como nação — certo que, por alguma falha em nossa comunidade, o poeta pobre não teve nestes tempos, nem teve nos últimos duzentos anos, a menor chance. Creiam-me — e passei boa parte de dez anos observando

cerca de trezentas e vinte escolas primárias —, podemos apregoar a democracia, mas na prática uma criança pobre na Inglaterra tem pouco mais esperança do que tinha o filho de um escravo ateniense de ser emancipada para aquela liberdade intelectual da qual nascem as grandes obras."

Ninguém poderia expor o argumento com mais clareza. "O poeta pobre não teve nestes tempos, nem teve nos últimos duzentos anos, a menor chance... uma criança pobre na Inglaterra tem pouco mais esperança do que tinha o filho de um escravo ateniense de ser emancipada para aquela liberdade intelectual da qual nascem as grandes obras." É isso. A liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não apenas durante duzentos anos, mas desde o começo dos tempos. As mulheres tiveram menos liberdade intelectual do que os filhos de escravos atenienses. As mulheres, portanto, não tiveram a menor chance de escrever poesia. É por isso que dei tanta importância ao dinheiro e a um teto todo seu. No entanto, graças aos esforços daquelas mulheres obscuras do passado, de quem eu gostaria que soubéssemos mais, graças, por estranho que pareça, a duas guerras — a da Crimeia, que deixou Florence Nightingale¹⁹ sair de sua sala de visitas, e a Guerra Europeia, que abriu as portas à mulher comum uns sessenta anos depois —, esses males estão a caminho de ser corrigidos. Caso contrário, vocês não estariam aqui esta noite, e a sua chance de ganhar quinhentas libras por ano, precária como receio que ainda seja, seria mínima ao extremo.

Mesmo assim, vocês poderão objetar: por que dá tanta importância a essa questão de as mulheres escreverem livros, quando, segundo a senhora mesma, isso exige tanto esforço, pode levar ao assassinio das próprias tias, quase certamente nos fará chegar atrasadas ao almoço e pode nos envolver em disputas gravíssimas com certos senhores muito respeitáveis? Meus motivos, deixem-me admitir, são em parte egoístas. Como a maioria das inglesas sem instrução formal, gosto de ler — gosto de ler livros a rodo. Ultimamente, minha dieta tornou-se um tanto monótona; a história versa demasiado sobre guerras; a biografia, demasiado sobre grandes homens; a poesia mostrou, creio eu, uma tendência à esterilidade, e a ficção — mas já expus suficientemente minhas limitações como crítica da ficção moderna e não direi mais nada a respeito. Portanto, peço-lhes que escrevam livros de toda espécie, sem hesitar diante de nenhum assunto por mais trivial ou por mais vasto que seja. Que o obtenham por bem ou por mal, espero que vocês se munirão de dinheiro bastante para viajar e vadiar, para contemplar o futuro ou o passado do mundo, para sonhar sobre livros e flânar nas esquinas e deixar o fio do pensamento mergulhar fundo na correnteza. Pois não estou de modo algum confinando vocês à ficção. Se quisessem me agradar — e há milhares de pessoas como eu —, vocês escreveriam livros de viagem e aventura, de pesquisa e erudição, de história e biografia, de crítica e filosofia e ciência. Ao fazê-lo, certamente contribuiriam para a arte da ficção. Pois os livros têm um modo de se influenciarem mutuamente. A ficção será muito melhor por estar lado a lado com a poesia e a filosofia. Além disso, se considerarem qualquer grande figura do passado,

como Safo, como Lady Murasaki, como Emily Brontë¹⁶, verificarão que ela é tanto uma herdeira quanto uma originadora, e veio a existir porque as mulheres adquiriram o hábito de escrever naturalmente; de modo que, mesmo como prelúdio à poesia, essa atividade de vocês seria inestimável.

Mas, quando olho para trás por estas notas e examino meu próprio curso de pensamento ao redigi-las, verifico que meus motivos não eram de todo egoístas. Corre por esses comentários e digressões a convicção — ou será o instinto? — de que bons livros são desejáveis e de que bons escritores, mesmo que exibam toda variedade de depravação humana, continuam sendo bons seres humanos. Assim, quando lhes peço que escrevam mais livros, estou exortando-as a fazer o que será para o bem de vocês e para o bem do mundo em geral. Como justificar esse instinto ou crença, não sei, pois as palavras filosóficas, quando não se foi educada numa universidade, tendem a nos trair. O que se entende por "realidade"? Parece ser algo muito errático, muito pouco confiável — ora encontrado numa estrada poeirenta, ora num pedaço de jornal na rua, ora num narciso ao sol. Ela ilumina um grupo num cômodo e marca com seu selo qualquer frase casual. Ela nos sobrepõe ao voltarmos para casa sob as estrelas e torna o mundo silencioso mais real que o mundo da fala — e então lá está ela de novo, num ônibus, no tumulto de Piccadilly. Às vezes, também, parece habitar formas distantes demais para que se discirna qual é a sua natureza. Mas, seja o que for que ela toque, fixa e torna permanente. É o que resta quando a pele do dia foi atirada contra a sebe; é o que sobrou do tempo passado e de nossos amores e ódios. Ora, o escritor, creio eu, tem a oportunidade de viver mais

do que outras pessoas na presença dessa realidade. É sua tarefa encontrá-la, recolhê-la e comunicá-la a todos nós. Pelo menos é o que deduzo da leitura de *Lear* ou *Emma* ou *La Recherche du Temps Perdu*. Pois a leitura desses livros parece operar uma curiosa cirurgia de catarata sobre os sentidos; depois dela, vê-se com mais intensidade; o mundo parece despojado de seu revestimento e dotado de uma vida mais intensa. São de invejar as pessoas que vivem em hostilidade com a irrealidade; e são de lastimar as que são golpeadas pela coisa feita sem saber nem se importar. De modo que, quando peço a vocês que ganhem dinheiro e tenham um teto todo seu, estou pedindo que vivam na presença da realidade, uma vida revigorante, ao que parece, quer se possa transmiti-la ou não.

Aqui eu pararia, mas a pressão das convenções determina que todo discurso termine com uma peroração. E uma peroração dirigida a mulheres deveria ter, vocês hão de concordar, algo de particularmente elevado e enobrecedor. Eu deveria exortá-las a lembrar suas responsabilidades, a serem mais elevadas, mais espirituais; deveria lembrá-las de quanto depende de vocês e de quanta influência podem exercer sobre o futuro. Mas essas exortações podem seguramente, creio eu, ser deixadas ao outro sexo, que as pronunciará, e de fato as tem pronunciado, com eloquência muito maior do que a que sou capaz de alcançar. Quando vasculho minha própria mente, não encontro sentimentos nobres sobre ser companheira e igual e influenciar o mundo para fins mais elevados. Descubro-me dizendo, breve e prosaicamente, que é muito mais importante ser a pessoa que se é do que qualquer outra coisa. Não sonhem em influenciar outras

peessoas, eu diria, se soubesse como fazer soar elevado. Pensem nas coisas em si mesmas.

E de novo me vejo lembrada, ao folhear jornais, romances e biografias, de que quando uma mulher fala a mulheres deveria ter algo muito desagradável na manga. As mulheres são duras com as mulheres. As mulheres não gostam de mulheres. Mulheres — mas não estão fartas de ouvir essa palavra? Posso lhes assegurar que eu estou. Concordemos, portanto, que um ensaio lido por uma mulher a mulheres deveria terminar com algo particularmente desagradável.

Mas como é que é? No que posso pensar? A verdade é que eu gosto muito das mulheres. Gosto de sua falta de convencionalismo. Gosto de sua inteireza. Gosto de seu anonimato. Gosto — mas não devo prosseguir desse jeito. Aquele armário ali — vocês dizem que só contém guardanapos limpos; mas e se Sir Archibald Bodkin estivesse escondido entre eles? Permitam-me então adotar um tom mais severo. Transmitti a vocês, nas palavras precedentes, de modo suficiente as advertências e a reprovação do gênero humano? Contei-lhes a opinião muito desfavorável em que eram tidas pelo Sr. Oscar Browning²¹. Indiquei o que Napoleão certa vez pensou de vocês e o que Mussolini³¹ pensa agora. Depois, para o caso de alguma de vocês aspirar à ficção, copiei para seu benefício o conselho do crítico sobre reconhecer corajosamente as limitações de seu sexo. Referi-me ao Professor X e dei destaque à afirmação dele de que as mulheres são intelectualmente, moralmente e fisicamente inferiores aos homens. Transmitti tudo o que veio parar nas minhas mãos sem precisar ir à procura, e aqui vai uma última

advertência — do Sr. John Langdon Davies. [Nota: *A Short History of Women*, de John Langdon Davies.] O Sr. John Langdon Davies adverte as mulheres "de que quando as crianças deixarem de ser inteiramente desejáveis, as mulheres deixarão de ser inteiramente necessárias". Espero que tomem nota disso.

Como posso encorajá-las ainda mais a se lançarem aos afazeres da vida? Jovens senhoras, eu diria, e prestem atenção, por favor, pois a peroração está começando: vocês são, na minha opinião, vergonhosamente ignorantes. Vocês nunca fizeram uma descoberta de qualquer importância. Nunca abalaram um império nem conduziram um exército à batalha. As peças de Shakespeare não são de vocês, e vocês nunca introduziram um povo bárbaro nas bênçãos da civilização. Qual é a desculpa de vocês? Tudo muito bem vocês disserem, apontando para as ruas e praças e florestas do globo apinhadas de habitantes pretos e brancos e da cor de café, todos afanosamente ocupados no tráfico, no empreendimento e no amor: temos tido outros trabalhos em mãos. Sem o nosso serviço, esses mares não teriam sido navegados e essas terras férteis seriam um deserto. Nós geramos e criamos e lavamos e ensinamos, talvez até a idade de seis ou sete anos, os um bilhão seiscentos e vinte e três milhões de seres humanos que, de acordo com as estatísticas, existem neste momento, e isso, admitindo que algumas tiveram ajuda, toma tempo.

Há verdade no que vocês dizem — não o negarei. Mas ao mesmo tempo permitam-me lembrar que existem pelo menos dois colégios para mulheres na Inglaterra desde o ano de 1866; que, a partir de 1880, uma mulher casada passou a ter o direito legal de

possuir seus próprios bens; e que em 1919 — o que é há nove anos inteiros — foi-lhe concedido o voto? Permitam-me lembrar também que a maioria das profissões está aberta a vocês há quase dez anos? Quando refletirem sobre esses imensos privilégios e o tempo durante o qual vêm sendo desfrutados, e sobre o fato de que deve haver neste momento umas duas mil mulheres capazes de ganhar mais de quinhentas libras por ano de um modo ou de outro, hão de concordar que a desculpa da falta de oportunidade, de preparo, de estímulo, de ócio e de dinheiro já não se sustenta. Além disso, os economistas estão nos dizendo que Mrs Seton³⁹ teve filhos demais. Vocês devem, decerto, continuar a ter filhos, mas, segundo eles, de dois em dois e de três em três, não de dez em dez e de doze em doze.

Assim, com algum tempo livre nas mãos e alguma instrução livresca nos cérebros — vocês já tiveram o bastante da outra espécie, e são mandadas à universidade em parte, desconfio, para serem deseducadas —, com certeza vocês deveriam embarcar em outra etapa de sua longuíssima, laboriosíssima e altamente obscura carreira. Mil penas estão prontas a sugerir o que vocês devem fazer e que efeito terão. Minha própria sugestão é um pouco fantasiosa, admito; prefiro, portanto, formulá-la sob a forma de ficção.

Eu lhes disse, no curso deste ensaio, que Shakespeare teve uma irmã; mas não a procurem na biografia do poeta por Sir Sidney Lee. Ela morreu jovem — ai de nós, ela nunca escreveu uma única palavra. Jaz sepultada onde agora param os ônibus, em frente ao Elephant and Castle⁴⁵. Pois bem, minha crença é que essa poetisa que nunca escreveu uma única palavra e foi sepultada na

encruzilhada ainda vive. Ela vive em vocês e em mim, e em muitas outras mulheres que não estão aqui esta noite, porque estão lavando a louça e pondo as crianças para dormir. Mas ela vive; pois os grandes poetas não morrem; são presenças que continuam; precisam apenas da oportunidade de caminhar entre nós em carne e osso. Essa oportunidade, creio eu, está agora começando a ficar ao alcance de vocês dá-la. Pois minha crença é que, se vivermos mais um século ou pouco mais — estou falando da vida comum, que é a vida real, e não das pequenas vidas separadas que vivemos como indivíduos — e dispusermos de quinhentas libras por ano cada uma de nós e de um teto todo nosso; se tivermos o hábito da liberdade e a coragem de escrever exatamente o que pensamos; se escaparmos um pouco da sala de estar comum e virmos os seres humanos não sempre em sua relação uns com os outros, mas em relação à realidade; e o céu também, e as árvores, ou o que quer que seja, em si mesmos; se olharmos para além do espantalho de Milton, pois nenhum ser humano deveria obstruir a vista; se enfrentarmos o fato, pois é um fato, de que não há braço a que nos agarrar, mas que caminhamos sozinhas, e de que nossa relação é com o mundo da realidade e não apenas com o mundo dos homens e das mulheres, então a oportunidade virá e a poetisa morta que foi irmã de Shakespeare vestirá o corpo que tantas vezes depôs. Extraíndo sua vida das vidas das desconhecidas que foram suas precursoras, como o irmão fizera antes dela, ela nascerá. Quanto a vir ela sem esse preparo, sem esse esforço de nossa parte, sem essa determinação de que, quando ela renascer, encontre possível viver e escrever a sua poesia, isso não podemos esperar, pois seria

impossível. Mas afirmo que ela virá se trabalharmos por ela, e que trabalhar assim, mesmo na pobreza e na obscuridade, vale a pena.

Sobre a autora



Virginia Woolf em 1902. Fotografia de George Charles Beresford, em domínio público; restauração digital de Adam Cuerden, via Wikimedia Commons.

Virginia Woolf

KENSINGTON, 1882 · LEWES, 1941

Adeline Virginia Woolf, nascida Stephen, veio ao mundo em Kensington, em 25 de janeiro de 1882, e morreu em Lewes, em 28 de março de 1941. Foi escritora, ensaísta e editora, e é considerada uma das principais autoras do século XX. Integrou o Grupo de Bloomsbury e foi uma das precursoras do uso do fluxo de consciência.

Estreou em 1915 com o romance *The Voyage Out*. Seus livros mais conhecidos incluem *Mrs Dalloway* (1925), *To the Lighthouse* (1927) e *Orlando* (1928). Em 1929 publicou *A Room of One's Own*, no qual aparece a frase que dá nome a esta edição: uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu se quiser escrever ficção.

Depois da Segunda Guerra, sua obra ficou por um tempo em segundo plano. A partir dos anos 1970, os estudos sobre ela ganharam novo fôlego.

Biografia escrita pelo Varginha Connect a partir de fontes abertas. Verbete Virginia Woolf, Wikipédia em português; ficha do arquivo da imagem na Wikimedia Commons.

Posfácio

A irmã que ainda vive

Chamaram-na para falar sobre as mulheres e a ficção, e ela começa confessando que se sentou à margem de um rio, absorta, tentando entender o que aquelas palavras queriam dizer. Em vez de entregar ao leitor, como convém a um conferencista, uma conclusão fechada, Woolf oferece uma opinião menor, disfarçada de história: “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se quiser escrever ficção”. Simples de dizer, dispendiosa de provar; o livro inteiro é a demonstração, não a tese.

A primeira astúcia do texto está na própria voz que fala. Logo no começo, a narradora se apresenta assim: “chamem-me de Mary Beton, Mary Seton, Mary Carmichael ou pelo nome que preferirem”. Não é modéstia nem coqueteria; é um dispositivo lógico. Se o argumento dependesse de uma biografia, um leitor hostil poderia descartá-lo perguntando quem é essa mulher, com que autoridade fala, que rancor pessoal a move. Ao recusar um nome único, Woolf recusa também o alvo fácil. Os três nomes reaparecem depois, emprestados a outras figuras do ensaio: Mary Beton é a tia que deixa a herança, Mary Seton é a amiga que recebe a narradora em Fernham, e Mary Carmichael é a romancista imaginária do quinto capítulo. O “eu” se multiplica para que a tese não dependa de ninguém em particular.

O ensaio começa, e volta sempre, ao corpo: à grama que não se pode pisar, à porta que não se pode abrir. Depois de ser afastada do gramado por um bedel, a narradora tenta entrar na biblioteca

para consultar um manuscrito de Milton e é barrada por um cavalheiro que lhe informa, com toda a gentileza do mundo, que “senhoras só são admitidas na biblioteca se acompanhadas por um membro do corpo docente ou munidas de uma carta de apresentação”. A cena, contada com humor que não perdoa nem se vinga, resume a arquitetura moral do livro: séculos de ouro e prata converteram-se em pedra, cátedra e jantar de perdiz, tudo construído por homens e para homens, enquanto, num colégio à parte, Fernham, alcançado só por uma estrada distinta, as mulheres jantavam uma sopa tão rala que se via através dela o fundo do prato. Não há metáfora aqui; há orçamento.

É desse orçamento que nasce a página mais citada do livro, a irmã inventada, Judith. Woolf constrói, com o rigor de uma hipótese controlada, o destino provável de uma mulher nascida com o talento do irmão mas sem escola, sem viagem, sem quarto que tranque por dentro: prometida em casamento na adolescência, fugida para Londres, ridicularizada à porta dos artistas, grávida do empresário que se apiedou dela. O parágrafo termina seco, sem lamento retórico: ela “matou-se numa noite de inverno e jaz sepultada em alguma encruzilhada onde hoje param os ônibus diante do Elephant and Castle”. Não é sentimentalismo; é um experimento de pensamento que faz o mesmo trabalho de um silogismo bem construído. Se as premissas, a educação, a liberdade de movimento, o direito à própria renda, fossem as mesmas do irmão, o resultado poderia ter sido o mesmo; retiradas as premissas, resta a lápide anônima. A ficção, dentro do próprio ensaio, funciona como prova.

Contra esse destino provável, Woolf ergue um único contraexemplo real: Jane Austen, que escreveu na sala de estar comum, escondendo o manuscrito sob uma folha de mata-borrão sempre que uma dobradiça rangia, e ainda assim produziu frases sem fissura. Dela diz Woolf, num dos elogios mais precisos do livro, que “ali estava uma mulher por volta do ano de 1800 escrevendo sem ódio, sem rancor, sem medo, sem protestos, sem sermões”. A observação vale como critério de leitura para todo o ensaio: a raiva, mesmo justa, deixa marca na frase, como uma rachadura no vidro que desvia a luz. Austen escreveu com a frase que lhe convinha, não com a herdada dos homens; Charlotte Brontë, admite Woolf, talvez tivesse mais gênio do que ela, mas escreveu com fúria onde deveria escrever com serenidade, e seus livros saíram deformados.

No quinto capítulo, a irmã inventada ganha uma descendente com nome e livro: Mary Carmichael, autora fictícia de um romance também fictício, *Life's Adventure*. Nele a narradora encontra uma frase que trata como acontecimento literário em sua banalidade: “Chloe gostava de Olivia”. Duas mulheres dividindo um laboratório, sem que o enredo precise de um homem para dar sentido ao afeto entre elas. Woolf observa que até então as personagens femininas da literatura quase sempre existiram apenas em relação ao outro sexo, amantes, mães, rivais por um noivo. Frase e observação vêm de dentro do livro, não de fora dele; é assim que o ensaio se estuda a si mesmo, comentando o romance que acabou de inventar como se fosse resenha de um livro real.

O último capítulo chega aonde o ensaio talvez devesse ter começado, a proposição de que “uma mente que seja puramente masculina não consiga criar, assim como tampouco o consiga uma mente puramente feminina”. É a chave que explica por que Woolf recusou o convite óbvio de listar mulheres de talento como quem lista vencedores: o problema nunca foi provar que as mulheres escrevem tão bem quanto os homens, mas notar que a boa escrita exige de qualquer mente as duas metades em colaboração. Por isso o livro fecha não com um balanço, mas com uma promessa condicional. Se as leitoras tiverem dinheiro, teto e coragem de escrever o que pensam, então a irmã morta na encruzilhada, avisa Woolf, ainda pode voltar: “essa poetisa que nunca escreveu uma única palavra e foi sepultada na encruzilhada ainda vive”.

Fica ao leitor decidir se a promessa se cumpriu. O que não cabe discutir é o método: Woolf não trouxe estatística nem manifesto, trouxe uma tarde inventada à beira de um rio e uma irmã que nunca existiu, e com isso disse mais sobre a desigualdade material das letras do que qualquer catálogo do British Museum. É a ficção fazendo o trabalho do argumento, e fazendo-o bem.

J. Steinenberg

Nota do editor

Quem é quem em Um teto todo seu

Woolf falava em 1928 para estudantes de Cambridge e citava nomes que essa plateia reconhecia de imediato. As notas a seguir identificam as pessoas reais mencionadas no ensaio, com datas e o motivo de cada menção, para que o leitor de hoje possa situá-las sem interromper a leitura. Entre parênteses vão os capítulos em que o nome aparece. As figuras inventadas por Woolf têm ficha própria, e os lugares, instituições e publicações que o leitor brasileiro talvez não conheça vêm por último. No corpo do ensaio, um número sobrescrito após o nome remete à nota correspondente; ele aparece na primeira menção de cada pessoa em cada capítulo.

No almoço e na biblioteca de Oxbridge

1. Alfred Tennyson (1809–1892). Poeta laureado da rainha Vitória por mais de quarenta anos. Os versos “Caiu uma lágrima esplêndida” vêm do poema *Maud* (1855). Woolf o toma como a voz do que os homens cantarolavam nos almoços de antes da guerra. (caps. 1, 3 e 6)

2. Christina Rossetti (1830–1894). Poeta inglesa, irmã do pintor Dante Gabriel Rossetti. “Meu coração é como um pássaro cantor” abre o poema “A Birthday” (1861). Faz par com Tennyson na lembrança do primeiro capítulo, como o que as mulheres cantarolavam. (caps. 1 e 6)

3. Charles Lamb (1775–1834). Ensaísta, autor dos *Ensaaios de Elia*. Num deles relata o choque de ver, em Cambridge, o manuscrito de *Lycidas* cheio de emendas. É esse ensaio que leva a narradora à porta da biblioteca. (caps. 1, 4, 5 e 6)

4. John Milton (1608–1674). Poeta de *Lycidas* (1637) e *Paraíso perdido* (1667). No ensaio, além do manuscrito, ele encarna o peso da tradição masculina que as escritoras precisariam deixar para trás. (caps. 1, 2, 3 e 6)

5. William Makepeace Thackeray (1811–1863). Romancista de *A feira das vaidades* (1848). O manuscrito de seu *Henry Esmond* (1852) também se guarda na biblioteca que a narradora não consegue visitar. (caps. 1, 4 e 5)

6. Max Beerbohm (1872–1956). Ensaísta e caricaturista, tido na época como o mais elegante dos ensaístas ingleses vivos. Woolf o usa como medida para dizer que Lamb era ainda melhor. (cap. 1)

7. John Stuart Mill (1806–1873). Filósofo e economista, autor de *A sujeição das mulheres* (1869), texto de referência para as militantes que levantaram fundos para os colégios femininos. (cap. 1)

As escritoras antes do século XIX

8. Aphra Behn (1640–1689). Dramaturga, poeta e autora de *Oroonoko* (1688), considerada a primeira inglesa a viver do que escrevia. Woolf diz que todas as mulheres deveriam deixar flores em seu túmulo, na Abadia de Westminster. (caps. 4 e 5)

9. Anne Finch, condessa de Winchilsea (1661–1720). Poeta. Os versos contra a condição das mulheres citados no capítulo 4 são dela. Uma seleção de seus poemas, organizada por John Middleton Murry, havia saído em 1928, ano das palestras. (caps. 4 e 5)

10. Margaret Cavendish, duquesa de Newcastle (1623–1673). Escreveu poesia, teatro, filosofia natural e uma biografia do marido. Lamb a admirava. Woolf a vê como um talento que, sem formação nem interlocutores, se perdeu em extravagância. (cap. 4)

11. Dorothy Osborne (1627–1695). Suas cartas ao futuro marido, o diplomata William Temple, estão entre as mais vivas do século XVII. Woolf lê nelas o dom de uma romancista que a época não deixou existir. (caps. 4 e 5)

12. Fanny Burney (1752–1840). Romancista de *Evelina* (1778), admirada pelo Dr. Johnson e precursora de Jane Austen. (caps. 1 e 4)

13. Hester Thrale (1741–1821). Anfitriã e amiga íntima do Dr. Johnson, autora de memórias sobre ele. Quando se casou com o músico italiano Gabriel Piozzi, Johnson rompeu com ela, episódio que Woolf usa para falar do que os homens buscam nas mulheres. (cap. 5)

As romancistas do século XIX

14. Jane Austen (1775–1817). Autora de *Orgulho e preconceito* (1813) e *Emma* (1815). Escrevia na sala comum da casa e escondia as folhas quando alguém entrava. Para Woolf, a escritora que mais se aproximou da integridade de Shakespeare. (caps. 1 a 5)

15. Charlotte Brontë (1816–1855). Autora de *Jane Eyre* (1847) e *Villette* (1853). Woolf reconhece nela talvez mais gênio do que em Austen, mas lamenta que a raiva contra a própria condição invada certas páginas. (caps. 4 e 5)

16. Emily Brontë (1818–1848). Irmã de Charlotte, autora de um único romance, *O morro dos ventos uivantes* (1847), além de poemas. (caps. 3 a 6)

17. George Eliot (1819–1880). Pseudônimo masculino de Mary Ann Evans, autora de *Middlemarch* (1871–1872). Viveu com o crítico George Henry Lewes sem poder casar-se com ele e foi por isso afastada da sociedade respeitável. (caps. 1, 3, 4 e 5)

18. Mary Russell Mitford e Elizabeth Gaskell (1787–1855 e 1810–1865). Mitford ficou conhecida pelos quadros rurais de *Our Village*; Gaskell, pelos romances sociais e pela biografia de Charlotte Brontë (1857). Woolf as cita entre os temas possíveis de uma palestra convencional sobre mulheres e ficção. (caps. 1 e 3)

19. Florence Nightingale (1820–1910). Enfermeira e reformadora sanitária. No ensaio *Cassandra* (1852) queixou-se de que as mulheres nunca dispunham de meia hora que pudessem chamar de sua, queixa que ecoa no argumento do teto próprio. (caps. 3, 4 e 6)

Os homens que opinavam sobre as mulheres

20. Samuel Johnson (1709–1784). Crítico e autor do grande dicionário da língua inglesa (1755). Dele é a comparação entre uma mulher pregando e um cão andando nas patas traseiras, citada no capítulo 3. (caps. 2 a 5)

21. Oscar Browning (1837–1923). Historiador e fellow do King's College, em Cambridge, figura célebre e excêntrica da universidade. Sustentava que a melhor aluna era intelectualmente inferior ao pior aluno. (caps. 2, 3 e 6)

22. W. R. Greg (1809–1881). Ensaísta vitoriano. No artigo “Why Are Women Redundant?” (1862) defendeu que a essência da mulher era ser sustentada pelo homem e servi-lo. (caps. 3 e 6)

23. Samuel Butler (1835–1902). Romancista de *Erewhon* (1872) e *The Way of All Flesh* (1903). A frase sobre os homens sábios vem de seus cadernos de notas. (cap. 2)

24. Jean de La Bruyère (1645–1696). Moralista francês, autor de *Os caracteres* (1688), com capítulo inteiro dedicado às mulheres. (cap. 2)

25. Lord Birkenhead (1872–1930). Nome nobiliárquico de F. E. Smith, político conservador e ex-lorde chanceler, notório opositor do voto feminino. (caps. 2 e 3)

26. Deão Inge (1860–1954). William Ralph Inge, deão da Catedral de São Paulo, em Londres, e colunista de jornal conhecido pelas opiniões pessimistas e ácidas, o que lhe valeu o apelido de “deão melancólico”. (caps. 2 e 3)

27. G. M. Trevelyan (1876–1962). Historiador de Cambridge. Sua *History of England* (1926) é o livro em que a narradora procura “mulheres, situação das” no capítulo 3. (cap. 3)

28. Sir Egerton Brydges (1762–1837). Bibliógrafo e genealogista que reeditou escritos de Margaret Cavendish e reprovou-lhe a linguagem, imprópria, segundo ele, para uma dama de alta estirpe. (cap. 4)

29. Lady Bessborough e Lord Granville (1761–1821 e 1773–1846). Henrietta Ponsonby, condessa de Bessborough, era apaixonada por política, mas nas cartas ao amante, o diplomata Granville Leveson-Gower, desculpava-se por ousar opinar sobre o assunto. A correspondência foi publicada em 1916. (caps. 3 e 6)

30. James George Frazer (1854–1941). Antropólogo escocês, autor de *O ramo de ouro* (1890), citado em nota sobre o caráter sagrado atribuído às mulheres em sociedades antigas. (cap. 2)

31. Benito Mussolini (1883–1945). Chefe do governo fascista italiano desde 1922. Woolf o opõe a Goethe como exemplo extremo do desprezo masculino pelas mulheres. (caps. 2 e 6)

Cambridge e as fundadoras

32. Emily Davies (1830–1921). Sufragista e cofundadora do Girton College (1869), o primeiro colégio universitário para mulheres da Inglaterra. Woolf lembra seus estudos sobre a vida das moças de classe média. (caps. 4 e 6)

33. Anne Jemima Clough (1820–1892). Primeira diretora do Newnham College (1871), onde Woolf leu uma das palestras que deram origem ao livro. (cap. 6)

34. Sir Arthur Quiller-Couch (1863–1944). Professor de literatura inglesa em Cambridge, ou seja, professor da própria plateia de Woolf. O trecho sobre a pobreza dos poetas vem de seu livro *The Art of Writing* (1916). (cap. 6)

Contemporâneos de Woolf

35. Rebecca West (1892–1983). Jornalista, crítica e romancista. É dela o livro que faz um conhecido da narradora exclamar que West é uma “feminista deslavada”. (caps. 2, 3 e 4)

36. John Middleton Murry (1889–1957). Crítico e editor, viúvo de Katherine Mansfield. Organizou a seleção de poemas de Lady Winchilsea que Woolf lê no capítulo 4. (cap. 4)

37. Rudyard Kipling e John Galsworthy (1865–1936 e 1867–1933). Os dois romancistas de maior prestígio na Inglaterra da época; Kipling recebeu o Nobel em 1907 e Galsworthy o receberia em 1932. Woolf os toma como exemplo de escrita tão marcadamente masculina que deixa a leitora de fora. (cap. 6)

Citados de passagem

38. Woolf menciona ainda, de passagem, nomes do cânone que o leitor provavelmente reconhece: Chaucer (c. 1343–1400), Marlowe (1564–1593), Shakespeare (1564–1616), Ben Jonson (1572–1637), Pope (1688–1744), Voltaire (1694–1778), Sterne (1713–1768), Cowper (1731–1800), Goethe (1749–1832), Wordsworth (1770–1850), Coleridge (1772–1834), Shelley (1792–1822), Keats (1795–1821), Carlyle (1795–1881), Dickens (1812–1870), Flaubert (1821–1880), Tolstói (1828–1910) e Proust (1871–1922). De Coleridge vem a ideia, central no capítulo 6, de que uma grande mente é andrógina.

Personagens e lugares fictícios

39. São invenções de Woolf, e não pessoas reais: as narradoras Mary Beton, Mary Seton e Mary Carmichael, cujos nomes ecoam a antiga balada escocesa das “quatro Marias”, damas de companhia da rainha Maria Stuart; Mrs Seton, mãe de Mary Seton; Judith Shakespeare, a irmã imaginária do dramaturgo; o Professor von X, autor do tratado sobre a inferioridade mental das mulheres; Chloe e Olivia, personagens do romance também imaginário *Life's Adventure*; e os lugares Oxbridge e Fernham, fusões de Oxford, Cambridge, Newnham e Girton.

Lugares, instituições e publicações

40. **Headingley.** Bairro de Leeds, no norte da Inglaterra, sem relação geográfica com Cambridge. Woolf usa o nome para a estrada que leva a Fernham, e a troca reforça o caráter inventado da geografia do primeiro capítulo. (cap. 1)

41. **Newnham e Girton.** Os dois colégios femininos de Cambridge, fundados em 1871 e 1869. Em outubro de 1928 Woolf leu neles as duas palestras que deram origem ao livro. Suas alunas podiam estudar e prestar exames, mas a universidade só lhes concederia diplomas plenos em 1948. Fernham, o colégio imaginário do ensaio, é uma fusão dos dois. (caps. 1, 3 e 4)

42. Os colégios de Oxford e Cambridge. Trinity e King's pertencem a Cambridge; a biblioteca do Trinity guarda os manuscritos de Milton e Thackeray que a narradora tenta consultar. Balliol e Christ Church são colégios masculinos de Oxford, e Somerville, fundado em 1879, é um dos colégios femininos da mesma universidade. Woolf os cita como exemplo da riqueza acumulada ao longo de séculos pelas instituições dos homens, contraste com a pobreza de Fernham. (cap. 1)

43. British Museum e Bloomsbury. Até 1973 o British Museum abrigava também a biblioteca nacional britânica, cuja sala de leitura circular, sob uma grande cúpula, é o cenário do capítulo 2. Fica em Bloomsbury, bairro central de Londres onde a própria Woolf morava e que deu nome ao grupo de escritores e artistas ao qual ela pertencia. (caps. 2 e 6)

44. Ruas e lugares de Londres. A Strand é uma das grandes ruas comerciais do centro. Whitehall concentra os ministérios e simboliza o poder do Estado britânico. Harley Street é a rua dos consultórios médicos de prestígio, daí o “especialista de Harley Street”. No Hyde Park, o maior parque central da cidade, disparavam-se salvas de canhão nas datas da família real. (caps. 1, 3, 5 e 6)

45. Elephant and Castle. Cruzamento movimentado no sul de Londres, batizado com o nome de uma antiga taverna. É ali, sob um ponto de ônibus, que Woolf imagina enterrada Judith Shakespeare, como os suicidas que antigamente se sepultavam em encruzilhadas. (caps. 3 e 6)

46. Westminster Abbey e Câmara dos Comuns. A abadia de Westminster é a igreja das coroações e o lugar de sepultura de reis e de grandes nomes da literatura inglesa; Aphra Behn está enterrada em seu claustro. A Câmara dos Comuns é a câmara baixa do Parlamento, que até 1919 não admitia mulheres. (caps. 3, 4 e 5)

47. Haworth e Welbeck. Haworth é a aldeia de Yorkshire onde as irmãs Brontë viveram na casa paroquial do pai, hoje museu. Welbeck Abbey, em Nottinghamshire, era a residência dos duques de Newcastle, onde Margaret Cavendish se recolheu. (caps. 1 e 4)

48. Jornais e obras de referência. A *Saturday Review* foi um semanário conservador londrino, publicado de 1855 a 1938 e hostil à educação das mulheres. O *Times* é o principal diário de Londres. Burke e Debrett são os anuários que registram a genealogia, os títulos e as honrarias da nobreza; o *Whitaker's Almanack* é um anuário de dados oficiais. Woolf os cita para mostrar que a vida dos homens está documentada em detalhe e a das mulheres, não. (caps. 1, 3, 4, 5 e 6)

49. Ilha de Man. Ilha no mar da Irlanda, entre a Grã-Bretanha e a Irlanda, de onde vem a raça de gatos sem cauda chamada manês. O gato que atravessa o gramado no primeiro capítulo é um deles. (caps. 1 e 6)

Nota do editor

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO	Varginha Connect, Varginha (MG).
COLEÇÃO	Clássicos do Varginha Connect, volume 2.
CURADORIA	J. Steinenberg, personagem do Varginha Connect criado com inteligência artificial.
POR QUE ESTA OBRA	Porque trata, com dinheiro, chave e porta, do que separa uma pessoa da escrita, e porque a pergunta de Woolf, quase cem anos depois, ainda não perdeu o endereço.
TEXTO	Virginia Woolf, <i>A Room of One's Own</i> (1929). O original inglês está em domínio público no Brasil desde 1º de janeiro de 2012. Texto de partida: transcrição do Project Gutenberg Australia.
TRADUÇÃO	Varginha Connect. Rascunho feito pelo modelo Gemini (Google), revisado parágrafo a parágrafo contra o original pelo modelo Claude Sonnet (Anthropic) e lido por inteiro pelo editor.
PREFÁCIO	Bento Fólio, personagem do Varginha Connect criado com inteligência artificial.
POSFÁCIO	J. Steinenberg, personagem do Varginha Connect criado com inteligência artificial.
NOTA DO EDITOR	Varginha Connect.
CAPA	Ilustração original criada com inteligência artificial para esta edição. Projeto da capa e da contracapa: Varginha Connect.
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO	Varginha Connect. Composição automatizada em HTML e CSS, com saída em PDF e EPUB.
TIPOGRAFIA	Libre Caslon Text (títulos), Source Serif 4 (texto) e Libre Franklin (cabeçalhos e rótulos).
FORMATO	A5 (148 × 210 mm).

DISTRIBUIÇÃO

Gratuita: varginhaconnect.com.br/literatura

Edição Varginha Connect, 06/10/2026. A Room of One's Own, de Virginia Woolf (1929), em domínio público no Brasil desde 1º de janeiro de 2012. Tradução do Varginha Connect, feita com inteligência artificial, como explicado em "Sobre esta edição". Capa: ilustração original. Distribuição gratuita: varginhaconnect.com.br/literatura/

*“Uma mulher precisa ter dinheiro
e um teto todo dela se quiser
escrever ficção.”*

VIRGINIA WOOLF

Convidada a falar sobre as mulheres e a ficção, Virginia Woolf responde contando os dois dias que antecederam a palestra: os gramados de uma universidade inventada, um almoço farto, um jantar pobre, uma pesquisa no Museu Britânico e uma irmã de Shakespeare que nunca existiu. No caminho, chega a uma conclusão modesta e escandalosa ao mesmo tempo.



VARGINHA CONNECT

Texto original em domínio público · distribuição gratuita
varginhaconnect.com.br/literatura/